



DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXX – N.º 1389 • 1 de FEVEREIRO de 2016 • Preço Avulso Euros 1,25 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

[www.calvolima.com](http://www.calvolima.com)  
**IMOBILIÁRIA LIDER NO VALE DO MINHO**  
  
 MELGAÇO MONÇÃO VALENÇA P. COURA CERVEIRA CAMINHA MOLEDO ÁNCORA  
**VENDE ARRENDA TRESPASSA**  
**T. 251 654 924**

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA  
 Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

## 1921 votos para Marcelo em Melgaço

págs. 24 e 25



## Criação de Associação Empresarial em Melgaço

pág. 28



## Amial | S. Paio Um lugar sem residentes

pág. 13



## Fim de Semana Gastronómico

pág. 11



## Campanha "Um dia pela Vida" une Comerciantes em Iniciativa Solidária

pág. 19

## Alvarinho: Plantar ou não plantar?

pág. 26

Carlos Lemos em Livro  
pág. 3

História breve do Palácio da Brejoeira  
pág. 4

Empresa brasileira faz parceria com SCMelgacense  
pág. 7

Como aperfeiçoar a social democracia?  
pág. 9

Rituais de carnaval  
págs. 10 e 11

Salada de umbigo-de-vénus  
pág. 12

Já pensou em desenhar a sua vida?  
pág. 16

Que fazem hoje as "Meninas de Castro Laboreiro" descobertas por Saramago  
pág. 17

35 horas: subvenções e fantasias  
pág. 29

Visita ao Irão  
págs. 30 a 12

De Nazaré a Haifa  
págs. 31 a 32



## QUINTA DE JUSTE

SANTA LUCRÉCIA – BRAGA

VINHO DE QUINTA



Verde Tinto

"FEITO DE UVAS EXCLUSIVAS DA QUINTA"



Verde Branco: Loureiro

De Segunda a Sexta, das 08h às 17h e Sábados, das 09h às 12h e das 13h30 às 17h

Rotas dos Vinhos Verdes

Telef. 253 284 390

## OZONOTERAPIA

TRATAMENTO FEITO PELA ADMINISTRAÇÃO DE OXIGÉNIO E OZONO

Efeitos benéficos para o organismo, sobretudo para tratamento das dores osteomusculares e úlceras originadas por má circulação e diabetes.

Tem efeito oxigenante, revitalizante, anti-oxidante, regenerador, anti-álgico e anti-inflamatório.

Experimente e verá que ultrapassa as melhores expectativas.

MÉDICO:  
**Doutor José António Marques Magalhães**  
 ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA  
 UNIVERSIDADE DE UCLA - LOS ANGELES - EUA



Quartas-feiras, de quinze em quinze dias:  
 Rua de Santiago, 51 | MELGAÇO | Tel.: 251 404 002



# Degredo na Serra

Estava-se no ano de mil novecentos e trinta e sete, talvez trinta e oito. A dona Gina chegou já o ano escolar ia adiantado e o frio se fazia anunciar. Alguém enviado por ela ou por quem com ela se preocupava a tinha precedido para encontrar uma casa para a acolher e ao filhinho e à ama de leite. Só depois de tudo de acordo com as condições requeridas, as mínimas seguramente, pois naquele fim de mundo não se pedia nem podia exigir mais do que isso, é que a professora se apresentou. Antes dela já tinha chegado a notícia de que a sorte das crianças, a chegada de uma professora, era o castigo da mestra. Iria cumprir na serra uma qualquer pena que aos nativos pouco importava, ficavam contentes com alguém que ensinasse a criança a ler, escrever e fazer contas.

A dona Gina não deu sinal de fraqueza perante os cerca de oitenta alunos que se apresentaram na escola. Podia ter excluído os que já tinham ultrapassado a idade de frequência escolar, mas escolheu não o fazer, pelo que a faixa etária ia dos sete aos quinze ou dezasseis anos. Não havia carteiras para todos, levavam um banco de casa para se sentarem, no chão não queria ninguém. Os mais adiantados eram chamados a tutorar os mais lentos e os mais pequeninos aconselhava-os a irem ouvindo e tentando perceber o ambiente da sala, entenderem se se sentiam mais atraídos para os números ou para as letras, desenhavam na lousa os símbolos do abecedário e os algarismos que nunca eram apagados do cimo do quadro preto; no ano seguinte aprenderiam depressa e bem, seria a vez deles de terem as atenções da professora e num ai estariam a ler e a escrever. À parte de alunos que não cabia nestas categorias aplicava a dona Gina a pedagogia que fizera dela uma aluna brilhante na escola do magistério primário do Porto, seriam eles os melhores e ficariam preparados para a vida, garantia-lhes.

Resistiu mal aos primeiros embates do tempo, nunca imaginara que pudesse ser tão difícil a vida naquele lugar. Alguns alunos mais velhos, condoídos da mestra, explicaram-lhe que tinha de acender uma boa fogueira e usar a roupa da terra. Para fazer o lume, pedia aos às crianças mais velhas para irem buscar lenha

ao monte e pensou ter vencido a dureza do clima até que um rapazinho foi vítima de um acidente. Os colegas transportaram-no inconsciente, primeiro para a escola e depois para casa. Os gritos da mãe ainda hoje ecoam nos ouvidos da narradora da história. Pensando que o filho estava morto, a mãe chorava por ele e gritava contra a má sorte e as más ordens da professora que o mandara buscar lenha enquanto devia estar na escola. Não podia calar-se, queria que se fizesse justiça. Acalmou-se quando o seu Abel deu acordo de si. A dona Gina não saiu da porta deles enquanto não viu o menino e prometeu pagar as despesas com o médico e o que mais fosse necessário. Não foi ao médico nem saiu da casa da mãe, curou-se sem recurso à medicina ou a endireitas, só com os cuidados da progenitora. Quando voltou à sala de aulas ia mais branco e mais gordo, o repouso no remanso do lar e os caldos de galinha e as lambarices a que teve direito eram a prova provada de que a mãe sabia o que fazia ao guardá-lo pertinho de si.

Depois deste episódio de triste memória para todos, a professora fez apelo ao contributo solidário dos pais das crianças: pediu a quem tivesse possibilidades que lhe levasse lenha para a escola e para casa. Dispensava prendas, que sabia serem de uso, mas de lenha precisava muito, tanto ela como a ama que amamentava o filho e cuidava da casa não se habituavam à dureza do clima da terra fria. E só estavam em novembro, o pior estava para vir, garantiam-lhe. A resposta ao seu apelo fez chegar os carros de lenha de muitos lugares em redor. Alguns dos alunos mais velhos foram industriados para lhe irem cortar os giesteiros e garantir que a senhora professora e a criada podiam alimentar o lume de manhã à noite, nem elas nem o menino passariam frio. Infelizmente, na escola foi impossível acender uma fogueira, o espaço era pouco para acomodar as crianças todas, famintas de aprender e com uma professora desejosa de lhes abrir caminhos que ela queria que pudessem levá-los longe. Havia uma braseira que alguns alunos iam alimentando com brasas que levavam de casa e mais que iam buscar a algumas casas próximas e à da professora. Esta e as crianças aqueciam as mãos à vez, mesmo

quando as frieiras tornavam o conforto quase insuportável.

Arranjou casa de morada bem pertinho da escola. A sua sorte advinha da certeza de o António Tojeira ter perdido por completo o interesse em voltar para a casa onde as irmãs tinham passado os últimos anos de vida. Depois de saber que Maria e Laura tinham acabado a sua passagem por esta terra vítimas da inclemência do tempo, amparando-se uma à outra e procurando o calor da besta que as acompanhava para resistirem ao nevão em que se viram enterradas, o irmão ficou sem vontade de regressar à terra de seus pais e avós. Preferia afastar-se, rejeitar o torrão materno e as lágrimas que as visitas ou o retorno definitivo seguramente provocariam. As irmãs o tinham criado, às irmãs proporcionara o conforto possível do seu esforço em terras brasileiras, pelo que depois do triste fim que foi o delas lhe era custoso voltar. Fez uma visita para encontrar algum sentido no regresso, reconstruiu a casa de família, a sua casa. Calcorreava montes e vales, dava-se por ele ao longe, sempre com um bordão na mão e uma boina basca na cabeça. Foi nessa altura que começou a deixar crescer a barba, nunca mais a cortaria, conta-se. Em memória das irmãs e em sinal de desgosto. Antes de partir para o Brasil entregou os bens a um primo, instruindo-o para que fosse vendendo as courelas e conservasse a casa. Foi com este primo que se fez o contrato para a dona Gina aí se instalar.

A professora tinha vários motivos fortes para agir de modo diferente das que a tinham precedido e que se limitavam a desaparecer quando o frio apertava. Às primeiras farripas de neve ou após um mês a chover sem interrupção, as professoras adoeciam, partiam para se tratarem e só voltavam quando a primavera ia adiantada. Um ano letivo tinha um ciclo de dois meses, no máximo, seguidos de quatro ou cinco de pausa e mais dois ou três no final. A dona Gina, irmã do diretor que a enviara para aquele fim de mundo de castigo, não abdicava da sua condição de professora e queria provar que era capaz de ocupar dignamente o seu lugar e cumprir o seu papel por mais adversas que fossem as circunstâncias. Tinha o apoio do pai e do marido e já que não abdicava de um



posto, seria colocada onde a sua independência e rebeldia não fizessem moça. É difícil acreditar que uma senhora rica escolhesse viver naquelas condições, com falta de quase tudo, mas o certo é que fazia sentido, pois se chegou acompanhada por uma ama de leite é porque podia.

Aguentou um ano inteiro, só saiu pelo Natal e pela Páscoa e o seu magistério seria recordado durante décadas, sobretudo pelas mulheres que com ela aprenderam a ler, quando já tinham ultrapassado em muito a idade de ir à escola. Algumas houve que lhe devem o pouco conhecimento que adquiriram e quando a dona Gina se despediu dos alunos, as

únicas prendas que levou foram as lágrimas de saudade do futuro que não mais partilharia com eles.

*Olinda Carvalho*

**A VOZ DE MELGAÇO**

Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
Site: www.vozdemelgaco.pt/la  
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:  
n.º 163455/01

Registo de Imprensa  
n.º 101960

Tiragem deste número  
1.900 ex.

**Director**

Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

**Editor**

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

**Redacção**

Júlio Nepomuceno Vaz  
Manuel Luís Vaz

**Correspondentes**

João Martinho Silva – Melgaço  
Moisés Costa – Melgaço

**Colaboradores:**

Abílio Francisco Conde – Melgaço  
Alberto Magno P. Castro – Valença  
Alcídio Silva Figueiredo – Porto  
Álvaro Carvalho – Braga  
Ana Cristina Costa – Braga  
António Jorge Tavares – Açores  
Armada Urze – Melgaço  
Arménio Augusto de Melo – Braga  
Armindo Vaz (Dr.) – Macau  
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos  
Gaspar Caldas – Melgaço  
Helena Matos – Braga  
José Afonso Marques – Orense  
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro  
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga  
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana  
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção  
Manuel Félix Igrejas – Brasil  
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga  
Manuel José Pereira – Penso  
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço  
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil  
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga  
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa  
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga  
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria  
Pe. Manuel Domingues – Chaviães  
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa  
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

*Membro da:*

AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

## PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;

4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

**Gerência:**

Carlos Nuno Salgado Vaz e  
Júlio Nepomuceno Vaz

**Capital Social:**

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do  
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio  
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e  
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

**PRÉ-IMPRESSÃO:**

Candeias Artes Gráficas  
Rua Conselheiro Lobato, 179  
4705-089 BRAGA

**IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E**

**EXPEDIÇÃO:**

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga  
Telef. 253 303 170

**Assinatura anual:**

Portugal – 20 Euros  
Estrangeiro – 25 Euros



# História de uma Vida Carlos Pereira de Lemos

**Este nosso distinto conterrâneo que hoje é cônsul honorário em Melbourne, na Austrália, nasceu junto à Igreja da Orada, em 1926. O pai, que nunca conheceu, abandonou a mãe a quem prometera casamento. Ficou a saber mais tarde que era guarda-fiscal e morava em Paços.**

Bem quis recordar a casa onde nasceu, mas como ardeu, só pôde ver as pedras com sinais de fumo.

Abandonada, a mãe foi com o filho para Couso viver com o pai dela e avô do Carlos. Chamava-se Braz Pereira de Lemos, que tinha sido guarda-fiscal em Castro Laboreiro. Era natural de Afife, Viana. Aposentou-se em Couso: «uma aldeia como muitas naquele tempo que nem tinha acesso por estrada, electricidade ou telefone. Mas a pequena população era unida e

existia grande espírito de entreajuda. Todos colaboravam na lavoura e ajudavam quem precisava».

Um pormenor interessante: o Carlos gostava de levar o correio ao padre Custódio, pároco de Couso, «porque sendo na sua residência que se faziam as hóstias para a comunhão, a Maria dava-me as aparas do que não era usado». (P. 2)

Frequentou a escola primária de Couso e fez o exame da terceira classe em Cubalhão. Foi com essas habilitações que ficou durante uns bons anos.

Como o avô resolveu ir viver para a Assadura, na Vila, com o filho Germano, a mãe do Carlos foi viver para Quintela, Riba de Mouro, com o José, seu filho mais velho.

Nesta altura estava a construir-se a estrada de Pomares a Castro Laboreiro. Enquanto os trabalhos de construção progrediam em território de Cubalhão, o pároco de então, Padre José Marques, montou uma pequena loja com o objectivo de fornecer alguns produtos aos

trabalhadores da estrada e também aos habitantes de Cubalhão. Foi para esta loja que o Carlos foi para tomar conta, devia ter uns doze anos. E o padre Marques fazia plena confiança nele.

Os produtos que se vendiam na lojinha vinham da Vila. Conta o Carlos: «.. eu ia buscá-los num burro. Lembro-me de levar o azeite nuns odres enormes, balanceados no burro com o bacalhau, o açúcar, o sal, o arroz, enfim, produtos que os campos locais não produziam».

Quando a estrada avançou bem para lá de Cubalhão, o padre Marques mandou construir um barracão mais próximo para os trabalhadores. E o Carlos foi para lá tomar conta da loja. Lá ficava também de noite, sozinho, na barraca onde também comia e dormia. Apesar da pouca idade, não se atemorizava facilmente. Conta ele: «Os lobos, que têm um bom olfacto, deviam saber que dentro da barraca estava um bom petisco, rondavam a barraca e uivavam toda a noite. E em-

bora eu me sentisse seguro dentro, o que é certo é que aquela presença me amedrontava. E havia muitos lobos. Numa noite de luar, através das frinchas, contei dez, mas devia haver mais, porque eu não tinha 360 graus de visão». Nem precisou de usar a espingarda de carregar pela boca que o padre Marques lhe tinha deixado.

Por hoje, ficamos com as palavras: «Devo dizer que a experiência naquele ambiente áspero e inóspito ajudou a formação e a superar dificuldades pela vida fora. Até o contacto humano com a clientela da loja ajudou, porque o nível de educação da maioria não era elevado e tinha até que lidar com bêbados. Mas o que é curioso é que sendo tão novo fui sempre

bem tratado por todos, e alguns até admiravam a minha coragem.

Devo também dizer que o Padre Marques fez uma confiança enorme em mim e eu sabia que os poucos lucros das suas negociatas destinavam-se a ajudar nas despesas das obras que estava a fazer na Igreja».

CONTINUA

Carlos Vaz






**Na  
Esthetic Smile**

**Ao fazer seu implante com Cirurgia Guiada  
receba um sistema de higiene oral:  
IRRIGADOR WATERFLOSSER**






**MEDICINA DENTÁRIA**  
Implantes com Cirurgia Guiada  
Sedação Consciente  
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)  
DSD (Dental Smile Design)  
Estética Facial (Toxina Botulínica e Ac. Hialurónico)  
Ozonoterapia  
Plasma e Fatores de Crescimento  
Banco de Ossos  
Tratamentos Convencionais



**+351 251 404 002**  
antoninohebe@sapo.pt


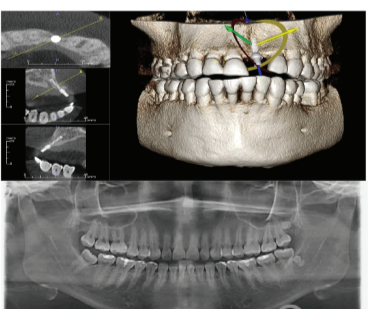
Custa menos Sorrir Melhor!!!!  
Travessa de Santiago nº 67  
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no [Facebook](https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço): <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço>





**2016  
Ano de Prevenção  
e Rastreio**

**Durante todo o ano de 2016  
Preços especiais em  
Radiodiagnóstico na  
Esthetic Smile**

**MEDICINA DENTÁRIA**  
Implantes com Cirurgia Guiada  
Sedação Consciente  
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)  
DSD (Dental Smile Design)  
Estética Facial (Toxina Botulínica e Ac. Hialurónico)  
Ozonoterapia  
Plasma e Fatores de Crescimento  
Banco de Ossos  
Tratamentos Convencionais



**+351 251 404 002**  
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!  
Travessa de Santiago nº 67  
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no [Facebook](https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço): <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço>



# Palácio da Brejoeira | História breve

Na madrugada do dia 30 de Dezembro de 2015 faleceu D. Hermínia Paes, “a senhora da Brejoeira”, conforme veio noticiado no último número de A Voz de Melgaço.

Por causa desse infausto acontecimento, achei oportuno trazer ao conhecimento dos leitores de A Voz de Melgaço alguns apontamentos compilados ao longo dos anos sobre a história do Palácio da Brejoeira, que margina a estrada nacional nº 101, que liga Monção aos Arcos, na freguesia de Pinheiros, do concelho de Monção.

Acrescento que sobre o Palácio da Brejoeira é hoje imprescindível a leitura da obra de Ernesto Português Cadernos de Contas de um Barbeiro – Memórias de Monção, editado pela Câmara Municipal no ano de 2010, pp. 89-110, onde é feita uma síntese notável da sua história.

E junto uma fotografia que foi capa da Revista Ilustração Catholica de Braga, do ano de 1913, vendo-se nela o Palácio ainda sem muros, a ladear a estrada dos Arcos, então em macadame.

O mais antigo desses apontamentos fui-o encontrar numa revista ainda mais antiga, O Ocidente, de 1 de Julho de 1881, que foi publicado para glorificação do último grande dignitário da Brejoeira, Simão Pereira Velho de Moscoso (1805-1881).

Diz-nos esse artigo que o Palácio fica na freguesia de S. Cipriano de Pinheiros, no Minho, perto de Monção. É solar de um morgadio, instituído em 1500. Foi edificado pelo Comendador Luís Pereira Velho de Moscoso, o Morgado da Brejoeira, pai de Simão Pereira Velho de Moscoso, falecido algum tempo antes. Levou 28 anos a construir, tendo as obras começado em 1806, e terminado em 1835, sem qualquer interrupção dos trabalhos.

Num breve aparte, direi que esses tempos devem ter sido bons para a região nortenha, com obras a iniciarem-se pouco antes das invasões francesas – a segunda, de 1809, com entrada pela Galiza e até à cidade do Porto, andou por perto –, a prosseguirem durante as mesmas e a prolongarem-se até bem depois delas, garantindo emprego a muitos alto-minhotos e galegos, por todos aqueles anos.

Curiosamente, a construção do Palácio começou quando o absolutismo começava a entrar em crise e resistiu aos tempos novos do liberalismo, o que jus-

tifica a conversão do miguelista Luís Pereira Velho de Moscoso em liberal, conforme tão bem vem narrado na já referida obra de Ernesto Português.

Voltando ao texto publicado em 1881, Simão Pereira Velho de Moscoso, o último dos Moscosos, cegara “de todo” nos últimos anos de vida e deixara de visitar Lisboa, onde tinha parentes e amigos.

Morreu nesse ano, solteiro, sem sucessão em linha directa e depois de uma vida preenchida e extravagante, segundo reza a lenda. O seu enterro foi feito com pompa extraordinária e conforme os usos da localidade, tendo comparecido 65 padres, 300 carpideiras e aproximadamente 3000 pobres! Os padres receberam 1500 reis por cabeça, tendo-lhes sido servido um lauto jantar, onde se consumiram 90 Kls de pescada cozida, 30 Kls de bacalhau assado polvilhado de açúcar, 16 sáveis fritos, queijo, pão e vinho (tanto padre, tanto peixe, nenhuma carne, seria Páscoa, seria abstinência, jejum não, certamente...). As carpideiras receberam 200 reis cada e os pobres 100, calculando-se as despesas do funeral em cerca de 900 mil reis.

Culmina a notícia que o Morgado da Brejoeira deixou uma fortuna superior a 1000 contos, tendo feito um legado de 20 contos ao Hospital de Monção (Misericórdia). O acervo restante da herança, depois de deduzidos outros legados, foi dividido por quatro parentes que viviam no Reino, sendo um deles o General Palmeirim.

Foi sepultado na capela-mor da Igreja de S. Cipriano de Pinheiros e a este propósito, diz-nos Ernesto Português, ob. cit., p. 99, que a pedra tumular de Simão Pereira Velho de Moscoso ainda se encontra na referida igreja “agora encoberta pelas últimas obras aí realizadas”.

Falecido o último grande Senhor da Brejoeira e depois de alguns anos de abandono ou de descuido, o Palácio foi adquirido pelo Conselheiro Pedro de Araújo, abastado comerciante, em hasta pública realizada na Bolsa do Porto, em meados de 1901, segundo notícias da época.

Seguiram-se tempos em que o Palácio sofreu obras de vulto, projectadas pelo famoso arquitecto Ventura Terra, natural de Seixas, que o visitou com essa finalidade logo no ano de 1901, facto que é comprovado por uma notícia publicada num jornal de Monção.

O meu avô Henrique José Nunes recorda essas obras no seu Diário, anotando que passou na Brejoeira em Abril de 1905, tendo visto “as obras imponentes que ali se estão operando dia a dia. Só visto!”

Findas as obras de restauro, o Conselheiro Pedro de Araújo, passou a abrir as suas portas, povoando-o de familiares, amigos e convidados da Casa Real, da política, da igreja, da alta finança, do comércio e da indústria, de Lisboa, Porto e Braga, entre eles D. António Barroso (1854-1918), “figura notável e majestática do episcopado português e Senhor do Bispado do Porto”, que entre 1901 e 1910 foi visita assídua do Palácio da Brejoeira.

Também D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo de Braga, D. Afonso de Bragança, irmão do Rei D. Carlos, D. António Costa, que foi Ministro da Instrução, José Rosas, joalheiro portuense, entre outros, frequentaram o Palácio.

Recorde-se que até 1915, o comboio tinha a sua última estação em Valença e o resto da viagem até Monção era feita em carros de tracção animal por uma estrada em macadame, o que a tornava muito cansativa. Apesar disso, como se disse, muitas personalidades da política, da igreja e da finança visitaram Monção, hospedando-se no Palácio da Brejoeira, por ali aparecendo os primeiros automóveis que circularam no Alto-Minho.

Esses ilustres visitantes, sobretudo por ocasião das grandes festas, eram muito importantes para Monção, reflectindo-se no seu quotidiano, porque davam à vila, então pacata e fechada, uma actividade social e comercial inevitavelmente frenética.

Na verdade, como lembra Silvano da Raia nos seus Recôrdos de Monção, “todos os dias, equipagens do palácio, com os seus belos e trotadores alazões, apareciam na Vila, ora para efectuarem compras e levar o correio e jornais, ora para vir buscar e trazer o Padre Simão Abreu, que durante a sua vida foi capelão privativo da Brejoeira, onde era muito considerado pela sua larga cultura, óptimo convívio e elegância da sua figura inconfundível”.

O fim da Monarquia, em 1910, levou a algum distanciamento de Pedro de Araújo, assim terminando os anos faustos da Brejoeira, que não mais ressurgiu com a intensidade doutrora para a vida palaciana. Apesar disso o convívio e as festas ainda se



prolongaram até cerca de 1922, ano em que faleceu o seu proprietário.

Para finalizar, direi breves palavras sobre os proprietários do Palácio da Brejoeira.

Previamente, porém, recordarei o que Silvano da Raia escreveu sobre o Palácio da Brejoeira: “foi berço de uma família nobre e famosa – os MOSCOSOS –, que tinha orgulho no seu brasão de direito e no seu lema: “Os Reis descendem dos Moscosos e não os Moscosos dos Reis”. E acrescenta, “se orgulhosos eram do seu brasão, eram modestos e fidalgamente generosos para receberem à sua mesa todos os viandantes que solicitavam a sua assistência e, por vezes, o seu valimento e influência para se libertarem das garras do fisco ou da justiça, pois o Palácio, por direitos de mercê, era tabu para as autoridades. E não há notícia que o Senhor da Brejoeira, Moscoso, fidalgo de raça, inquirisse qualquer foragido a contar a sua odisseia ou desgraça e antes se diz que com dobrões do seu ouro muitos atravessaram o Rio Minho e acoitaram-se em terras de Espanha”.

Foi fundador do Palácio da Brejoeira Luís Manuel Pereira Velho de Moscoso, nascido em 29/11/1767 (não consegui saber a data do seu passamento, ocorrido durante ou logo após 1831), que casou com Maria Cleófa Pereira Caldas, de Badim – de anotar que o palacete existente no Largo do Caldas, em Lisboa, era propriedade da família). Era fidalgo da Casa Real e senhor da Quinta do Vale da Rosa, onde foi edificado o palácio, a partir de 1806 e até 1834. Pensa-se que o projecto inicial teve a assinatura do arquitecto, engenheiro e militar bracarense Carlos Amarante.

Sucedeu-lhe o seu filho Simão Pereira Velho de Moscoso (1805-1881), que morreu solteiro e foi o último senhor da Brejoeira, figura marcante, sobretudo pelo modo como recebia os visitantes, conforme já acima evidenciámos.

Por falta de parentes próximos, herdou o Palácio da Brejoeira a família Caldas (primitivos donos do Palácio do Caldas, no Largo do mesmo nome, em Lisboa), sabendo-se que D. Joana Caldas terá sido a sua terceira proprietária, numa altura em que a degradação se acentuava dia a dia.

O quarto proprietário foi o já referido Conselheiro Pedro Maria da Fonseca Araújo (1862-1922), notável comerciante do Porto que o adquiriu, ao que parece, numa hasta pública. Com ele, como foi mote desta crónica, voltaram os tempos áureos da Brejoeira. Com a sua morte, voltou a decadência do Palácio.

O Palácio da Brejoeira foi classificado como Monumento Nacional em 23 de Junho de 1910.

A partir daí, já é mais conhecida a história do Palácio. Assim, no ano de 1937 o imóvel foi vendido a Francisco d’Oliveira Paes, de Lisboa, seu quinto proprietário.

A mais recente proprietária foi a sua filha, D. Maria Hermínia d’Oliveira Paes, sexta proprietária, que deu nova vida ao Palácio, construindo-se nos anos 60, sob a sua administração uma adega moderna. Finalmente, em 1976, é lançado para o mercado, com marca própria, o afamado vinho Alvarinho “Palácio da Brejoeira”.

D. Maria Hermínia Paes faleceu no dia 30/12/2015 (RIP).

Braga, 12 de Janeiro de 2016  
José António Barreto Nunes



# A produção escrita de António Luís Vaz

## EM TERRAS DE SANTA CRUZ – XLVIII

### Reacção e Esperança. O Inimigo não passará



É natural que o leitor ficasse bastante desapontado com o que ontem publicámos. Espero, no entanto, que essa impressão se dilua perante o que hoje vou referir como antídoto ao inimigo que espreita e tudo faz para firmar pé na América.

É esse o grande erro dos poucos brasileiros que julgam salvar-se gritando contra esse palavrão inventado pelos russos para melhor poderem realizar os seus intentos – o colonialismo! Moscovo, estratégia habilíssimo, quando fala em África, está a pensar na América! Desvia, assim, as atenções e vai-se infiltrando a pouco e pouco, de modo que, ao dar-se pelo risco iminente, já o cavalo de Troia se encontra dentro da cidade.

E não é assim coisa de somenos, o perigo comunista, em toda a América e, portanto, no Brasil:

perigo resultante da circunstância de ainda não estarem resolvidos os problemas sociais. Só a rápida industrialização do país lograria afastar o perigo iminente. É, aliás, a conclusão de Djilas, o célebre doutrinador jugoslavo, ex-presidente do conselho daquele país: se uma nação agrícola deseja furtar-se à revolução, cuide imediatamente de se industrializar ao máximo... Ora, o Brasil ainda não tratou a sério, isto é, mediante planos quinzenais, de programar a revolução industrial do país, conquanto sejam muitas e notáveis já as realizações existentes. Aliás, mostram-no-las ufanos – e legitimamente, o mais é que se trata de êxitos mínimos e de realizações piloto... Como tais, como expressão ousada de vanguarda, são todas elas magníficas.

Sem a reforma industrial, tudo o mais é fantasia: elevação do ní-

vel de vida, salários elevados, prosperidade geral, moeda valorizada, grande poder de compra etc., etc..

Muitos subestimam o perigo comunista no Brasil, tomando para fundamento da opinião a circunstância de o povo ser bom, ordeiro, simples, de excelentes virtudes cristãs. Pouca polícia basta para manter a ordem. Esquecem tudo o mais: a experiência dos países comunistas, as equipes revolucionárias que trabalham a nação, embora de sapa, as necessidades clamorosas da população que pede – e não tardará a exigir – solução drástica para este círculo vicioso: salários baixos, custo de vida caro, miséria, fome etc., etc..

O número de comunistas filiados ascende no Brasil a 251.000, no entanto os cripto-comunistas andam à roda dos 300.000, pelo que é fácil totalizá-los em 551.000.

É um número despiendo? Por Deus, não brinquem com coisas sérias!... Não ridicularizem o ímpeto revolucionário de elites bem treinadas, que sabem aproveitar-se da ocasião... Os comunistas russos, em 1917, não eram tantos e tomaram conta do império.

\* \* \*

A Igreja trabalho, no Brasil, a todo o pano. Sabendo que terá pela frente um escol revolucionário e que o clero é muito pouco para tarefa gigantesca e difícil como esta de salvar o país do abismo, procura formar um estado-maior militante, isto é, consciente e válido, para defrontar os perigos de hoje e evitar a tragédia de amanhã.

Só engenheiros, médicos, advogados, arquitectos, professores, em suma, técnicos sociais, poderão enquadrar os milhões de brasileiros

agora atónitos, à margem dos problemas e muitos deles nem sequer sonhando com o remédio.

Já vimos que está publicado o livro *“Reforma Agrária Questão de Consciência”*, o qual é como solução-base para esse tremendo problema da propriedade agrícola. Os demais sectores estão a ser rapidamente ocupados por um pessoal dirigente saído das 112 faculdades católicas que existem em todo o Brasil. As universidades oficiais têm 56% dos alunos universitários, mas os restantes 44% são-no das universidades católicas.

Que belo exemplo nos dão, a nós portugueses, que não temos nenhuma, neste século XX, onde duas civilizações se defrontam!

Aliquis  
(Diário do Minho, 1968)  
Júlio Vaz

## Paixões e sociedade

Há uma passagem de A teoria dos sentimentos morais, de Adam Smith, que dá verdadeiramente vontade de pensar a partir dela. Adam Smith nota que para alguém que, desde o seu nascimento, tivesse vivido em perfeito e absoluto isolamento de qualquer forma de sociedade, os objectos das suas paixões (hoje em dia, dir-se-ia: emoções), os corpos exteriores que lhe dessem prazer ou o ferissem ocupariam toda a sua atenção. As paixões propriamente ditas, os desejos ou as aversões, as alegrias ou as tristezas que esses objectos excitariam, dificilmente poderiam ser objecto dos seus pensamentos. A ideia delas nunca o poderia interessar ao ponto de chamar a sua atenção.

A ideia não é, é claro, inteiramente nova, mas o século XVIII, que se ocupou talvez mais do que qualquer outro com a reflexão sobre a sociabilidade dos seres humanos, permitiu a Adam Smith exprimi-la de uma forma particularmente feliz. Se se quiser uma ilustração quase caricatural da tese, basta pensar na história de Tarzan e de Jane. Jane inspirou, sem dúvida, segundo a lenda, sentimentos muito elevados a Tarzan. Mas é um bom bocado difícil imaginar Tarzan, sozinho depois do primeiro encontro, confortavelmente

instalado no galho de uma árvore e fumando sonhadoramente um cigarro, enquanto à sua volta leões rugiam e os restantes animais da selva emitiam os ruídos que lhes compete emitir, pensar para si mesmo algo como: “Jane, estou loucamente apaixonado por ti”.

A vida em sociedade permite-nos indiscutivelmente estes pequenos prazeres desconhecidos de Tarzan. E não existe, é claro, vida em sociedade sem uma partilha de paixões (medos, alegrias, e por aí adiante) entre os seus membros, paixões essas que variam nos seus modos de sociedade para sociedade, às vezes variando tanto que há quase uma radical incompatibilidade entre uns modos e outros. Os tempos que vivemos dão-nos demasiados exemplos dessas incompatibilidades para não ser necessário elaborar muito na matéria. Ou antes: é até muito preciso elaborar muito na matéria, para percebermos com algum discernimento o que se passa e que corre, ou corria, sob a designação de “choque de civilizações”. Mas não é isso que me interessa aqui, neste momento.

O que interessa é que, de facto, o nosso contacto com a realidade social (e não apenas com esta, de resto) se parece fazer, de um modo muito mais vasto do que normal-

mente se pensa, através de um filtro emocional que dita o grosso dos nossos comportamentos. Em jargão filosófico, através de desejos de segunda ordem, ou desejos de desejos. E que uma sociedade só subsiste se houver uma comunidade assaz extensa desse tipo de desejos. A não existir tal comunidade, a sociedade dificilmente sobrevive.

Ora, sendo os seres humanos aquilo que são, há quase fatalmente dois tipos de atitude face a essa partilha de desejos reflectidos, de desejos de segunda ordem, de desejos de desejos. Uma das atitudes possíveis aceita uma grande flexibilidade na simpatia que nos une. Vivemos em sociedade, mas, dentro de uma certa comunidade de desejos, há margem para uma grande diversidade nas suas manifestações. Apesar de tudo, não somos todos uma única pessoa. Somos muitas pessoas, vivendo contiguamente, e partilhando semelhanças (a começar, obviamente, a da língua), mas muito diferentes entre si. Aceitar essas diferenças é fundamental.

A outra atitude leva a exigência da comunidade das paixões a um patamar muito mais elevado. É como se a exigência da semelhança adquirisse proporções inauditas, a tender para a quase identidade. Um pouco à maneira do gosto estético:

como se nos sentíssemos no direito de exigir que todos os outros partilhassem o nosso. Qualquer posição contrária à nossa se veria afectada de uma ilegitimidade fundamental, tanto moral como política. É a atitude dos entusiastas, que exigem uma feroz unanimidade em quase tudo.

Admito perfeitamente que possa ser exagero meu, embora duvide. Na nossa sociedade, é a chamada “esquerda”, ou uma boa parte dela, que adopta maioritariamente a segunda atitude. Não é só a manifesta tendência a supor a radical ilegitimidade daqueles que não partilham o modo como as paixões comuns são por ela concebidas. É a própria adopção de um entendimento quase estético da comunidade das paixões que vê a luz do dia e que conduz a uma indisfarçável arrogância e a uma agressividade militante. Basta pensar no que se disse, e se diz, de Cavaco e de Passos, entre outros. O desgosto face a eles exprime-se muito reveladoramente numa linguagem que, muitas vezes, é quase apenas a do desgosto estético. A maneira como se vestem, os lugares onde moram, a cultura – a nossa – que supostamente não possuem, etc. Como se, pelo simples facto de não terem a imagem que de nós mesmos queremos ter os condenasse a uma definitiva ilegitimidade política.

Mais uma vez, posso estar enganado, mas não vejo na generalidade da direita uma tal feroz exi-

gência inconsciente. O que torna, banalmente, a actual direita mais democrática do que a esquerda. A oposição à esquerda não sofre de uma tal vontade de identidade. Como não sofre de uma tal entusiástica vontade a relação que a direita tem com os seus representantes, um facto que merece ser sublinhado. Uma pessoa pode respeitar e admirar Passos ou Cavaco – é, confesso, o meu caso, e acho que temos imensas razões para lhes estarmos gratos – sem os querer, nos mais subtis prazeres intelectuais, iguais a nós. Basta reconhecer neles uma vontade de respeitar as paixões comuns que fazem, nos melhores casos, a nossa sociedade uma sociedade onde valha a pena viver, e competência e determinação na defesa dessa sociedade. Com várias discordâncias, é claro, pelo caminho.

Por esta e por outras é que o discurso político da direita é, nos melhores casos, mais livre e mais respeitador da liberdade do que o da esquerda. Porque, quando pensa os desejos e as aversões políticas, para voltar a Adam Smith, não o faz a partir de imoderados e ferozes entusiasmos justiceiros. Entusiasmos esses que, já agora, nos estão quase fatalmente a levar a um precipício que conhecemos bem demais alguns anos atrás.

Paulo Tunhas  
in “Observador digital”  
28 de janeiro de 2015



# MEMÓRIAS (V)

## O General Passos Esmeriz

O general Passos de Esmeriz foi o melhor Comandante - Geral que houve na Guarda Nacional Republicana, não apenas pela figura em si como pelo seu contributo como moralizador da tropa sob o seu Comando, no post- 25 de Novembro. Embora pessoalmente me seja muito difícil falar dele - tantos foram os nossos contactos - vou tentar abordar alguns aspectos que se me afiguram os mais importantes e significativos.

Conheci o general Passos de Esmeriz, ainda Brigadeiro, no Porto, como Comandante da Região Militar. Tinha então por Chefe do Estado - Maior o Coronel Corvacho, o capitão Matos e o capitão Albuquerque. Eu fora encarregado de prender o ex-inspector da PIDE, Sacchetti, que na altura residia em Monção (Quinta da Pedra), e se dizia que tinha um helicóptero para se espantar para qualquer lado, e levá-lo à Região Militar. A casa foi cercada pelas três da manhã e o homem entregou-se ao Comandante do Posto logo que o dia raiou e sem qualquer resistência. Helicóptero nem vê-lo, pois tratava-se de uma das fantasias das forças que então imperavam no terreno comandadas pelo partido Comunista. Fui recebê-lo ao Posto de Monção e levei-o para o Porto no Jeep que era então a viatura utilizada. Ainda no quartel de Valença dei-lhe a oportunidade de falar, a sós, no meu Gabinete, com um filho Engenheiro que trabalhava em Aveiro, e só depois o conduzi, trocando com ele impressões de circunstância até chegarmos ao quartel, embora sem me desligar do fundamental das normas de segurança, pois Sacchetti, era um homem baixo, mas bem constituído, gozando de plena saúde.

Uma vez no quartel entreguei-o ao Oficial de Dia e fui falar com o Brigadeiro Passos Esmeriz que fez questão de vir cumprimentá-lo e dizer-lhe que iria ficar na Casa de Correção, na mesma cela de onde saíra, dias antes, o Tenente Dinis de Almeida, do Ralis, e que a comida seria a que eles utilizavam na Messe. O ex-Director Sacchetti, ouviu tudo isso e não pôde deixar de agradecer pela forma gentil como estava a ser tratado, ao que o brigadeiro Passos Esmeriz respondeu que não podia esquecer-se que ele era pai de dois camaradas: o brigadeiro da Aviação e um Comodoro da Marinha. Só que, de facto, quando vi o quarto onde aquele ficou, pedi ao Oficial de Dia, que por si-

nal era um Capitão do SGE, Diógenes de seu nome, natural de S. Pedro da Torre, para primeiro me deixar vir embora, pois tratava-se de uma autêntica enxovia. Soube depois que no trânsito para Lisboa o ex-Director Sacchetti fora algegado de pés e mãos, uma coisa verdadeiramente deplorável. Era óbvio que havia duas linguagens distintas, uma das quais só seria extinta com a entrada do Brigadeiro Pires Veloso.

Passado pouco tempo, o general Passos Esmeriz deixou a Região Militar que passou a ser comandada pelo "Brigadeiro" Corvacho e seu Estado Maior. Para a Guarda Nacional Republicana veio Pinto Ferreira, um Coronel graduado em General, antigo atleta do Benfica, e que era conhecido por ter dito um dia que com mais dois centímetros de peito seria o homem mais belo do mundo, e daí a alcunha de "Pinto Peneiras". Também este era meu conhecido dos tempos de Chaves como Major, segundo Comandante, do Batalhão de Caçadores nº10. Era responsável por ter mandado comprar uma máquina de cortar cabelo com que, um dia, mandou cortar o cabelo rente, a um pelotão, pondo a chorar o respectivo Comandante. A única vez que veio à área de Valença, comemos em Tangil um belíssimo bacalhau cozido, em que ele pôs à mesa, à sua direita, o Comandante do Posto, e à sua esquerda um senhor que viera passar uns tempos à sua terra Natal e de que nunca mais ouvi falar, enquanto o resto do pessoal, designadamente o Comandante de Batalhão, Coronel Castro Lemos e o Coronel Hugo Rocha, da PSP, se sentaram noutros lugares. A sua missão era fazer da Polícia e da GNR um Corpo único e nessa altura andavam já os ânimos muito incendiados... Antes eu tinha ido a Lisboa medir o pulso a certos oficiais meus conhecidos e, por isso, quando se deu o 11 de Março, não fiquei nada surpreendido, a começar pelo meu camarada capitão Carlos Alves, (faleceu há poucos anos como Coronel) a chefiar a 5ª Repartição, com quem servira, de empréstimo, na Companhia da Calçada do Combro, e que no 11 de Março lhe entrou pelo Gabinete com uma granada de mão para o prender.

Assim, quando um pouco antes do 25 de Novembro o General Passos Esmeriz assume o Comando da Guarda, esta encontrava-se num estado lastimoso do ponto de

vista moral e a primeira medida que tomou foi no sentido da sua moralização com sessões semanais das quais eram feitos extractos das suas prelecções e distribuídos pelo dispositivo. Também marcou posição perante os tribunais que faziam dos guardas autênticos boletineiros, não lhes deixando tempo para outras tarefas fundamentais. Quando durante a Reforma Agrária os comunistas incendiaram uma viatura particular do Tenente José Correia, Comandante da Secção de Montemor - o -Novo, fez com que o Ministério da Administração Interna lhe desse um carro novo.

É preciso dizer que o General Passos de Esmeriz tinha o Curso de Histórico - Filosóficas, falava muitíssimo bem, sendo as palavras produto de uma análise dos problemas, e dando à Guarda uma filosofia de actuação baseada sobretudo, na prevenção. De 1977 a 1982, no meu Batalhão, era eu quem fazia as alocações aos Alistados. Antes fazia a palestra que mandava para o Batalhão, cujo Comandante a remetia ao General Passos Esmeriz. Este lia-a e fazia os seus comentários geralmente muito elogiosos em carta que me escrevia. Em 1982, na alocação que fiz em Braga, na Avenida Central, aconteceu esta coisa verdadeiramente inédita: depois de falar, dirigi-me à frente da Tribuna a pedir licença para me retirar. Então o General Passos Esmeriz levantou-se e desceu calmamente os degraus até mim para felicitar-me. Explicar-me-ia depois a sua atitude: não fora só pelo que eu dissera, mas pela forma e entoação como dissera!

As suas vindas a Valença eram sempre muito especiais. Primeiro porque o General Passos Esmeriz estivera, como Capitão, no Batalhão de Caçadores nº9, em Viana do Castelo, pelo que conhecia muito bem a Região; segundo porque eu tinha um óptimo corneteiro a quem ele dizia que "você parece um Pucchini!" e mandava-o repetir os toques virado para dentro do quartel. Finalmente ele apreciava a forma isenta como os assuntos lhe eram apresentados, nunca usando da sua posição para impor-me fosse o que fosse. Foi o caso, por exemplo, de umas eleições para a Presidência da República em que o General Ramalho Eanes concorria pela segunda vez com o General Soares Carneiro. Ainda antes da campanha eleitoral, o senhor Gomes da Ponte do Mouro

resolvera ir com dois ou três empregados a Melgaço e munidos de umas escadas começaram a colocar cartazes nas paredes de vários edifícios, designadamente em um onde a afixação "afixação proibida". Chamado o Comandante do Posto, o cabo transmontano Areias Costa, este arrancou o cartaz para juntá-lo à sua participação a Tribunal, facto que revoltou o mesmo senhor Gomes que me telefonou, muito indignado pela atitude do Comandante do Posto. Tive que dizer-lhe que já tinha conhecimento e que achava bem a atitude do Comandante do Posto: não só não era ainda tempo para propaganda eleitoral, como a mesma fora colocada numa residência particular onde a afixação era proibida. Na segunda-feira seguinte telefonou-me o Ajudante de Campo a perguntar-me sobre "a tourada" em Melgaço, a quem eu expliquei tudo o sucedido. Disse-me o Tenente: olha, então, de tarde o nosso General vai-te telefonar e contas-lhe isso mesmo. E assim foi: quando o General Passos Esmeriz me telefonou, eu expliquei-lhe todo o sucedido, e ainda que o Comandante de Posto, era um homem isento, sendo a sua atitude regulada pelo cumprimento do dever e ele pediu-me uma cópia da Participação a Tribunal e assunto ficou por aí.

Eu tinha em Valença um homem que pretendi promover a Cabo, como propus a promoção de outros, baseado numa legislação que permitia que qualquer soldado que possuísse dois louvores de Comandante de Batalhão e um de General podiam ser promovidos desde que propostos pelo respectivo Comandante da Secção. A diferença de vencimento era de cerca de 20.000\$00 por mês, o que para o tempo era uma pequena fortuna! Ora o José Gomes, que exercera durante vários anos as funções de Cabo de Rancho dos Alistados, não estava bem nessas condições, mas merecia ser contemplado, pois, além de ser dos mais antigos do Posto, era uma pessoa impecável. Mas tinha dois problemas: em primeiro lugar, vinte anos antes tinha sido puni-

do com quinze dias de detenção pelo Comandante da Companhia, porque, sendo Plantão do Posto, estava numa das portas do quartel, quando devia estar na outra. O Oficial rondante considerou isso uma falta de atenção e puniu-o transferindo-o para Paredes de Coura, onde viria a casar, sem, contudo, deixar de olhar por uma irmã que não tinha pernas e se deslocava com a ajuda das mãos; por outro lado, não tinha louvor de Comandante - Geral, mas uma referência elogiosa. Pensei então o assunto, e considerei a referência elogiosa como se fosse um louvor. Com base nisso escrevi ao General Passos Esmeriz, pedindo o seu apoio numa causa que eu considerava justa. Uma vez escrita, chamei o dito soldado ao meu Gabinete e disse-lhe:

- Nesta carta, está a sua promoção. E li-lhe a missiva. Depois fechei-a e dei-lhe dinheiro para pôr a carta no correio, acrescentando, contra a sua objecção, que queria pagar pelo menos o selo, que fazia questão de fazer o favor completo...

De facto, no dia seguinte o General Passos Esmeriz estava a telefonar-me dando-me instruções sobre a forma de fazer a proposta e ainda o que eu devia dizer ao Capitão - Ajudante do Batalhão para procederem ao seu encaminhamento.

O Cabo Gomes serviu ainda sob o meu Comando durante alguns anos, após o que voltou para a Bagoada, em Vila Nova de Cerveira, terra da sua naturalidade, onde viria a falecer já com cerca de oitenta anos.

Poderia contar outros factos, mas fico-me por aqui. Só queria acrescentar que em meados de 1983 estive no seu jantar de despedida nas Ruínas do Carmo em que ele se referiu aos militares que tinham ido de muito longe para estarem com ele nesse momento. Agora desejo muito ir ao Porto e visitar a sua campa. Gostava de depositar-lhe duas rosas brancas e recolher-me com o carinho e o enorme respeito que sempre lhe dediquei.

*Alberto Pereira de Castro*

## ARTES *Centro de Artesanato*

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM  
CONFECÇÃO E BORDADOS  
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril  
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes\_rosamaria@hotmail.com



## Condecoração de Marion Molly Pereira de Lemos



A Doutora Marion Molly Pereira de Lemos, esposa do nosso conterrâneo Dr Carlos Pereira de Lemos, acaba de ser condecorada pelo Governo australiano, com o Ordem da Austrália, grau de 'Membro' da Ordem. A Ordem da Austrália é a única que existe naquele país.

A notícia foi tornada pública no Dia da Austrália, 26 de Janeiro de 2016, publicada em toda a imprensa australiana, juntamente com a de outros agraciados.

A citação, emanada do Conselho da Ordem, a que preside o Governador-Geral, e distribuída a toda a imprensa australiana, diz o seguinte:

"Conferida à Doutora Marion Molly Murray Pereira de Lemos, em reconhecimento de serviços relevantes à educação, aos jovens, em particular aos estudantes com dificuldades de aprendizagem e como investigadora e autora de várias publicações.

Entre os serviços prestados à educação estão incluídos: Vários cargos eleitos, exercidos na instituição nacional Learning Difficulties Australia (LDA), entre os quais:

- Presidente, 2013-2014
- Membro da Comissão Executiva, 2004 -2015
- Secretária Honorária, 2004-2013
- Editora da Revista daquela organização, 2007-2011
- Vencedora do prémio, LDA Mona Tobias Award, em 2012.
- Investigadora, Australian Council for Educational Research, 1967-2001
- (Chief Research Officer, 1972-1985, Senior Research Fellow, 1985-2001).
- Autora de várias publicações, nacionais e internacionais, desde 1950, incluindo a obra 'Closing the gap between research and practice: foundations for the acquisition of literacy', publicada em 2002."

Sentimo-nos orgulhosos com esta distinção para alguém que aprendeu a gostar de Melgaço e de Portugal.

## SC Melgacense: Uma primeira volta "com muitas aventuras" Empresa brasileira permitirá enfrentar a época com plantel mais estável

*Com pouco mais de trinta pontos somados e um lugar pouco tranquilo a meio da tabela poderão espelhar alguns desaires desportivos mas não são o melhor reflexo da época 2015/2016 que o Sport Clube Melgacense tem feito por merecer, desde a sua descida à 2ª Divisão Distrital da AFVC.*

Aos poucos, o plantel dirigido por Gil Silva vai ganhando dimensão e – assim se espera – a estabilidade que vem ambicionando há várias épocas. A dificuldade em formar um plantel desafogado tem sido um problema desde a saída do técnico Sérgio Rodrigues, que tinha nas Caxinas a carteira de jogadores que Melgaço não conseguia dar.

Gil Silva, que se apresentou em Agosto de 2015 com um plantel razoável, viu cinco dos



seus jogadores de nacionalidade brasileira regressarem ao Brasil cumprir requisitos legais da sua permanência no país.

Pelo meio, houve jogos onde só "onze jogadores e um guarda-redes" eram tudo o que o treinador tinha para o confronto. Finda a primeira volta, é tempo de fazer contas aos pontos, aos objectivos e enquadrar as últimas chegadas ao clube. "A primeira volta não correu como eu e os jogadores queríamos, tivemos jogos muito bons, mas por outros factores acabamos

por perder. Merecíamos estar com quarenta pontos. Agora, vamos começar a pensar em fazer uma grande segunda volta. O que vai dar no fim não sei, iremos somar os pontos".

Ainda no que à primeira volta diz respeito, o técnico admite que houve "muitas aventuras" para ser encarada como devia. Num dos jogos, de 2015, frente ao Ancorense, o clube terá sido alvo de comentários racistas por parte do treinador da formação ancorense. "Está no relatório do árbitro", assegura Gil Silva. No entanto, a resposta só surgirá nas quatro linhas, quando a segunda volta ditar nova aproximação das equipas. "Não tenho nada para resolver com essa gente, desse clube. Quando vierem a Melgaço jogar nesta segunda volta vão ser bem recebidos como é normal deste clube. Aqui não irá haver comentários racistas como eles tiveram" assegura o treinador.

Olhar para a bancada a cada jogo em casa já é um cenário menos desolador a cada domingo que passa. "O publico está a começar a voltar".

### As novas caras do SC Melgacense

Arthur Lisboa, 24 anos, natural do Rio de Janeiro, é uma das novas caras do plantel. Decidido a "crescer com o clube", que admira também pela estrutura de treino, o jovem quer conquistar o seu espaço. A meta agora é "retomar o caminho das vitórias depois da 'vacilada' de alguns jogos" e não falta motivação a Arthur, que já sonha em pisar os relvados que outrora Deco e Carlos Alberto pisaram.

### Os três jovens do nordeste brasileiro

Helenysson Soares, Hiego Siqueira e Saulo Felipe, com idades compreendidas entre os 21 e os 22 anos, assumiram em Janeiro os primeiros jogos oficiais pelo SC Melgacense. Naturais do Sergipe, no nordeste brasileiro, são os primeiros jogadores a cruzar o atlântico e a efectivar a parceria entre o clube de Melgaço e a em-

Continua na pág. 8



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta

Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos

919 988 184

964 877 598



www.clinicadeotorrino.com

Edif. Correios, 2º  
4950 - Monção  
251 652 756



Continuação da pág. 7

presa de assessoria e marketing desportivo Braslusa.

A vontade de mostrar na Europa o futebol que tem trabalhado no Brasil será o seu melhor cartão de visita em Portugal, naquele que consideram "o melhor ponto de partida" para o mundo do futebol no velho continente.

Agradados com as infraestruturas de treino, "nada comparado com o sítio onde estávamos", estão motivados para enfrentar uma Europa que até já se afigura mais fácil. "Não estaríamos aqui sem a ajuda da Braslusa, é uma oportunidade única", asseguram. "Sem a Braslusa não teríamos chegado aqui, porque não só nos deu a oportunidade, mas também uma preparação física e psicológica, durante cerca de dez meses".

A experiência europeia é também, para os jovens do nordeste brasileiro, uma prova sem prazo definido. "Estamos sem prazo nem tempo para voltar", assumem, mentalizando-se para ficar "o máximo de tempo que puder, suportando saudade". Acostumados a partir e a ficar longe das famílias, não se intimidam com a mudança nem com a distância. "A gente volta quando puder, mas com a vitória".

## No feminino, o talento desportivo não tem idade

Quando, em finais de 2015, Emídio Afonso aceitou o convite para treinar um plantel feminino do SC Melgacense, o ex-jogador das camadas jovens e ainda elemento da equipa de veteranos do histórico clube local iniciava um dos poucos projectos da região no que respeita ao futebol de onze o feminino.

Aos primeiros dias de treinos, acorreram aos treinos mais de duas dezenas de mulheres, com idades entre os 30 e os 45 anos. Em menos dimensão, algumas mais jovens pontuam os treinos.

Emídio Afonso abdicou dos jogos semanais de futebol de salão para se dedicar, "com surpresa", ao treino de um plantel

feminino com elementos suficientes para fazer duas equipas e tornar, quando conveniente, o treino mais prático.

Ainda a dar os primeiros passos – ou toques, já que de futebol se fala – o plantel feminino que poderá um dia disputar torneios com as cores do Melgacense ao peito só lamenta que exemplos do género não abundem no distrito.

Por sorte, aqui perto, o Fontourense tem a mesma ideia do desporto rei e a vontade feminina de jogar. Já se prepara, por isso, um amigável frente às mulheres de Fontoura, marcado para 19 de Março.

## SC Melgacense também no feminino Esta equipa, o Mourinho treinaria

"No distrito de Viana do Castelo tenho pouco conhecimento de equipas femininas de futebol de onze nestas idades", nota o treinador, mas espera que o exemplo melgacense possa ser uma motivação a que as mulheres do concelhos vizinhos formem um plantel com vontade de conviver e jogar à bola, sem compromissos ou em torneio.

Para já, o calendário conta apenas com um amigável, por sinal no mesmo dia em que os veteranos do Gil Vicente visitam Melgaço para um jogo com os veteranos locais.

Um dia de acontecimentos desportivos que exigirão atenção redobrada ao treinador.

Para já, o grupo feminino aprende ainda a lidar com a bola nos pés, mas o treinador diz que vão "no bom caminho" e, em tom de brincadeira, descompromete as atletas.

"Tenho que me por a pau, como o Mourinho está desempregado, ainda me pode dar problemas. Aparece aí e fica-me com a equipa". Quando o circuito de equipas sénior estiver montado, talvez as novatas olhem para a bola com outro compromisso.

João Martinho

# XXXVIII ENCONTRO DIOCESANO DE LITURGIA 6 E 7 DE FEVEREIRO – CENTRO PASTORAL PAULO VI "A Misericórdia Celebrada: Sacramentos de Cura"

## SÁBADO, 6

09H00 – ACOLHIMENTO

09H30 – ABERTURA PRESIDIDA POR SUA EX.CIA REV.MA D. ANACLETO CORDEIRO GONÇALVES OLIVEIRA, BISPO DIOCESANO. Apresentação dos Arciprestados

10h00 – CONFERÊNCIA: "A misericórdia que gera vida. Uma leitura de Lc 15"

Pe. Doutor João Alberto Correia, Professor de Sagrada Escritura na Faculdade de Teologia da UCP, em Braga

11h00 – Ensaio

11h20 – Intervalo

11h45 – CONFERÊNCIA: "Há esperança para os sacramentos de cura? O caso da Unção e Pastoral dos Doentes".

Pe. Dr. Jorge Vilaça, Capelão do Hospital de Vila Nova de Famalicão

12h45 – Almoço

15h00 – ESCOLA DE MINISTÉRIOS

– LEITORES – "O leitor: proclamador da misericórdia divina".

Pe. Paulo Gomes, Diretor do Secretariado Diocesano da Comunicação Social

Entrega dos certificados a todos aqueles que concluíram a formação para leitores no Arciprestado de Viana do Castelo

– MÚSICOS – "Cantarei as misericórdias do Senhor; a linguagem musical nas expressões litúrgicas".

Pe. Doutor Jorge Alves Barbosa, Responsável da Música Sacra da nossa Diocese e Presidente do Instituto Católico de Viana do Castelo

– ACÓLITOS – "O Acólito: Serviço ao Altar da Misericórdia".

Pe. Christopher Sousa, Formador do Seminário Diocesano e Diretor do Secretariado Diocesano das Vocações

– MINISTROS EXTRAORDINÁRIOS DA COMUNHÃO – "Unção dos Enfermos: Sacramento do Conforto".

Pe. José Castro de Oliveira, Capelão do Hospital de Santa Luzia – Viana do Castelo e Diretor do Secretariado da Pastoral da Saúde

16h30 – Intervalo

16h45 – Ensaio (Auditório)

17h00 – Oração de Vésperas

## DOMINGO, 7

09H30 – Oração de Laudes

10H00 – Apresentação do Livro: "Os milagres como Evangelho – Sentido teológico dos milagres de Jesus", do Pe. Renato Filipe da Silva Oliveira – Vencedor do Prémio Paulus 2015

Apresentação por: Doutor José Frazão Correia

10h40 – Intervalo

11h00 – CONFERÊNCIA: "Confessar-se? Sim, mas com melhores ideias". Cón. Doutor Jorge Teixeira da Cunha, Professor na Faculdade de Teologia da UCP, Porto.

12h00 – Ensaio para a Eucaristia

12h45 – Almoço

14h30 – CONFERÊNCIA: "A Misericórdia nos gestos e nas palavras do Papa Francisco – a força e a forma da vida em Cristo".

Pe. Doutor José Frazão Correia, Provincial dos Jesuítas em Portugal.

15h45 – Ensaio para a Eucaristia

16h10 – Intervalo

16h30 – EUCARISTIA PRESIDIDA POR SUA EX.CIA REV.MA D. ANACLETO CORDEIRO GONÇALVES OLIVEIRA, com rito de nomeação de novos Ministros Extraordinários da Comunhão.

## MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO  
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS  
LINHAS DIREITAS – CLÁSSICOS  
MACIÇOS – E AVULSO



Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92  
Tels. 251 402 965 – 251 404 791 | VILA – MELGAÇO

## Anselmo Malheiro e Rui Malheiro

MEDIADORES DE SEGUROS

RUA RIO PORTO, 215 | 4960-568 MELGAÇO  
Tlf 251 404 031 | Fax 251 404 039 | Tlm 933 291 437

URB. QT.ª ANDORINHAS, 83 | 4950-855 MONÇÃO  
Tlf 251 653 224 | Fax 251 653 226 | Tlm 935 267 109

E-mail: [anselmo@seguros.webside.pt](mailto:anselmo@seguros.webside.pt)

## Vende-se

EM MELGAÇO

Casa com terreno que dá para construção

RUA DA BARBOSA | VILA

Tlm. 917 954 996



# "Breve contributo para o aperfeiçoamento da Social Democracia"

*"Todos os dias ao acordar, duas coisas me deixam maravilhado, o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim"*

KANT

Também eu, me apercebo de uma realidade que está acima de mim, e outra que está "abaixo" de mim. Sou eu, quem, todos dias, ao acordar de manhã cedo, decido qual das duas deve prevalecer: o mundo das coisas concretas, ou o mundo da razão ética e moral no intercâmbio das existências.

Essa escolha pertence a todos nós que a fazemos diariamente. Essa realidade, íntima, unipessoal, incindível e intransmissível, repercute a pessoa que somos. A realidade que se mostra visível, o mundo concreto, e a realidade que está acima de nós, a realidade dos valores, a realidade não escrita, congénita, um dado natural, possível de apreensão e de explicitação e de realização na ordem concreta. Sendo um dado imediato de natureza espiritual apreensível por qualquer um não são muitos os que a conseguem "observar" e a ela se vincular. Aqueles que a conseguem "ver", rezam as lendas, tornam-se "imortais", imortais, porque infelizmente, e cada vez mais, encontramos-nos numa sociedade onde a palavra de hoje não é a palavra de amanhã, onde a responsabilização política (entre outras) cada vez mais desnorteada e sem ética, foi saqueada pelos "senhores" da democracia, das ideias e das palavras, por conseguinte dos chavões próprios do discurso demagógico. Nunca a palavra valeu tão pouco, nunca se viu tal banalização de pessoas e partidos. Assistimos a uma demagogia no grau mais elevado, cansada e sem utilidade concreta no benefício social comum, salvo para aqueles que arditosamente a usam.

A "imortalização" das pessoas não passa por nada divino ou por uma qualquer realidade heroica que nos possam ter ensinado na escola; passa, sim, pelo vivência diária e constante, e pelo abdicar daquilo que muitas vezes acreditamos e julgamos verdadeiro mas que descompaginado daquele núcleo fundante da sociedade

o não é. Hoje, assistimos a uma desconsideração daqueles valores fundantes e à sua anulação pelo totalitarismo pragmático e pela vazios dos valores e ideais que promovem o confraterno, o solidário e o socialmente justo. O estado, por mais bem regido que seja e por mais poderes de que disponha nunca poderá substituir-se à riqueza transcendente da consciência e da razão moral humana.

Rawls, um dos principais filósofos do século XX, ilumina-nos com o aprofundar do conceito de "justiça social". Uma das suas principais afirmações debruça-se sobre a necessidade de todos os cidadãos serem iguais perante a lei e no modo concreto ser e de estar. Mas será a lei e tudo o que está subjacente a isso, igual perante os nossos olhos?

Como social-democrata, a minha autodeterminação enquanto ser humano obriga-me a questionar estes aspetos; a definir as bases do enquadramento numa sociedade que reclama a liberdade de pensamento, a liberdade de ação e a capacidade de nos gerir o bem comum, sempre em obediência a padrões éticos e morais, a conceitos abertos, a vinculações de pensamento e de ação que tem as suas raízes orientadoras no "dentro de mim" "para uma sociedade fora de mim. Estaremos a atravessar uma crise de valores, ou a políticas atualmente ter-se-á transformado numa realidade distinta de tudo isto. Trata-se de situação que merece funda reflexão. Qual o plano que me quero colocar? Não deverão ser os nossos pensamentos e reflexões a base de tudo o que fazemos, devendo estas mostrar-se flexíveis e de acordo com as circunstâncias, os tempos e a nossas vinculações pessoais, em contra ponto à ordem real que é cega e muda se não for intermediada pela ação humana?

Fazendo um exercício intelectual e colocando-nos sob o "véu da ignorância", despidos de preconceitos, das ideias já estabelecidas, e esquecendo o que nos foi ensinado na escola, invocando Bernstein, também a mim se me afigura que à Social-democracia compete-lhe, o que sempre lhe foi pedido, a manutenção de uma ordem social, refletida, pensada e acima de tudo onde o "eu" não se sobreponha

à realidade que teima em nos querer fugir. Não será a "revolução", agora mais de consciências e comportamentos e menos de apropriação coletiva e estatal dos meios materiais de produção- que outros apregoam, dotados de uma sabedoria manhosa, quase animalésca e irresponsável, uma falsa revolução? Sê-lo-á sempre desde que, a mesma não se funde nem respeite no catálogo de concreta realização dos direitos Humanos. A História de todos os excessos e de todos os "ismos" comprova-o. Eu prefiro a evolução dos conceitos e a sua gradual adaptação à vida concreta. Não nos podemos transformar num ser meramente de ações ou ficções; não podemos ser fruto do que vemos, nem tão pouco podemos subjugar a nossa liberdade à totalidade um bem sistema de produção e distribuição económica, mas sim agir autonomamente nas nossas ações, iluminados pelos padrões em que historicamente a Social-democracia se reconheceu e em permanente revisitação e densificação.

Em síntese: A sociedade atual hiper-complexa e atravessada por um tempo de rápidas transformações exigem uma tensão dialética entre as suas formas regulatórias e, a realidade material sobre a qual aquelas incidem. As formas de regulação não podem prescindir de uma conceção da pessoa humana que num primeiro tempo se assuma como entidade autónoma daquela realidade mas que, num segundo tempo, nesta se inscreva, procurando que a ordem social se oriente, de acordo com aqueles valores que se explicitam na autonomia ética e na consciência jurídica. Numa sociedade aberta, o acervo de valores que a orientam, regulam, e projetam no futuro, reclama-se que ocorra, uma entre mediação entre os dois planos, para que as exigências do Humano, no plano da igualdade e da dignidade, sejam cumpridas no mais alto grau. Este exercício que deve orientar os órgãos de regulação da sociedade, individuais ou coletivos, reclama insistentemente a convocação daqueles valores morais e éticos mas em simultâneo, na sua aplicação concreta, uma ponderação e uma explicitação mediadas pela razão e pelo bom senso.

Lobo de Araújo

## FLASHS DO CICLO As eleições Presidenciais & e a Prova dos nove

No passado dia 24, realizaram-se as eleições, a fim de eleger o futuro Presidente da República. Para o efeito, concorreram 10 candidatos. Havia, por onde escolher, quase para todos os gostos. Saliento, quase, porque julgo não ter aparecido, um bom candidato. Efectivamente dos 10 candidatos, um foi logo considerado, pelas sondagens, ser o menos mau, consequentemente, o favorito à vitória final. Neste contexto, verificavam-se várias lutas. Com efeito, havia a luta, dos nove, unidos no ataque a Marcelo, cuja finalidade, vendo que, a sua vitória era certa, obrigá-lo a uma segunda volta. Mas, subjacente a esta luta surge outra, que era, quem ia ficar em segundo lugar, havendo dois candidatos, ambos com as mesmas possibilidades, para o conquistar. Curiosamente, um como independente, mas desejado e apoiado pela direcção do PS, Nóvoa, outra militante e ex-presidente do mesmo partido, Maria de Belém, estavam os candidatos do PC e do Bloco, cuja finalidade, é promoverem os partidos, o que origina, uma luta entre ambos, para ver quem fica à frente. Depois vem os que apenas pretendem, tornarem-se conhecidos, através da comunicação social. Assim, todos os ataques, que eram feitos pelos 9, quer ao actual Presidente, quer ao candidato, que as sondagens colocavam na frente, insinuando que este era igual, não produziu efeito. Foi eleito à primeira, consequentemente o segundo lugar, conquistado por Nóvoa, nada valeu. É de realçar que este candidato era apoiado pelos 3 ex-presidentes, anteriores e pelo PS, não tendo, todavia conseguido metade dos votos que conquistou Marcelo, aliás os partidos que suportam o governo, os quatro, tiveram no conjunto 40%. Quanto à luta entre PC e Bloco, ganhou a menina do Bloco por simples simpatia. Veremos as consequências no PC, dada a diferença de votos, entre ambos. Estará o PC a desmoronar-se, com o acordo de governo que fez com o PS? É possível. Depois vem o que se poderá chamar o folclore, em que, dos 5 venceu o mais popular, Vitorino de Rans. Posto isto, na minha opinião, foi a campanha mais fraca a que assisti. Com efeito ou se ouviam ataques, que não passavam de lavagem de roupa suja, ou promettimentos, só para enganar os eleitores ignorantes, que infelizmente, ainda há quem acredite. Efectivamente faziam promessas, como se as eleições fossem para 1º ministro, ou seja assuntos que são da responsabilidade do governo. Outro assunto muito badalado é falar-se em independente e ser de todos os portugueses. Nóvoa, sempre que falava nesse assunto citava como exemplo, que iria seguir os 3 ex-presidentes, que o apoiavam. Curioso. Ramalho Eanes, para presidente, sem partido e saiu presidente de um partido por si criado. Para o efeito, procurou derrubar governos, quer do PS quer do PSD. Parece que ninguém se lembra que durante os dez anos do seu mandato, teve dez governos e sete primeiros ministros, Mário Soares foi 3 vezes exonerado, razão por que o apoiou na primeira eleição e tirou-lhe o apoio na segunda. Sá Carneiro que foi o principal promotor da primeira eleição, na segunda ameaçou, que se Eanes ganhasse pedia demissão do governo. Isso custou-lhe o atentado que o matou. Eanes, a seguir dissolveu a Assembleia com maioria da AD, para entrar o seu partido, que havia criado, cujo partido, foi evaporado por Cavaco Silva com as maiores maiorias absolutas. Mário Soares ficou bem conhecido pela forma como fez a vida cara a Cavaco Silva. Não o destituiu, porque tinha a certeza de que Cavaco ganhava novamente. Por último, Sampaio. O culpado da segunda vez que o FMI nos visitou. Com efeito Sampaio quando foi eleito a primeira vez, havia saído do governo Cavaco Silva, Portugal saíra da crise, encontrava-se, em boa situação financeira. No entanto, Guterres a 1º ministro e Sampaio a Presidente da República, entre Obras de fachada e roubalheira como os casos da Ex-JAE (Junta autónoma das Estradas) e a Fundação Fantasma do Vara, não obstante, avisos de todos os quadrantes, por especialistas de que o país caminhava para o caos, Sampaio continuou alheio a tudo, consentindo que Guterres atolasse Portugal no pântano e fugisse, mas depois com o PSD de Durão Barroso e depois com Santana Lopes não descansou enquanto o não derrubou, apesar de ter maioria absoluta, na Assembleia. Para meter lá o Sócrates e voltar a levar Portugal ao caos. Efectivamente, julgo que não há políticos independentes. Cuidado com os que se fazem independentes, porque o que são é oportunistas.

Arménio Melo



# Rituais do Carnaval: Passagem do Tempo Invernal para o Tempo Primaveril



A festa cíclica do Carnaval está presente no meio rural e urbano. Porém, é nas comunidades tradicionais que o encontramos mais genuíno, projectando-nos na ancestralidade, na memória colectiva e no inconsciente cultural.

O Entrudo é festa da abundância: "Ruge o pote e o prato"; "Haja vinho na caneca e porco na salga-deira"; "O Entrudo é comilão, se queres saber ao certo dá-me carne, vinho e pão".

## REGENERAR O MUNDO

No dizer de Roger Caillouis, a festa pretende restaurar o caos primordial, reactualizar as cosmogonias, teatralizando e mimando os gestos dos deuses e antepassados, porque o tempo mítico da desordem é um tempo criador, e necessariamente será também renovador do cosmos envelhecido. "A festa é assim celebrada no espaço-tempo do mito e assume a função de regenerar o mundo".

As teses referentes à origem do Carnaval podem-se sintetizar

em quatro: vegetalista, celta, greco-romana e medievalista.

Existem indicadores que convidam a encarar o carnaval moderno como uma espécie de "eco moribundo" das festas antigas do tempo das Saturnais.



O grande antropólogo Caro Baroja, autor do livro "El Carnaval", verdadeira bíblia deste ciclo festivo, escreveu que "quando o homem acreditou de uma forma ou de outra que a sua vida estava submetida a formas sobrenaturais

surgiu o Carnaval". O mesmo investigador afirma que "o Carnaval merece respeito", estudo e análise, não só como fonte de grandes criações plásticas, sendo de mencionar Brueghel e Goya, mas também musicais, recordando Schuman, Berlioz e Paganini.

## DEITAR FORA O INVERNO

Mircea Eliade mencionando um texto do século VIII, afirma que as populações alemãs "*in mense Februario hibernum credi expellere*", que tem a seguinte tradução: "no mês de Fevereiro deve-se deitar fora o Inverno".

De acordo com J. Heers, o Carnaval começou por ser uma procissão como tantas outras, uma dança de primavera que, quase de certeza, recuperou antigas memórias ligadas aos cultos pagãos de outrora, dos deuses campestres e das forças da natureza. Alguns autores não hesitam em evocar, com a maior naturalidade, a tradição das Bacanaís, das festas da terra, do vinho e das florestas. Sublinham-no por

interpretação etimológica ao fazer derivar directamente a palavra do latim do carro em forma de navio, "currus navalis", que ilustrava as procissões.

O Carnaval como todas as festas profanas ou religiosas, sem dúvida de inspiração muito antiga ou de impregnação cristã, apresenta numerosos espectáculos públicos, reflexos espontâneos de uma civilização, referências preciosas para o conhecimento de uma cultura.

## O IMBOLC CELTA

As teses referentes à origem do Carnaval podem ser sintetizadas em quatro: vegetalista, celta, greco-romana e medievalista.



O investigador C. Gaignebet, autor do livro "Le Carnaval. Essais de mytologie populaire" (1974) sustenta: "há pois motivo



A tese celta leva-nos a registar alguns dados. Assim, E. Powell sublinha que os celtas acreditavam em poderes mágicos que envolviam todos os aspectos da vida e do ambiente. O ano celta achava-se certamente, dividido em duas estações, quente e fria, sendo os períodos de transição marcados por quatro festas: Samain, Beltaine, Lugnasad e Imbolc.

No início da estação clara, Beltaine, celebrava-se a festa do deus Lug. Era a data das grandes assembleias druídicas, em que se faziam fogueiras cerimoniais.

No primeiro de Fevereiro tinha lugar a festa de purificação do fim do inverno, o IMBOLC. Antigamente explicavam-na como sendo o começo da lactação das ovelhas. A festividade foi substituída pela festa cristã de Santa Brígida, seguida pela Festa das Candeias, como explica E. Powell, H. Hubert e F. le Roux e J. Guyonvarc'h.

para perguntar por que é que um conjunto de ritos indoeuropeus, as purificações no início de Fevereiro se conservam, porventura inseridas nas festas celtas, especialmente no Imbolc".

Sem pretendermos fazer doutrina não será que nos rituais do carnaval, e mesmo nas comemorações do enterro do Pai Velho, não se conjugam reminiscências ancestrais dos celtas? É de referir que no Lindoso há bastantes marcas culturais dos castrejos.

## CATARSE COLETIVA

O Carnaval é uma festa de todos, dos simples e dos pobres.

Uma boa oportunidade para os sisudos se extroverterem e para os grupos realizarem uma "catarse colectiva", esquecendo o quoti-

*Continua na pág. 11*

**VENDE-SE**  
**PORCOS PATA NEGRA**  
Pura Raça Registada  
"BOM PREÇO"

**Contacto:**  
**964 671 093**



Continuação da pág. 10

diano que esmaga, para reinar a alegria, com "rituais cósmicos, de diversão, ostentação e fertilidade", reafirmando a identidade colectiva, conforme o antropólogo Joan Prat.

## O ENTERRO DO PAI VELHO

As festividades carnavalescas no Lindoso, aldeia do concelho da Ponte da Barca, celebrizada pela sua história e respectiva barragem premiada, revestem-se de particularidades, que lhes concedem características do Carnaval da tradição portuguesa.

Os octogenários, eles e elas, são pontos de referência obrigatória, para ajuizar se tudo está a ser preparado conforme a tradição. Existe uma sabedoria estratégica que passa pela escolha dos carros de tracção animal, do gado, pelo jogo das campainhas, pelos jugos, pelos enfeites, pelas cantigas, pelos tocadores de concertina, pelo horário dos cortejos, pelo trajecto definido, pelos bailes, pelas dádivas comestíveis durante os desfiles, pelos "barredouros", pelos disfarces, pela choradeira na queima do Pai Velho, pelo testamento onde constam as ofertas do falecido, pelas referências de índole social e pela ocultação da escultura simbólica, como autêntico "churinga" de povos australianos.

As festividades do Enterro do Pai Velho, que "apesar de não ter festeiros, sempre tem festa", são consideradas as mais típicas da povoação, e podemos dizer, únicas no norte do país.

Trata-se de uma vivência ancestral, que contribui expressiva-

mente para a "coesão social da aldeia", e para revigorar a identidade colectiva de uma povoação histórica e tradicional, que mantém vivências comunitárias.

O cortejo, para além de outros elementos, é constituído por carros adornados, "simbólicos e chiadouros", puxados pelo melhor gado da aldeia, belamente engalanado, sendo um deles o do "Pai Velho", e o outro o "Carro das Ervas".

O largo junto do Castelo do Lindoso, mesmo ao lado do conjunto dos espigueiros e a eira comum, é o espaço privilegiado onde se desenrolam as importantes cerimónias anuais de transição, do ciclo do Inverno, frio e estéril, para o ciclo da Primavera, mais quente e fértil, e que fazem parte do "inconsciente colectivo".

Se pretendermos estabelecer uma rota dos cerimoniais carnavalescos, para além do Enterro do Pai Velho, teríamos que participar, também, na Dança dos Carpinteiros, na freguesia de Gandra, e nas Mecadas de Verdoejo, do concelho de Valença.

Esta trilogia constitui o Entrudo do Alto-Minho.

## A FOGUEIRA SIMBÓLICA

O grande investigador e filósofo das religiões J.Frazer, na sua notável obra "RAMA DOURADA", dedica um capítulo aos festivais ígneos. Afirma que em quase toda a Europa "existe a crença de que o fogo promove o crescimento dos meses, o bem-estar dos homens e dos animais, quer estimulando-os positivamente, quer evitando os perigos e as calamidades".

Refere que os celtas tinham festivais ígneos, queimando imagens cobertas de ervas, no meio das quais os druidas encerravam vítimas.

W. Mannhart interpreta o costume de queimar as vítimas como uma cerimónia mágica com a intenção de assegurar a luz solar suficiente para as colheitas, levando-nos a concluir sobre a importância agrária destes rituais.

É de sublinhar a grande festa "Beltaine", (fogo de Bel), no primeiro de Maio, em honra do Deus Lug, sob aparência da luz. Era a data das assembleias druidas, em que se faziam grandes fogueiras cerimoniais.

Parece-nos que a grande fogueira que no Lindoso queima o corpo empalhado do Pai Velho, os enfeites e as ervas, tem um fundo celta.

Aliás, é de acrescentar que inúmeros ritos de purificação pelo fogo, geralmente ritos de passagem, são característicos das comunidades agrárias, e simbolizam os incêndios dos campos que se adornam, depois, com um manto verde da natureza viva, de acordo com J.Chevalier.

O fogo é, acima de tudo, o motor de regeneração e simboliza a acção fecundante.

O Padre António Vieira salienta nos "Sermões" que "o maior", o mais nobre e o mais escondido tesouro do universo é o quarto elemento, o fogo.

É crença popular que o fogo e o fumo têm a virtude de purificar os campos e os animais, e livrar os homens da influência dos maus espíritos.

José Rodrigues Lima

# Melgaço volta a celebrar a gastronomia de 5 a 7 de Fevereiro

*O cabrito do monte assado no forno, o bucho doce e os vinhos e espumantes da casta Alvarinho são as principais propostas para o fim-de-semana gastronómico em Melgaço.*

Antes do entrudo, os restaurantes aderentes a esta iniciativa do Turismo do Porto e Norte de Portugal e da autarquia vão fazer as delícias de quem queira perder-se na descoberta da gastronomia de Melgaço, ponto de paragem obrigatório para todos os apreciadores de boa mesa.

Num fim de semana em que Melgaço põe à prova a sua capacidade de bem receber e bem cozinhar, o visitante poderá participar desta experiência através dos vários restaurantes aderentes, nomeadamente: Adega do Sabi-



no, Adega do Sossego, Boavista, Castrum Villae, Foral de Melgaço, Inês Negra, Miradouro do Castelo, Mini-Zip, O Adérito, Paris, Serra, Tasquinha da Portela, Verde Minho, O Brandeiro, Chafarix, O Vidoeiro e Mira Castro.

À experiência gastronómica juntam-se ainda algumas actividades, roteiros turísticos, provas

de vinho e outras actividades na natureza. Consulte o programa de actividades proposto pelas entidades e agências de turismo locais e decida qual vai ser o espírito da sua aventura pelo concelho melgacense em época de comemoração dos sabores genuínos do Alto Minho.

João Martinho

## Haja Misericórdia

A Assembleia Geral de Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço realizada no passado Sábado, dia 23 de Janeiro, decidiu dar emprego ao Provedor, Jorge Ribeiro, para desempenhar o cargo de coordenador da Rede Local de Intervenção Social (RLIS).

Numa assembleia constituída por pouco mais de trinta irmãos, na sua maioria associados ao PSD local e trabalhadores da instituição, decidiram numa votação "mandar às urtigas" os valores e a decência que devem orientar o exercício de cargos públicos.

Nessa votação obteve-se, apenas, dois votos contra. O meu e o de outro irmão. Tão pouco para aquilo que os valores da ética, da igualdade de acesso ao trabalho, do combate ao privilégio e do favorecimento pessoal e da decência merecem.

Num ápice, aquela assembleia esqueceu a indignação e a reclamação de muitos cidadãos relativamente ao comportamento daqueles que exercem os cargos públicos para se servirem e não para servir os outros, ou daqueles que só se candidatam porque querem um tacho, ou, ainda, daqueles que querem ser mais um entre os muitos "papadores" que grassam por aí, etc., etc., etc.

Aquela assembleia poderia ter contrariado a ideia, verbalizada por muitos, de que "ninguém dá nada a ninguém", de que "são todos uns interesseiros", ou de que "são todos iguais".

Teve a oportunidade de fazer diferente, de fazer melhor e não quis. Quis antes contribuir para reforçar todas as nossas afirmações, porventura de todos os dias, feitas de indignação e de reclamação.

Mas terminada a reunião, eis que alguns irmãos me abordaram e, inesperadamente, colocaram-me a seguinte questão: "Sr. Dr. por que está contra o PSD?"

Surpreendido com a questão, e sobretudo por ter sido feita naquele contexto, respondi que abandonei a militância do PSD, mas não abdiquei dos valores da social democracia que sempre perfilhei e continuarei a perflhar.

Tomei aí consciência de que falei de valores, de ética, de promiscuidade, de estabilidade das equipas técnicas, de decência e que ninguém me ouvira.

Concluí, então, que aquela assembleia tinha votado dar emprego ao Provedor porque havia interiorizado que estava a defender o PSD. E eu como estava contra a atribuição desse emprego ao Provedor, estaria, naturalmente, contra o PSD.

Naquela assembleia, eu só falei daquilo que deve orientar a vida de qualquer um dos cidadãos, seja na família, seja na empresa, seja na organização cívica e política, seja nas relações com os outros: ética, transparência, vergonha. Não falei de política e muito menos de política partidária.

Resta-me penitenciar-me por não ter percebido esta realidade, pelos vistos, tão à vista dos presentes. Afinal, era tão óbvio para aqueles irmãos, que eu comecei a achar que não merecia ter estado ali a perturbar um sentimento tão sentido e vivido. Se não consegui perceber o óbvio, como é que poderia ter ousado ter estado ali, naquela assembleia.

Na verdade, aquela assembleia não era a minha. Nunca poderia ser a minha. Não era espontânea. Tinha sido preparada para o resultado que se pretendia obter e que, no final, se obteve.

Na verdade, eu estive ali a mais. Não fosse eu e o outro irmão que ousou ali ter estado, teria havido unanimidade e certamente ter-se-ia tocado "hosanas nas alturas" e cantado em benefício do Provedor "Tudo o que sou é pra Teu louvor".

Sempre achei desprezível a apropriação das instituições pelos partidos, quer como candidato à Presidência da Câmara Municipal de Melgaço, por duas vezes, quer como Vereador Municipal, desde 2005, e, por isso, sempre combati esta obscenidade.

Isto não quer dizer, porém, que quem esteja nos partidos não possa exercer funções nas instituições. Nada disso! Apenas que as terão de exercer com isenção, imparcialidade e independência.

A Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, ao longo dos anos, sempre teve a sensatez de estabelecer algum equilíbrio político-partidário, integrando uns e outros, predominando ora uns ou ora outros.

Agora, e face à decisão da Assembleia Geral de Irmãos, é claro e inequívoco que o PSD tomou, para si, a Santa Casa da Misericórdia e que foi quebrado o referido equilíbrio que, aliás, havia ditado a vitória dos actuais corpos sociais, nas últimas eleições.

Como, também, é claro e inequívoco que a Rede Local de Intervenção Social (RLIS), com propósitos tão nobres a favor das famílias mais desfavorecidas, corre o risco de ficar ao serviço do PSD e da candidatura do Provedor, Jorge Ribeiro, à Câmara Municipal de Melgaço.

Esta instrumentalização poderá vir a ser o princípio da morte desta resposta social por ficar subordinada à vontade e ao projecto pessoal de poder do actual Provedor.

Haja misericórdia para os valores e, sobretudo, para a decência que não podem ser deixados morrer por ninguém, sejam cidadãos, sejam instituições, como a Santa Casa de Misericórdia de Melgaço.

Manuel Fernandes, Vereador Independente e Irmão



# Salada de umbigo-de-vénus

Hoje participei numa visita de estudo ao Vale do Lapedo, na freguesia da Caranguejeira, em Leiria, que foi o culminar de 3 dias de aprendizagem no Seminário Nacional das Eco-Escolas.



Este vale, para além da sua riqueza vegetal, é conhecido mundialmente pela relevância do achado arqueológico, com cerca de 29 000 anos, do menino do Lapedo, descoberto em 28 de Novembro de 1998. A importância deste achado deve-se ao facto do fóssil poder ter pertencido a uma criança que teria nascido do cruzamento de um Homo neanderthalensis com um Homo sapiens.

Nesta visita, onde também participou Fernanda Botelho, autora de vários livros sobre plantas medicinais e colaboradora na RTP sobre o mesmo tema, tive a oportunidade de enriquecer o meu conhecimento prático no reconhecimento de plantas que curam, principalmente de espécies espontâneas em Portugal.

Foi aqui que me lembrei de escrever sobre uma planta que fez parte das minhas brincadeiras de criança, pois utilizava-a muitas vezes para "fazer sopa" no conjunto de panelas e fogãozinho de plástico, oferecido pelo meu pai. Este brinquedo fez imenso sucesso entre as crianças do meu lugar, onde só conhecíamos a lareira e onde o fogão a gás ou "gascidra", como se dizia, era só para os mais abastados e para fazer o pequeno-almoço, porque para as refeições a sério, onde a sopa com feijão era diária, utilizava-se a lareira e os potes de três pés, onde a lenha era o combustível mais barato e acessível a todas as carteiras. A planta a que me refiro e a que nós chamávamos coucelos é também vulgarmente conhecida como bachelos, bifes, cachilro, chapéus-de-parede, orelha-de-monge e umbigo-de-vénus.

O nome de chapéus-de-parede deve-se ao facto de ser frequente encontrá-las em muros e paredes onde haja sombra, ou em fendas húmidas de superfícies rochosas, onde poucas mais plantas se conseguem desenvolver. Já o nome de umbigo-de-vénus é devido à forma arredondada das folhas, com uma depressão semelhante a um umbigo no centro. Aliás, o seu nome científico do género, Umbilicus, também tem origem na sua forma.

Esta planta tem sido utilizada desde os tempos antigos em cataplasmas (usando as folhas esmagadas) para tratamento de queimaduras, feridas, eliminar frieiras, borbulhas, úlceras cutâneas e calosidades. Ainda hoje é usada no domínio da homeopatia para tratar vários tipos de intoxicações.

O umbigo-de-vénus contém taninos, vitamina C e sais minerais como, por exemplo, cálcio, potássio e ferro e o seu uso medicinal restringe-se mais a usos externos. As folhas esmagadas ou o seu sumo são colocados em compressas sobre calosidades, feridas, picadas de insetos ou úlceras cutâneas. Aquecida em azeite é muito boa para amaciar a pele e para aliviar dores reumáticas.

Sobre tudo isto já tinha lido, mas a sua aplicação na culinária é que foi novidade para mim. Planta espontânea, dizem apresentar um sabor agradável e fresco, podendo ser utilizada em saladas, sozinha ou misturada com outras plantas, ou para enriquecer as nossas sandes, em omeletas ou mesmo até em batidos.

Hoje comi duas ou três folhas, no local onde as colhi e imaginei como seria o seu sabor regadas com um bom azeite e um pouco de vinagre e fiquei com vontade de experimentar cozinhá-la, à mistura com uma certa nostalgia de tempos que povoaram o imaginário da minha infância nessa terra maravilhosa de Melgaço.

Teresa Tábuas

## DIÁLOGO ECUMÉNICO E INTER-RELIGIOSO "Chamados a Proclamar as Obras Maravilhosas do Senhor" (1ª Pedro - 2,9) 2016

*O Reino de Deus, revelado pelo Verbo Encarnado, iniciou uma nova marcha da história e fez maravilhas no coração dos homens abertos à humanidade, à esperança, à fraternidade, à paz, à espiritualidade e à salvação.*

Temos um só Pastor - DEUS FEITO HOMEM... JESUS CRISTO...

"Nele se alegra o nosso coração e em seu santo nome confiamos". (S.33,22)

No evangelista S.João lemos: "Se alguém vem a mim eu não o mandarei embora".(Jo.6,37)

"Não há diferença entre judeu ou grego... todo aquele que invocar o Senhor será salvo" (Rom. 10,8-13)



Há um só "Deus é Pai de Todos"... (Ef.4,6)

O Reino de Deus é muito grande e diversos são os caminhos...

"Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança;

Um só Senhor, uma só fé,

Um só baptismo

Um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos,

Age por todos e permanece em todos". (Ef.-4,5)

"Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles" (Mat.-18,20)

Somos caminheiros da verdade da beleza e da bondade, e encontramos referências e luzes e escutamos vozes e sons da eternidade que levam à harmonia existencial, à verdadeira estrutura antropológica.

### SOMOS A FAMÍLIA DE DEUS...

Ecoa no nosso íntimo a oração de Jesus:

"Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim". (Jo.17,23)

"Na verdade, todos nós judeus e gregos, escravos e homens livres, fomos baptizados num só espírito para construirmos um só corpo, e a todos foi dado de beber um só espírito". (Cor.12,12)

"A vontade divina é unir os filhos de Deus dispersos para que todos tenham a vida plena e vigorosa". (Jo.10,10)

Precisamos de aprofundar o património bíblico, teológico, litúrgico e espiritual com o conhecimento recíproco, com a conversão do coração e com a oração, no respeito da alteridade e da identidade das diversas religiões.

"Não haverá paz entre as nações sem a paz entre as religiões.

"Não haverá paz entre as religiões sem o diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões se não se investigam os fundamentos das religiões."

Assim sublinha o teólogo Hans Kung, perito no Concílio Vaticano II e criador da Fundação para a Ética Mundial (1995).

O acolhimento e hoje um grande sinal de misericórdia.

Acolhamos a todos...

Deixemos as diferenças com Deus... Ele une...

A espiritualidade une a todos os que tem fé em Deus Pai.

O dom e o chamamento de Deus são irrevogáveis...

"A consciência é o núcleo mais secreto do homem, o san-

tuário onde ele está a sós com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo"

"É necessária a escuta da palavra profética, estando atentos às alegrias, às esperanças, às tristezas e às angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem". (G.S.)

"As directrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza". (Laudato Si)

"Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas". (At.4,6)

**"SOMOS CHAMADOS A PROCLAMAR AS OBRAS MARAVILHOSAS DO SENHOR".**

(1 Pe.-2,9)

Como o salmista proclamamos:

**"VENHA SOBRE NÓS, SENHOR, O TEU AMOR, POIS DEPOSITAMOS EM TI A NOSSA CONFIANÇA".**

(Sl.33)

José Rodrigues Lima



# Marcelo é Presidente!

Como o próprio candidato previu, a sua candidatura a Presidente da República, "eram favas contadas"!

Marcelo Rebelo de Sousa, confirmou-o logo na primeira volta das eleições presidenciais, arrumando de uma assentada todos os outros candidatos.

É um vencedor incontestável, e não vale a pena estarem todos os analistas políticos, os politólogos, os comentadores que dia-a-dia nos aparecem nas várias televisões a fazerem os mais diversos comentários sobre a sua vitória, o "futuro" que lhe está reservado, as dificuldades que vai encontrar pelo caminho, se vai ou não apoiar este governo ou outro que possa vir depois, etc. etc.

Estamos fartos!

Ainda bem que a questão se resolveu na primeira volta, porque muitos de nós que gostamos de ver o país a andar para-a-frente, já não aguentávamos mais tanta conversa, tanto debate, tanto tempo-de-antena, dos inúmeros candidatos que se apresentaram ao lugar de PR!

Temos que considerar que Marcelo Rebelo de Sousa venceu pelo seu próprio mérito. É insofismável que a sua popularidade, através da televisão ao longo de muitos anos, tiveram um efeito muito positivo e o colocaram perante os seus mais directos adversários numa posição muito confortável, como referimos em anterior artigo. Esta circunstância serviu para alguns candidatos se referirem a isso. O que é compreensível. Será um fenómeno a estudar pelos especialistas da comunicação.

Mas, fez uma campanha muito pessoal, sem "as muletas" dos partidos que agora se lhe vão querer colar, "esquivando-se" de uma maneira inteligente e muito subtil por vezes, nos debates com os seus adversários quando o atacavam nos seus pontos mais frágeis.

Não vai ter uma tarefa fácil como Presidente da República.

Como afirmou no dia da vitória, vai desejar congregar e pacificar todos os portugueses para os tempos difíceis que nos esperam, atendendo à situação frágil económica que o nosso país atravessa, assim como a Europa. Esperemos que o consiga.

Tem uma pesada herança do presidente que sai do Palácio de Belém, depois dos últimos anos no cargo, o qual deixa na maioria dos portugueses algumas más recordações, pelo "cinzentismo" da sua actuação em momentos decisivos, e cujos índices de popularidade estão cada vez mais baixos.

Contudo, também sabemos que é um homem que vai saber dar a volta nesta matéria, e vai conseguir que a grande maioria dos portugueses possam ver de novo a figura tutelar de um Presidente da República, mais próximo daqueles que esperam dele mais justiça, mais progresso para o país e uma menor crispação entre aqueles que desejam que o país ande para-a-frente.

Será uma tarefa espinhosa, para a qual estou certo que será o homem certo, por toda a sua experiência como político e pelo modo de estar com os portugueses e com uma sociedade que bem conhece.

Não quero deixar de me referir a alguns dos vencidos nesta jornada presidencial, a qual veio pôr a nu, algo que estava nos seus bastidores.

Sampaio da Nóvoa, foi um digno vencido, e com toda a certeza que poderia ter ido mais longe na sua votação, não fosse a "tibiaza" daqueles que no início lhe deram o seu apoio e depois recuaram. Foi bonito ver o seu discurso e o desportivismo como encarou a sua votação e a impossibilidade de passar a uma segunda volta. Um exemplo... Alguns esclarecidos notaram a

ausência daqueles que deveriam estar a seu lado para o apoiarem naquele momento. As palavras da jornalista Maria Antónia Palla, foram eloquentes...

Maria de Belém apareceu como aquela carta fora do baralho, absolutamente apoiada nalguns históricos do PS, mas sem aquela força anímica necessária para uma tarefa tão ingrata e desgastante, acentuada pelo falecimento de Almeida Santos. Uma prova contudo de carácter que deu a cara à luta, e não se deixou intimidar. O seu apoiante desde a primeira hora, Manuel Alegre, teve a coragem de assumir que estas eleições presidenciais, foram "uma derrota para o PS"!

Em relação aos outros candidatos, referia-se o resultado da candidata do BE, Marisa Matias, que acabaria por congregar os votantes da esquerda, relegando o candidato do PC, Edgar Silva, para o pior resultado de sempre deste partido em eleições para PR. Este resultado do BE vai com toda a certeza condicionar no futuro a estratégia da "coligação do governo". Veremos!

Seria injusto não referir o sucesso de Vitorino Silva (um candidato verdadeiramente do povo), e dos outros candidatos que ficaram muito aquém do esperado nos resultados, conforme eles próprios consideraram com modestas votações, apesar dos esforços que os mesmos depositaram à causa: refiro-me a Paulo Morais e Henrique Neto.

Que o mandato de Marcelo Rebelo de Sousa seja pautado pela coerência e respeito da Constituição, esperando desde já que como disse na campanha, não distinga portugueses de primeira ou de segunda.

Boa sorte.

*António Jorge Tavares  
Jornalista*

*(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia.)*

## Braga geminada com Manaus-Brasil

*Aquela que é a sétima cidade mais populosa do Brasil, capital do Estado do Amazonas, sexto município que mais contribui para o PIB brasileiro, décimo destino turístico do Brasil e uma das 20 melhores cidades da América Latina para fazer negócios, já decidiu reconhecer Braga como 'Cidade Irmã'.*

*A capital do Minho vai corresponder com o mesmo reconhecimento ou geminação.*

Para nós melgacenses pode dizer-nos também alguma coisa, pois Manaus foi um dos destinos de eleição dos melgacenses. Quantos mais laços se estabelecerem abrangendo programas científicos, sociais, ambientais, culturais, desportivos e comerciais entre as duas cidades, melhor será para todos e para o desenvolvimento das suas gentes.

## Persianas fechadas Amial sem residentes desde o final de 2015



O Lugar de Amial, freguesia de São Paio, Melgaço, é o exemplo mais recente de um interior que se vai esvaziando sem se compadecer com a paisagem ou com a viabilidade agrícola do parcelário outrora fonte de rendimento.

A pouco mais de quatro quilómetros do centro de Melgaço – e de onde se tem uma interessante vista panorâmica sobre o concelho e o território galego – o Amial hoje pouco mais é do que um depósito de memórias de quem ali cresceu.

A passagem frequente de tractores e até do 'guardião' do lugar, que todos os dias vai cuidar do gado e das casas que ali permanecem, é o movimento possível depois de ter perdido, em finais de 2015, a sua última residente frequente.

Aquando da nossa visita ao Lugar, até onde as indicações foram claras e as condições rodoviárias impunham o limite, foi António Esteves, o mais recente morador da localidade, que nos traçou o melhor e o pior cenário daquele aglomerado de casas. Com a paisagem urbana e rural de Melgaço em fundo, o morador lamentava a perda progressiva do parcelário agrícola, hoje já não tão humanizado, a que nem as novas políticas (que diziam precisar tanto do sector primário) conseguiram inverter a tendência.

Com ligações familiares a este rincão, só em 2012 comprou a casa de família, depois de mais de quatro décadas em França, sua casa desde que saiu de Melgaço "com passaporte de coelho" no início da década de 70.

Hoje, depois de um longo impasse familiar relacionado com partilha de bens herdados, António Esteves (re)começa a criar ligação sentimental ao concelho, de onde saiu ainda menor e do qual só conhecia bem os carreiros do contrabando. À memória ainda lhe vem o dia em que, em Lamas de Mouro, lhe apreenderam oito vacas.

Hoje, ao olhar para os socalcos com mato ou de pousio, diz não entender porque é que "a gente nova não olha para isto", mas acredita que ainda não é o fim do ciclo para aquelas terras. As casas, algumas em ruínas e das quais apenas resistem as paredes, parte do 'sobrado' e as novas (em folha) placas de numeração da nova toponímia.

António indigna-se com o poder local, que diz não responder aos seus alertas quando fala de um antigo caminho que passa entre as casas na ponta daquele lugar. No fim da estrada alcatroada, o caminho prolonga-se entre o casario e dá lugar a um caminho florestal e que António diz ser um dos antigos caminhos para Santa Rita (em Roussas). No entanto, a água das chuvas que desce pela encosta está, a cada Inverno, a levar parte da terra que dá forma a esta ligação entre o fim do alcatrão e o trilho florestal. António diz que está disposto a fazer cedências e até a mudar um espigheiro junto ao trilho para que seja construído um caminho seguro. Deixa também por esta via o recado, até porque a sua presença não é para ficar. Depois de um mês de férias para ver o andamento das obras de recuperação da casa, voltaria para França, onde tem um negócio. Definitivamente, só um Agosto festivo e solarengo voltará a trazer vida a estas casas de persianas fechadas.

A capela, de porta fechada à chave, não nos dá a certeza que divindade alberga ou se a imagem está no altar. Para o que der e vier, trancas à porta. As casas estão seguras. Por outro lado, o interior do país continua a ser espoliado e aqui, "ir para a terra" é sempre sinal de luto.

*João Martinho*



## 10 Anos de Diana Gonçalves

Teus pais, teus avós desejam que passes um feliz aniversário e possas celebrar juntamente com os teus, por muitos anos, com alegria e dando felicidade aos outros.



## Dor

Nos corredores sombrios do Hospital  
Passeia a dor em macas ambulantes  
Vagueia o sofrimento nos semblantes  
A morte espreita, com olhar fatal.

Os mais resignados, mais sofridos,  
Apertam na garganta, o grito lancinante  
Despedem-se da vida, em cada instante  
E relembram os anos já vividos.

Vão partir, há muito estão cansados.  
Acabará sem mais a luta inglória?  
Não. Findam os tormentos enraizados.  
Vão findar os tormentos começados.

A morte estende seus braços de mansinho  
Ouve-se no ar um hino de glória:  
Teu bom Pai te acolhe com carinho.

*Em sintonia*

# Marcelo Rebelo de Sousa a Presidente

*A 24 de Janeiro foi eleito o 5º Presidente da República por voto directo e universal. Um novo Presidente entra para a galeria dos Presidentes pós 25 de Abril.*

O Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa pensou pela sua cabeça e ombreou com galhardia a conquista do eleitorado que o elegeu como próximo Presidente da República Portuguesa

A caminhada de 5 anos começa agora e os Portugueses esperam que o País ultrapasse o compasso de espera ditado pela crise!...

Tal como afirmou a mandatária nacional da candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa, "o todo vale mais que a soma das partes".

Portugal necessita de um árbitro inclusivo que crie auto estima e gere consensos.

A cultura dos afectos foi mais intensa e mais poderosa que as fileiras partidárias. E, como disse o futuro Chefe Supremo das Forças Armadas:

- os momentos não são todos iguais
- as missões não são todas iguais
- há momentos em que o dever é um objecto de consciência.

Portugal acredita que com Marcelo Rebelo de Sousa não há interesses instalados e Portugal vale pelo seu todo.

Eram 10 os candidatos, mas Marcelo, que não partiu do zero, equilibrou e bateu o arco da governação.

Marcelo Rebelo de Sousa deu exemplo e provou que o erário público deve ser respeitado. A sua candidatura não lesou os cofres do Estado.

Marcelo Rebelo de Sousa foi escolhido pelo Povo Português para ser o mais alto Magistrado da Nação durante os próximos 5 anos.

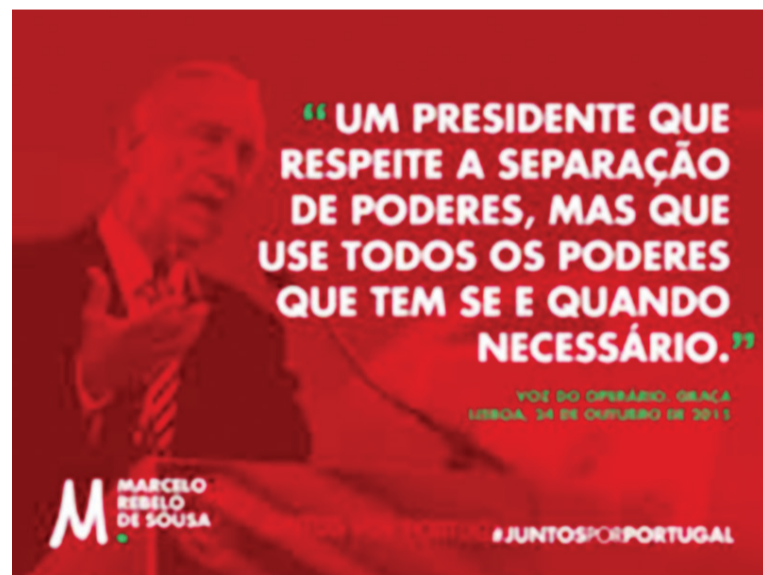
Portugal é do que há de melhor no Mundo!

Neste tempo novo que Portugal vive, esperemos que Belém seja um ponto de equilíbrio que garanta a equidade, a coesão social, a justiça, o crescimento económico e estabilidade política.

Em Março, uma nova Primavera surge na Presidência da República.



Menos Cavaco Silva, os antigos Presidentes da República apoiaram com as suas palavras a candidatura de Sampaio da Nóvoa. Com quantos votos terão contribuído para os 22% alcançados pelo candidato?



*Leal Matos*

RESTAURANTE "O Adérito"

Adérito Pires da Costa

**ESPECIALIDADES:**  
Bacalhau à Casa  
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa  
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES  
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES  
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO  
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt  
[www.oaderito.com](http://www.oaderito.com)



# Maria Alberta Pereira de Castro

## AGRADECIMENTO

*Exmo. Senhor Doutor  
Carlos Vaz*

Através do "seu" e nosso jornal "A Voz de Melgaço", peço que me permita apresentar-lhe o meu agradecimento ao ter aceite presidir à missa que antecedeu a condução da minha mãe, Maria Alberta Pereira de Castro, à sua morada final.

Só a amizade que existe há longos anos entre as nossas famílias, e que se renova através das sucessivas gerações, se deve o seu sacrifício em deslocar-se apesar de uma agenda carregada de compromissos, para participar na missa em memória da minha mãe, com a sua oração e com a sua homilia, expoente de saber, inteligência e de eloquência.

Repito o ensinamento, "nem sequer um copo de água ficará sem resposta".

Agradeço, outrossim, ao Sr. Pe. Dr. João Paulo Vieira, a condução do féretro e das cerimónias, bem como o apoio prestado como pároco.

Agradeço, ainda, aos nossos conterrâneos de Melgaço que se despediram de quem sempre muito os considerou e amou, e que nos trouxeram o abraço reconfortante e solidário.

Finalmente agradeço à nora da minha mãe, à minha mulher, Alexandra Maria Ferreira Braga de Sousa Louro Pereira de Castro, e não poderia calar este reconhecimento público, a quem honrou a minha família com a nobreza do seu carácter e da sua linhagem, por ter amortalhado quem tanto a considerou em vida e por ter dirigido e organizado a sua cerimónia fúnebre.

Comigo, fica a responsabilidade de acreditar que a vida da minha mãe "não foi destruída e aniquilada pelo trauma da morte, mas foi acolhida e potenciada pelo Deus que ressuscita os mortos".

A todos o meu eterno agradecimento

*Artur Anselmo Pereira de Castro*



# "Habemus vinum" II (IIIª série)

## 1. O Desaparecimento de D. Hermínia Paes "A Senhora da Brejoeira"

Não posso deixar neste artigo de referir a perda dessa grande "senhora da Brejoeira", Dona Maria Hermínia Paes, de cuja morte tive conhecimento através deste jornal.

Ainda muito recentemente estive no Palácio da Brejoeira, em duas visitas, as quais tive oportunidade de referir nestas mesmas páginas.

Anteriormente, conforme relatei também, tive oportunidade de o ter visitado, por duas vezes, e nessas duas visitas, tive contacto e a oportunidade de falar com a senhora Dona Maria Hermínia Paes proprietária e residente no referido palácio da Brejoeira.

Ainda recordo a placa colocada no jardim, onde estava escrito: "Propriedade Privada. Proibida a Entrada", dissuadindo desse modo, qualquer visitante que se achesse a tocar na sineta para visitar o referido Palácio da Brejoeira, autêntico "ex-libris" para o vinho Alvarinho produzido nas suas vinhas.

Já referi alguns pormenores dessas visitas, mas não posso deixar de referir, após o seu desaparecimento, para além do seu ar distinto e senhoril, uma postura muito personalizada e de autoridade.

Gostaria de referir que na primeira visita me apresentei só, mas na segunda visita, passados já mais alguns anos, integrava um grupo muito restrito de jornalistas, onde tivemos oportunidade de provar o magnífico vinho alvarinho do palácio da Brejoeira. A senhora Dona Hermínia Paes foi a anfitriã, tendo a seu lado João de Vasconcelos, o qual na altura supervisionava todo o trabalho vinícola do Palácio da Brejoeira e era uma pessoa da sua inteira confiança.

Tive ainda oportunidade de a ver pela última vez, numa recepção dada pelo então Presidente da República, Mário Soares, num jantar oferecido ao Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, nos Paços do Duque de Bragança, em Guimarães, embora não me recorde do ano em que tal aconteceu. Foi um jantar, onde estavam representadas grandes figuras da região norte do país, não se esquecendo o então presidente de a convidar.

Tudo isto que relato tem como propósito, pensar que nos dias de hoje, a questão do alargamento da casta alvarinho, a outros territórios do país, sem ser já não só, a própria região dos vinhos verdes, é uma "aberração". Com toda a certeza que da parte da senhora Dona Maria Hermínia Paes, com o vigor que tinha naquela altura, faria com toda a certeza grande oposição, repúdio e não deixaria de fazer ouvir a sua voz discordante com toda a certeza.



Não resisto a revelar a opinião sobre o assunto, que alguém que trabalha e conhece a questão do problema do alargamento do alvarinho, me revelou: "claro que não estou de acordo e muito menos como foi ou está a ser conseguido. Mas neste país, infelizmente consegue-se ultrapassar através de "lobby's" o que verdadeiramente são interesses regionais e/ou até nacionais. Como dizem os franceses...c'est la vie!!!"

Prometo, voltar a este problema do "alargamento", em próximo artigo.

## 2. Os Melhores Vinhos de 2015

Como prometi no meu último artigo, e a exemplo dos anos anteriores, não quero deixar cair "a tradição" de classificar os cinco melhores vinhos brancos e tintos que bebi ao longo do ano de 2015.

Devo dizer que esta avaliação é muito subjectiva por vários motivos. Tenho por norma uma apreciação que espero que o leitor enófilo interessado em ler esta página, não faça uma leitura errada.

Em primeiro lugar, existe o princípio felizmente muito importante na apreciação dos vinhos, os quais diferem (felizmente) de pessoa para pessoa. Um vinho que por exemplo, me possa agradar, pode já não ter o mesmo efeito em outra pessoa. Isso acontece até frequentemente quando almoçamos com amigos, e ouvimos vozes discordantes, em relação ao vinho que acompanha a refeição. Isso é satisfatório, porque mal de nós se tivéssemos todos os mesmos gostos.

Outro aspecto é que os vinhos que me agradaram ao longo do ano, foram bebidos a acompanhar refeições, e não em provas de vinhos, onde as regras são diferentes, pois ao provar-se o vinho, o mesmo depois de provado é deitado fora para a cuspeira. Para além disso, a percepção de se ter que provar dez vinhos, ou até mais vinhos, numa

sessão dessas, tira, logo à partida, desvantagens compreensíveis.

Essas apreciações ficam para os "mais entendidos" na matéria, muitos deles conhecidos no "mundo-do-vinho", já que são o seu modo de vida.

Gostaria ainda de referir que todos os vinhos foram adquiridos por mim, a maioria dos casos nos produtores (por força do ofício), ou também adquiridos em garrafeiras especializadas.

Não tenho qualquer problema em indicar este ou aquele vinho (branco ou tinto), no caso de ser amigo deste ou daquele produtor ou até do enólogo, embora alguns dos vinhos indicados nem os conheça pessoalmente.

Como já disse, este "ranking", que faço com todo o gosto, visa exactamente dar a conhecer aqueles vinhos, tantas vezes esquecidos, e visando um aspecto que considere importante: qualidade/preço.

Não alinho nos vinhos com preços estratosféricos, mas sim em vinhos ao alcance do comum dos mortais.

Nos brancos temos, como não podia deixar de ser o alvarinho "Quinta do Cerdedo", o vinho verde "espadeiro" da "Encosta de Xisto/2014", o "100 Hectares/2013", deixando para o final dois vinhos do Douro Superior: o "Pios/2013" e o "Montes Ermos/Reserva/2013", este último quase sempre esgotado.

Nos tintos, a escolha é sempre mais difícil, lembrando aquela máxima de que vinho é tinto, e como todos sabemos existe no momento, uma grande proliferação de marcas novas no mercado, o que acaba por dificultar essa minha escolha, pois ainda não tive oportunidade de provar muitos desses vinhos.

Mas, aí vão eles: da região durienense o "Quinta do Cabril/Reserva 2011", o "Excomungado 2011" (é este mesmo o seu nome), o "100 Hectares Superior/2012", o "Quinta dos Aciprestes/Reserva/2010", não querendo esquecer o alentejano "Vale Barqueiros/Reserva 2010", infelizmente já esgotado no produtor.

É tudo.

Desejo que o ano de 2016 continue a colocar no mercado vinhos cada vez melhores, não esquecendo nunca a sua tipicidade, características próprias das regiões fantásticas que temos no nosso país.

Não quero deixar de fazer o meu "mea culpa", por não ter enumerado na minha classificação, nenhum vinho de outras regiões, as quais aprecio por ter excelentes vinhos, mas fica desde já a promessa de em próximos artigos falar delas: é o Dão e a Bairrada, regiões essas que têm realizado grandes progressos.

*António Jorge Tavares  
Jornalista*

*(o autor escreve de acordo com a  
antiga ortografia)*

Allianz

Liberty  
Seguros

LUSITANIA  
Grupo Montepio

AXA

**MCA- Mediação de Seguros Lda**

Isp n° 413392428

**Rigor no Preço.... Rigor na Protecção**

**Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito**

Escritórios :  
Rua Fonte da Vila S/n  
4960-546 Melgaço  
Tel : 251402903 Fax : 251402907  
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233  
4950-855 Cortes - Monção  
Tel / Fax : 251 656232  
Tlm 966747834

**Protocolos de Seguros**  
Forças Militares (GNR, PSP, etc)  
Professores, Função Pública  
Médicos, Dentistas, Veterinários

**Legalizações automóveis**  
Regime Geral  
Regime de emigrante  
Pergunte sobre o seu caso em especial



# A Nossa Vida é uma Viagem: Já pensou em Desenhá-La?

O século XX mergulhou-nos no mundo das imagens do universo ou do ambiente que nos rodeia das formas mais variadas: fotografias, diapositivos, filmes, a preto e branco, primeiro, depois, a reproduzir cores.

O fascínio enorme que toda esta evolução causou levou a uma expansão quase sem limites de toda a espécie de aparelhagens captadoras e reprodutoras de imagens: máquinas fotográficas, das mais simples, quase um caixotinho, às mais sofisticadas com as suas enormes

## DA INVASÃO DA TÉCNICA À NOSTALGIA DO SENTIR

Nos últimos anos, cada vez mais pessoas, sentem o apelo de tocar as imagens do que vêm de uma forma humana, de as captar emocionalmente pelos seus próprios sentidos, como quem escreve uma carta em que conta como sentiu o que viu.

e torna-se interessante a frase que encabeça o site<sup>1</sup> dos Urban Sketchers portugueses: *Nunca encontrei ninguém completamente incapaz de aprender a desenhar* frase de John Ruskin, intelectual inglês do século XIX.

## DE SEATTLE PARA TODO O MUNDO

O primeiro grupo que se organizou oficialmente e criou uma presença em forma de blog na internet, nasceu em Seattle, nos EUA, em 2007, criado pelo jornalista Gabriel Campanario, natural de Barcelona onde nasceu em 1969. Licenciado em jornalismo pela Universidade de Navarra, trabalha actualmente como artista de notícias no jornal "Seattle Times" onde começou a publicar com muito sucesso os sketches que traduziam aspectos do quotidiano.

Em 2009, Gabriel Campanario estruturou os "Urban Sketchers" como uma comunidade global de artistas que praticam o desenho do quotidiano com o seguinte lema "We show the world, one drawing at a time!"<sup>2</sup>

Actualmente a comunidade internacional apresenta-se em forte expansão com comunidades nacionais em muitos países

## URBAN SKETCHERS EM PORTUGAL

Transcrevemos aqui a apresentação que de si mesmos fazem no blog já indicado:

"Urban Sketchers são um colectivo de autores que desenham em diários gráficos as cidades onde vivem, os sítios por onde viajam, encontram-se para desenhar de vez em quando e respeitam o manifesto.

### Manifesto Urban Sketchers

1. *Desenhamos in situ, no interior e no exterior, registando directamente o que observamos.*

2. *Os nossos desenhos contam a história do que nos rodeia, os*

*lugares onde vivemos e por onde viajamos.*

3. *Os nossos desenhos são um registo do tempo e do lugar.*

4. *Somos fiéis às cenas que presenciamos.*

5. *Usamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual.*

6. *Apoiamo-nos uns aos outros e desenhamos em grupo.*

7. *Partilhamos os nossos desenhos online.*

8. *Mostramos o mundo, um desenho de cada vez."*

Os grupos estão-se a multiplicar, mesmo em Portugal, a uma velocidade surpreendente e os intercâmbios de artistas e todos os interessados não cessa.

Consultar a página de Portugal indica-nos imensas actividades em vários pontos do país. Experimente espreitar.

## SAIR COM UM GRUPO QUE DESENHA PARA COMEÇAR

Com um caderno próprio para desenhar que encontra em qualquer papelaria, e uma caneta, descubra um grupo que costume sair para desenhar, geralmente aos fins de semana. Espreite blogues, inspire-se, reveja-se nas memórias que vai juntando...Ah, já me esquecia, em geral estes cadernos designam-se



Quando um grupo compara os desenhos surgem de um mesmo local muitas interpretações e inspirações

por diários gráficos e, por isso, podem incluir frases, comentários, pequenas observações que os tornam uns verdadeiros diários de viagem do nosso dia a dia.

A certa altura começamos a investigar como podemos dar côr...



Torre do Forte de S. Julião da Barra, em Oeiras.

em geral pequenas caixas de aguarelas ou lápis aguareláveis. E pinéis com reservatório de água incorporado que os torna muito mais autónomos.

## O SEU DIA A DIA NUNCA MAIS VAI SER O MESMO

Depois de espreitar blogues, de descobrir que este ano o 7º Simpósio Anual internacional dos Urban Sketchers será em Manchester, descobrir que o 2º foi em Portugal em 2011, tente inserir-se num grupo mesmo que seja um pouco mais longe, e experimente.

Os seus olhos passam a descobrir aspectos do dia a dia que passavam despercebidos. Descubrimos pormenores, semelhanças e diferenças que nos deixam enriquecidos.

Sem falar na quantidade de conversas, comunicação interpessoal e encontros entre gostos e sensibilidades que se despertam e descobrem...

Em viagem por países de cuja língua não percebemos uma só palavra, o sketch aguça a curiosidade e a comunicação e origina histórias inesquecíveis. Da

fotografia pode-se querer fugir, de uma tentativa de sketch nasce uma curiosidade e uma relação de dimensão sempre humana.

Um desafio que lhe deixo!

M. J. Lobo



Feira do livro em Lisboa, carrinha de venda de Bagels para os perdidos por livros não terem de perder tempo a deslocar-se a restaurantes...

tele-objectivas e jogos de lentes, filtros, tripés, disparadores automáticos, um sem fim de maravilhas da técnica.

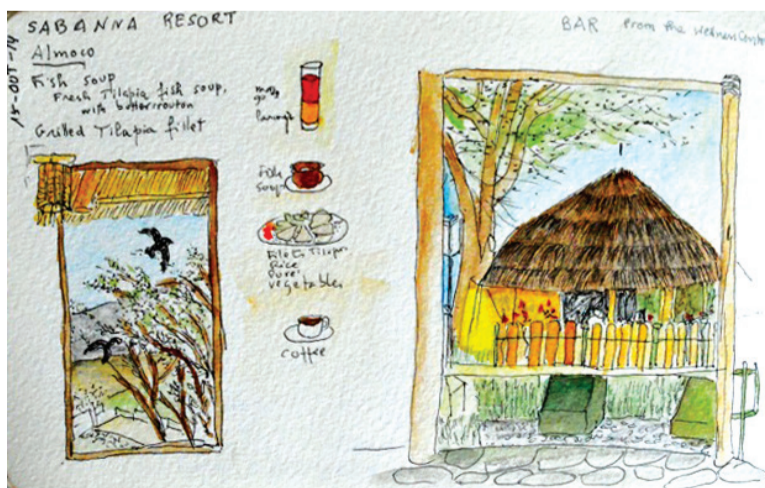
Os filmes, os vídeos que já se obtêm com um simples telemóvel, com os seus cabos, punhos e suportes, a expandir em forma de tsunami a moda das selfies, como auto retratos a enquadrar o seu autor nos mais variados contextos, em modo auto suficiente, parecem ter lançado como irreversível e definitiva a fotografia estática ou em movimento num vídeo, como meios de reprodução indiscutível da imagem num modo inimaginável há algum tempo...

Que mais se seguirá?

E assim nasceu um movimento de expansão sobre o papel, com um lápis ou caneta, do que se vê e se observa, que dá pelo nome de "urban sketchers", que se definem como desenhadores do quotidiano.

Causa uma sensação inexprimível de criação sentir e captar com os nossos sentidos o que se observa, o que olhamos e tentamos reproduzir, de uma forma que jamais esqueceremos. Mais bem feito ou menos bem, o olhar que prescreta e leva a mão a tentar reproduzir o que se observa torna-nos inesquecíveis as imagens que abraçamos com o olhar.

Qualquer pessoa pode tentar, ninguém pretende avaliar ninguém,



De um Diário gráfico da viagem à Etiópia, com as notas explicativas. Inesquecíveis registos.

<sup>1</sup> <http://urbansketchers-portugal.blogspot.pt>

<sup>2</sup> *Mostramos o mundo, um desenho de cada vez"*



## VIAGENS NESTA NOSSA TERRA Estórias de Fiães, de tempos passados

Na obra "Portugal Antigo e Moderno", volume III, editado em 1874, Pinho Leal fala-nos como seria esta freguesia na época e fala-nos de algumas estórias da terra:

"O clima d'esta freguesia é excessivo, e seu solo, apesar de abundante de águas, é em geral pouco fértil. Produz porém muito centeio, algum milho, pouco vinho, muita castanha e bastante fruta, em um estreito e profundo vale, que fica a este. Cria bastante gado, e os seus presuntos, curados sem sal, são os melhores da província.

Há aqui muita caça de varias espécies, principalmente no sitio das Ramalheiras, imensa floresta de carvalhos, urzes e giestas. Toda a freguesia está assente em terreno muito acidentado, e é vasto o seu território.

Tem montes quase a pique. Ainda li há poucos anos que em 1841, perto do lugar de Portocarreiro, desabou um cabeço, ao longo de uns seiscentos metros, arrastando na sua queda grandes árvores e penedias, e destruindo uma aldeia, da qual morreram então 15 pessoas.

Esta avalanche monstruosa foi direita a uma capela na encosta, e quando todos se persuadiam que ela seria arrasada, aquela mole imensa se divide em duas, e se precipita pelos dois lados da ermida, ficando esta intacta.

Por muitas vezes se tem nesta freguesia dado deslocções idênticas, deixando sempre tristes consequências da sua passagem devastadora.



A 1500 metros ao sul do mosteiro, está a majestosa e alta serra de Pernidelo, donde a vista se estende por um vastíssimo e formoso panorama. Ao sopé desta serra se estende na distância de 6 a 7 Km's a verde e fértil veiga de Melgaço. O ribeiro de Várzeas divide aqui Portugal da província da Galiza.

Conta-se por aqui em Fiães que em 1861 foram devastadas as povoações gallegas de Padrenda, Monte Redondo e Gazgoa, por uma fera, que uns diziam ser lobo outros tigre, outros javali, etc. Dali passou a Portugal e encheu de terror as povoações de Castro Laboreiro, Fiães e outras, fazendo muitas vítimas. Só em um dia, matou duas crianças de 11 anos, em Castro Laboreiro, devorando uma e despedaçando outra. Não era raro encontrar aqui um braço, acolá uma perna, além um crânio, principalmente nas freguesias galegas.

Tudo andava horrorizado. Ninguém saía de noite, e, mesmo de dia, só bem armado e nunca só. O povo, sempre propenso ao maravilhoso, ligou várias histórias sobrenaturais a este acontecimento. Segundo uns, era a fera—um filho indigno, amaldiçoado pelos seus pais. Segundo outros, era um Caim que tinha assassinado um seu irmão. Outros pretendiam que era uma alma do outro mundo. Os mais espertos sustentavam que era um lobisomem e os mais sérios, teimavam que era, nem mais nem menos, o diabo em pessoa.

Combinaram-se todos os povos destes sítios para fazerem uma grande montaria ao animal feroz, qualquer que fosse a espécie a que pertencesse.

Reuniu-se grande número de povo no terreiro da Capela de Alcobaça, limites de Fiães e Lamas de Mouro, e mais de 300 homens investiram na floresta das Ramalheiras. Não apareceu a fera, mas achou-se um rapaz, de 14 anos, horrorosamente ferido por ela, e salvo por umas vacas, que andava guardando, as quais se atiraram resolutamente ao animal feroz, e o fizeram fugir. O rapaz escapou. Esta fera apareceu nestes sítios por duas vezes, com intervalo de dois anos, demorando-se de cada uma alguns meses.

Desapareceu sem se saber como, nem para onde. Também nunca se chegou a saber positivamente que espécie de animal era."

Valter Alves

Extraído de:

- PINHO LEAL, Augusto Soares A. B. (1874) - Portugal Antigo e Moderno (Volume III). Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa.

## Mais de três décadas depois da viagem de Saramago, onde estão "As Meninas de Castro Laboreiro"?



Em 2016, completam-se 37 anos desde a "Viagem a Portugal" ('pela rama', acrescentaríamos nós) de José Saramago, naquela que é uma dissertação sobre alguns aspectos históricos, paisagísticos e de análise a um país pré-CEE.

A páginas tantas, aquele que viria a ser o ilustre (e único, até hoje) escritor nobelizado detém-se na análise de um quadro tipicamente rural. Num livro atento aos detalhes do granito dos monumentos e ao acidentado da paisagem minhota, o autor detém-se a contemplar duas meninas, a brincar com bonecas. Estava em Castro Laboreiro, em frente à estação dos Correios.

### Como é Castro Laboreiro na memória das crianças dos anos 70?

Onde estão e do que se lembram estas meninas deste encontro, quase quarenta anos depois? Fomos à procura das duas meninas e das suas memórias de uma infância vivida a mais de 1100 metros de altitude.

Hoje, Sandra Marques Silva e Sónia Fernandes, ambas com 41 anos de idade, poucas memórias guardam do momento com o "senhor de barbas" (?). A melhor memória é mesmo a foto, publicada no conhecido livro, que revela tão amplamente os traços já reveladores das feições de ambas, com o que brincavam e até "a linha branca das meias, que tive de coser à

pressa, porque eu queria ir brincar mas a minha mãe obrigou-me", revela Sandra, numa memória criada com a ajuda da mãe.

À altura da foto, tinham 5 anos de idade e algum receio de tudo. Não sorriram para a foto porque não lhes foi pedido e elas ainda não sabiam fazer pose. Ficaram porque a mãe de Sónia, "chefe" do posto de Correios de Castro Laboreiro, foi consultada sobre a autorização para fotografar as crianças.

Hoje, Sandra, empregada numa pastelaria no centro da vila de Melgaço, recorda algumas das vivências na freguesia castreja, onde permaneceu de 1974 a 1982. Da Escola Primária "com uma sala para os quatro anos de ensino"; dos Invernos "que eram uma desgraça" e não deixavam chegar o padeiro à freguesia por causa da neve e até das viagens de autocarro para visitar os avós, até porque a carreira "deixava as pessoas junto ao J. Lima e tínhamos de ir a pé para Paderne".

A mãe era tecedeira, o pai era Guarda-Fiscal. Moravam no centro da vila castreja, na casa "Albergue de S. José" e sente que, apesar de alguma melancolia e isolamento da localidade, "nunca nos faltou nada".

Se hoje pudesse confrontar o autor do livro sobre os dizeres a propósito da terra castreja, não o questionaria sobre o rigor na descrição do castelo – "também só lá fui uma vez, já depois de casar" – mas sobre aquilo que o escritor

não falou. "Não falou dos cães de Castro Laboreiro, nem falou com o padre Aníbal, uma pessoa que sabia muitas histórias sobre Castro".

A conversa com Sónia Fernandes, na imagem, à direita, teve de ser com recurso às tecnologias. Engenheira Civil de profissão e a trabalhar em Moçambique, a "menina" do livro de Saramago não se lembra do encontro, mas tem na vila castreja a sua terra-mãe, que visita com frequência.

"Sempre foi e será a minha terra natal. Saí de lá para estudar e mais tarde para trabalhar, mas sempre tentei passar lá, férias, fins-de-semana e épocas festivas junto com a minha família. Tive uma infância maravilhosa em Castro Laboreiro; em liberdade, rodeada de família e gente conhecida. Passei o tempo todo em contacto directo com a natureza, aprendi com os mais velhos os costumes e as tradições características de uma pequena aldeia e tudo isto é um privilégio para muito poucos".

Daquilo que ficou por dizer no livro de Saramago, Sónia "desculpa" o escritor pelo objectivo da obra. "Muitas coisas ficaram por dizer: A boa gastronomia, as aldeias típicas, as construções romanas, a simpatia, a frontalidade e amabilidade das pessoas, mas julgo que a intenção do autor foi transmitir ao leitor a simplicidade da vida em Castro Laboreiro e despertar no mesmo a curiosidade e vontade de visitar esta vila".

João Martinho



**MIRACASTRO**  
ALBERGARIA

CASTRO LABOREIRO  
Tel. 251 460 020  
Fax 251 460 029

**Albergaria**  
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

**Restaurante**  
Sala com capacidade para 250 pessoas.  
Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

**Especialidades:**  
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa;  
Vitela dos nossos pastos;  
Sobremesa típica.





# Tempo de balanço e reflexão



Cavaco cometeu um perfídia de escrita ao usar "indicar" em vez de "indigitar" António Costa para primeiro-ministro, acentuando ainda mais a crispação na sociedade portuguesa, tratando-nos a todos de analfabetos. Mesmo no fim do mandato, não deixa de ser medíocre, o que o marca como o pior presidente da república depois do 25 de Abril de 1974. Ele tentou apagar a esperança, renascida com António Costa, mas essa esperança é que nos tem acompanhado nos maus momentos que vamos vivendo e que tem sido atacada e renovada constantemente. Tem sido a flor que acompanha o drama da nossa existência. É certo. Não somos felizes! A presença da Inquisição, durante três séculos, aumentou os nossos medos e as nossas superstições. Depois, os cinquenta anos de fascismo, repressivo e venenoso, acabaram por dar nisto. Poucas vezes tivemos um governo à altura das nossas esperanças. Depois do 25 de Abril, reaprendemos a respirar. Porém, a festa durou pouco. O cavaquismo reagrupou os ressentidos e não estimulou, por notória incompetência, a razão crítica e criativa. Mas a esperança não nos abandonou; esteve sempre conosco e foi o nosso amparo e conselheira, quando tudo parecia perdido. Nestes últimos anos, as sombras do antigamente voltaram a assolar-nos. As circunstâncias trouxeram para o poder os netos de Salazar, como antes os seus filhos já haviam pernoitado em Belém. Num instante, tomaram conta do aparelho de Estado, dos jornais, das televisões e das mentalidades. Está-nos na

massa do sangue a obediência sem limites e o medo faz parte do nosso quotidiano. De vez em quando lá aparece um que não está de acordo e faz reflorescer as nossas adormecidas esperanças. Estes últimos quatro anos e meio de Coelho e seus correligionários, incluindo o Portas do CDS, calcaram o que residia em nós de alegria. Acreditamos ser possível a felicidade entre os homens. Sabemos que quem nos lê sabe que não vendemos fruta bichada. Transmitimos a ideia de que vale a pena ter esperança, uma das formas mais nobres de resistência. E continuamos a emocionar-nos com o prestígio da palavra revolução, relacionada com a esperança que nunca desiste. Vale a pena ter esperança. Ter esperança no novo governo que agora começou e que nos promete uma vida melhor.

Desde há muito estávamos habituados a confiar nos bancos, nas empresas e nas instituições. Ali não se brincava em serviço. Acreditávamos na solidez e no rigor da gestão do BPN, do BES, do BPP e do Banif. Era motivo de orgulho nacional saber que a PT competia com outras congêneres estrangeiras e apresentava uma boa saúde financeira. Os seus gestores granjeavam reputada estima pública interna e externa. Quando se soube que grande parte da sua tesouraria, (900 milhões), tinha sido investida na Rio Forte, empresa do BES, ruiu a admiração de muitos por este e outros gestores da nossa praça. Em 2008, João Rendeiro, presidente do BPP, lançou o seu livro "Testemunho de um Banqueiro" onde descreve a sua estratégia de

fazer negócios e investir na Bolsa, bem como a melhor maneira de sobreviver à crise financeira. Ninguém, daí a dias do lançamento do livro, suspeitava do tsunami que se abateu sobre o BPP e que redundou na sua falência. As comissões de inquérito que investigaram os negócios ruins, em que aquelas empresas se terão envolvido, têm memória curta ou ignorância a questões básicas. Terá sido a conclusão a que se chegou. Gestores, tão competentes com tantos títulos académicos, conduziram as empresas à falência e depois nada ou pouco sabem das razões. Se fosse o merceeiro da esquina a misturar azeite com óleo ainda se compreendia, mas o BES, o Banif, o BPN, o BPP, a PT, etc? Entretanto, podemos estar descansados. Os problemas do país estão resolvidos. O piropo já é crime com pena de prisão até 3 anos. Só é pena que não se faça igual com a corrupção e o enriquecimento ilícito. Parece que alguém anda a brincar com a gente. O trolha quando do alto do andaime dirigir um gracejo a uma moça bonita está sujeito a ir para à cadeia e pagar uma pesada indemnização à ofendida. Por seu turno, o senhor doutor que atribuiu a si um salário de milhões pela gestão da empresa que gere e passados meses vai à falência, continua a sorrir às perguntas que lhe fizerem, respondendo com um "Não sei".

PS. As eleições presidenciais de 24 de janeiro último foram ganhas por Marcelo Rebelo de Sousa. Cavaco sai dessas eleições sem grande glória. Teve de assistir a um discurso de vitória de Marcelo que foi escrito com a preocupação de ser o oposto dos discursos de vitória de Cavaco e sabe que a partir de agora respira-se melhor no país!!!

Bom Ano Novo 2016 para todos os melgacenses, em especial para os nossos emigrantes que, em terras distantes, Europa, América, etc, labutam pela sua pátria.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Janeiro 2016  
Abílio Francisco Conde

## Os nossos amigos

Nunca deixaremos de repetir que o jornal só pode continuar se tiver assinantes que paguem a assinatura. A grande maioria, mais de 90%, é gente séria. Pode atrasar-se no pagamento, mas paga a assinatura.

Há alguns que se descuidam mais: devem 2, 3, 4 e mais anos. E isso naturalmente que nos cria grandes dificuldades. Daí o nosso apelo veemente para que os bons amigos assinantes façam o esforço de ter a assinatura em dia, seja pagando em Braga, em Melgaço, nos vários amigos que recebem e tomam nota do pagamento; por via postal, cheque ou transferência bancária. O NIB é = 001800002863922400105

Os assinantes que estão em atraso devem pensar nisto: além de não termos o dinheiro devido pela assinatura, ainda temos de adiantar para pagar aos Correios cada uma das 12 expedições. E cada jornal para o estrangeiro custa mais de 1 euro e trinta. Para fora da Europa é euro e meio. Isto pesa muito no dia a dia do jornal, com a agravante de alguns se fazerem depois desentendidos e nem às cartas responderem, ficando a dever para sempre.

Cerca de duas centenas de assinantes regularizaram a assinatura durante o Mês de Janeiro. De entre eles, permitam que destaques Jorge de Barros, de Lisboa; Padre António Sousa e Silva, de Braga; Dr. Justino Xavier, de Braga; António Manuel Pereira, da Maia; Dr. António Mota Salgado, de Lisboa; Palmira do Carmo Bernardo Sérgio, de Viana; Maria L. Alves, Canadá; Glória de Jesus da Cunha Fernandes, de Caminha; Manuel Valente Alves, de Ovar, que tendo pago a assinatura de 2016, o fizeram como amigos.

Pagar adiantadamente é uma boa ajuda para o jornal. Aqui fica o pedido e o incentivo. Esperemos a melhor colaboração.

## Amar em Português

**O Português é a Língua que amo por excelência.**

Sim, gosto de ouvir a língua francesa trauteada tanto por vozes femininas como masculinas. Não é por acaso que muitos afirmam que o francês é a língua dos poetas!...

A língua italiana tem uma musicalidade que atrai para o romantismo latino. Muitos artistas italianos captaram nossa atenção nas telas de cinema!...

É verdade que o espanhol cria impacto na agressividade doce de quem fala com seus fandangos e passos doble!...

A língua inglesa, com seu espírito intelectual, contém matizes gramaticais simples e directos que nos cativam e nos fazem partir à descoberta de obras como as de William Shakespeare!...

Com a língua alemã, num primeiro encontro, apercebemo-nos de um rigor que se sente na própria textura da formação das palavras!... É uma língua com uma certa dureza que encaminha para a disciplina e organização, sem complacência com o despropósito!... Mas os seus cantares populares são quentes!...

O inglês e o francês levam-nos até África, América e Oceânia, dando testemunho do cruzamento de outras diversidades e realidades.

O português é falado em todo o Mundo dando tonalidades multicolores às vivências particulares de cada povo criando laços de afectos simples, belos e transcendentais!...

Todas as línguas e dialetos são fontes de riqueza na comunicação entre os povos. Os Países Nórdicos, os Países de Leste, a China, o Japão, a Arábia e todas as comunidades espalhadas pelos cinco continentes, são ciosas da sua herança cultural e cada uma vale por si própria.

A minha Pátria é a minha Língua.

Portugal é a minha ditosa Pátria amada.

Amo a minha língua portuguesa tão rica e complacente com os cenários e realidades de suas gentes.

Amo falar e pensar em Português.

Amo escrever e ler em Português.

Amo viver e sonhar em Português.

Amo cantar e confraternizar em Português.

Amo questionar e responder em Português.

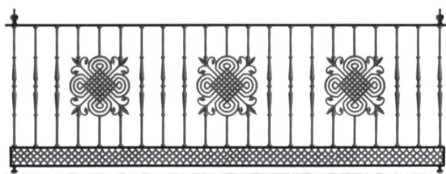
Amo a Língua que Camões soube enaltecer e Fernando Pessoa e grandes poetas e escritores levaram até outros povos e outras Nações.

Amo conjugar o verbo amar como só os portugueses o sabem fazer.

Helena Matos

### SERRALHARIA BOAVISTA

DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista – Rouças | Telefone 251 403 567  
4960 MELGAÇO



# Campanha "Um Dia Pela Vida"

## Melgaço une Comerciantes em iniciativa Solidária

**SÓ PARAMOS QUANDO ENCONTRARMOS A CURA**  
**MELGAÇO,**  
12-03 a 18-06 de 2016



A campanha "Um Dia Pela Vida" Melgaço, promovida pela Liga Portuguesa Contra o Cancro (LPCC), continua a reunir cada vez mais apoios de entidades e comerciantes locais.

Numa iniciativa que envolve uma rede de estabelecimentos aderentes à campanha da LPCC – que estarão devidamente identificados por um dístico autocolante na porta – mas também todos os melgacenses e visitantes que comprem no comércio local.

As representantes locais da campanha da LPCC, doutora Hebe Zamagna e Cândida Menezes, manifestam-se surpreendidas com o espírito solidário da população.

A vontade de colaborar através das mais variadas acções estende-se também à música. Neste campo, as responsáveis destacam a iniciativa da União de Freguesias de Prado e Remoães, que compôs "uma belíssima canção", cantada nas Janeiras 2016 e que será o hino do projecto. Ainda na animação, as responsáveis adiantam

que já estão a ser preparadas actividades, shows e outros eventos para o período de 12 de Março a 18 de Junho.

Além das actividades de angariação de fundos e sensibilização para o rastreio precoce, durante o período de acções serão ainda organizadas palestras, tendo como oradores alguns dos jovens médicos melgacenses: Soraia Dantas, Alexandra Táboas, Carla Fernandes, Cátia Barreiros e Jorge Freitas são os nomes avançados até ao momento, que irão preparar apresentações subordinadas ao tema do rastreio, sob coordenação do doutor José Antonio Marques de Magalhães, da Comissão de Saúde.

#### LISTA DE MÉDICOS/CONSULTÓRIOS ADERENTES:

Dr. Antonino Gomes – 10€ em cada Implante durante os meses do projecto

Dra. Catarina Pinto – 1€ em cada restauração dentária

Dr. Patrick Pinto – 1€ em cada destarização

Dr. Tiago Afonso – 1€ em cada sessão de fisioterapia;

Dr. José Antonio Marques de Magalhães – 2€ em cada sessão de Ozonoterapia

Dra. Hebe Zamagna – 5€ em cada faceta dentária

Dra. Marlene Pereira – 10€ em cada aparelho dentário ortopédico

Dra. Rita Rodrigues Silva – 1€ em cada cheque dentista

"O Consultório do Povo" (Dr. Napoleão) – 1€ em cada Consulta/5€ em cada cirurgia de ambulatório

Nota: A campanha está disponível para inserir mais colaborações de outros médicos. A LPCC entrega o recibo de donativo, dedutível no IRS e IRC a todos.

#### LISTA DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS ADERENTES:

Miraflor – 5% das vendas de todos os artigos

Agência Funerária Mira – 10€ por funeral (no período do projecto)

Laura Freitas – Horas solidárias: Por serviço efectuado reverte 1€; Aulas de Pilates aos Sábados o valor reverte na totalidade; Massagens aos sábados, 20% do valor reverte.

Vitor Ribeiro – Aulas de Zumba na sede do projeto UDPV, 100% do valor reverte para a LPCC

Consulta Osteopatia – 20% para a Liga

Nutricionista – 20% para a LPCC

Rio's Bar – 3€ por equipa

Ana Esteticista (Salão Âmbar) – 1€ por cada massagem

Aromas e Caprichos – Croissant simples 0.10€

Loja da Bela Crochet – 0.10€ por novelo

Dulce Oliveira Manicure – 0,50€

Elisangela – Buço 3€

Orthos Melgaço – Compras superiores a 20€ doa 0,50€

Floriarte, Joana Pires – Rosas e Cactos 0.10€

Queijaria Prados de Melgaço –

0,20€ no queijo fresco (cada unidade vendida)

Esthetic Smile Melgaço – 2€ em cada RX de Rastreio de 15€

Loja Paraíso – Compras de 25€, 2,5€ para a LPCC

Café Central – Artigos Solidários 0,40€

Herdeiros – 5% em roupa interior

Tendências – 1€ por cada peça de roupa marca BUS

SBR Joias – 0,20€ na venda de pilhas

Cecilia Puga – 0,20€ por coloração

A Lanterna – 0,30€ por refeição

Filipe Dias Decorador – 2,50€ por trabalho

Qualquer profissional liberal, advogados, solicitadores, contabilistas podem participar, contactando para o efeito a Dra Hebe Zamagna ou Catarina Malheiro, responsáveis nesta Campanha de Apoio ao Projecto.

João Martinho

# Espumante

## Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em  
**LONDRES**



# A G R A D E C I M E N T O S

## AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

### Arlindo Fernandes

Casal Maninho - Penso | 71 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Otília Mendes

Penso - Melgaço | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Saladina Oliveira Gonzales

Paderne | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### António Vaz

(Faleceu em França - Sepultado em Roussas)  
Lobiô - Roussas | 69 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Maria da Glória da Rocha

Paderne | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Lucinda Augusta Rosário Domingues

S. Paio - Melgaço | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Alzira da Costa Teixeira

Cristóval | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Emília Elias de Sousa

Prado - Melgaço | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### António Augusto Gregório

Soutomendo de Baixo - Fiães | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Maria Amélia Domingues

Roussas | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Zulmira Augusta Dantas

Prado - Melgaço | 99 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Teresa de Jesus Castro

Prado - Melgaço | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### António da Silva Nabeiro

Vila - Melgaço | 63 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

### Rodolfo Augusto Rodrigues

Val - Chaviães | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Isabel Monteiro

Seara - C. Laboreiro | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Idalina da Conceição Quintela

Cruz da Sé - S. Paio | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Julieta de Jesus Domingues

Esquiça - Cristóval | 99 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Ana Maria Alves

Sante - Paderne | 53 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Hortelinda Gonçalves

Cousso - Melgaço | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Laura Martins

Orjaz - Cubalhão | 67 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Agência Funerária  
**ORQUÍDEA**

**Auto Fúnebre Próprio**

Funerais e Translações para todo o País  
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro - Melgaço

>> PARA A EDIÇÃO DE MARÇO <<

Sendo a páscoa deste ano em 27 de março, temos que falar da páscoa já no próximo número do jornal, embora esteja ainda a decorrer a quaresma. Por outro lado, dado o mês de fevereiro ter só 29 dias e o dia 1 de março ser numa terça-feira, não será de estranhar que o jornal só chega às mãos dos prezados leitores no dia 7 de março. Pedimos aos nossos colaboradores a fineza de nos remeterem os seus textos até ao dia 25 de fevereiro.



## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2016

A cargo da Notária, Lic.ª Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia catorze de janeiro de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas oitenta e seis e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 129-E, **CARLOS ALBERTO DA ROCHA**, NIF 195 071 891, solteiro, maior, natural da freguesia de Chaviães, concelho de Melgaço, residente no lugar de Portela do Couto, da actual união de freguesias de Chaviães e Paços, concelho de Melgaço, titular do cartão de cidadão número 03241834 5ZZ2, válido até 05/05/2016, fez as seguintes declarações, que se compõem de duas folhas:

Que é dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

**Prédio rústico**, denominado "Pico", sito no lugar de Pico da actual união de freguesias de Chaviães e Paços, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo, com a área de duzentos e setenta metros quadrados, a confrontar a norte com herdeiros de Maria Augusta Dias, sul Armando João Alves, nascente António Manuel de Carvalho e poente herdeiros de Vitorino Sarandão Gomes, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 4185, o qual corresponde ao artigo 2264, da extinta freguesia de Chaviães, com o valor patrimonial de 36,53€.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respetiva matriz em nome do justificante.

Que o imóvel veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e cinco, quando, Maria Estrela de Sousa, residente que foi no lugar do Outeiro, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, actualmente já falecida, lho ajustou doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de doação.

Que, contudo, desde essa data, entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seu dono por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela usucapião que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Assim, e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no número um, do artigo 101.º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 14 de janeiro de 2016.

A Escriturária Superior,  
Maria Duartina Alves Dantas.

## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2016

A cargo da Notária, Lic.ª Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e venda lavrada no dia doze de janeiro de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas oitenta e três e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 129-E, **MARIETA VAZ**, NIF 111 331 684, solteira, maior, natural da freguesia de Penso, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Felgueiras, titular do bilhete de identidade número 3634057 de 17/02/1984, emitido pelo C.I.C.C. em Lisboa, fez as seguintes declarações, que com esta se compõem de duas folhas:

Que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

**Prédio rústico** denominado "Poça do Cabo", sito no lugar de Rabosa, freguesia de Penso, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com estrada nacional, sul Idália Domingues e poente Alexandre Matos Araújo, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 885, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de cento e quarenta e três euros e quarenta e quatro centimos.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome da justificante.

Que o indicado imóvel veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e dois quando, seus pais, Baltazar Vaz e Aduinda Fernandes, residentes que foram no indicado lugar de Felgueiras, entretanto já falecidos, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podando e sulfatando a vinha, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre o indicado prédio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela usucapião que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Assim, e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no número um do artigo 101.º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 12 de Janeiro de 2016.

A Escriturária Superior,  
Maria Duartina Alves Dantas

## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/02/2016

A cargo da Notária, Lic.ª Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de Justificação lavrada no dia onze de janeiro de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas oitenta e uma e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número 129-E, **Maria das Dores Gonçalves**, viúva, natural da freguesia de Mazedo, concelho de Monção, residente no lugar de Carvalhiças, da actual união de freguesias de Vila e Roussas, do concelho de Melgaço, titular do cartão de cidadão número 3794600 5ZY4, válido até 06/05/2020, que outorgou na qualidade de procuradora de **FERNANDO GONÇALVES**, NIF 115 320 784 e mulher **MARIA ISABEL CUNHA BRITO GONÇALVES**, que também usa **MARIA ISABEL CUNHA BRITO**, NIF 193 283 557, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, naturais, ele da freguesia de Bela, concelho de Monção, ela da freguesia de Chaviães, concelho de Melgaço, onde acidentalmente residem no lugar de Escuredo e habitualmente em França, em 108, Rue de Dordim, 59260 Hellemmes, fez as seguintes declarações:

Que, os seus representados são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

**Prédio rústico**, sito no lugar de Costa, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo, com a área de oitocentos e quarenta e oito metros quadrados, a confrontar a norte, nascente e poente com Ismael Reis e do sul estrada camarária, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 6365, ignorando o artigo da anterior matriz, com o valor patrimonial tributário de 430,00€.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na matriz em nome do justificante marido.

Que o imóvel veio à posse dos seus representados, já no estado de casados, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e dois, quando Piedade de Jesus Figueiredo, solteira, maior, residente que foi no lugar de Porreira, freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, entretanto já falecida, lho ajustou vender, não tendo contudo, nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de compra e venda.

Que, contudo, desde essa data, os seus representados entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente, agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo os seus representados exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam, em seu nome, a sua aquisição pela usucapião que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM, e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no número 1 do art.º 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 11 de janeiro de 2016.

A Escriturária Superior,  
Maria Duartina Alves Dantas.

## CARTÓRIO NOTARIAL DE MONÇÃO

CERTIDÃO

Certifico que a presente certidão composta de três folhas, escritas numa só face, todas numeradas e por min rubricadas, é certidão narrativa da escritura da Justificação Notarial exarada de folhas sessenta e oito a folhas setenta verso do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e sessenta e oito-E, deste Cartório Notarial, e vai conforme o original na parte em que o reproduz.

Monção, vinte de Janeiro de dois mil e dezasseis.

A Colaboradora da Notária por expressa delegação nos termos do artigo 8.º n.º 1 do Decreto-Lei 26/2004 de 04/02 e respectivas alterações

Ana Paula Rodrigues Cunha Pedreira  
Registo n.º 39

Autorização registada sob o n.º 310/1 na Ordem dos Notários

**CERTIFICO NARRATIVAMENTE**, para efeitos de publicação, que por escritura de Justificação notarial outorgada no dia vinte de Janeiro de dois mil e dezasseis, exarada de folhas sessenta e oito a folhas setenta verso do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e sessenta e oito E, **MARIA AMÉLIA ENES**, divorciada de Joaquim Gonçalves desde o ano de mil novecentos e setenta e cinco, contribuinte número 153.630.647, portadora do Bilhete de Identidade número 7996174, emitido em 08/01/1997, pelos SIC do Porto, natural da freguesia de Couso, concelho de Melgaço, residente no Bairro Fernão Magalhães, número 9, casa quarenta e dois, freguesia de Bonfim, concelho do Porto, declarou ser a dona e legítima possuidora dos seguintes bens imóveis:

1) Prédio rústico denominado "Bregueiros", sito no lugar e freguesia de Couso, concelho de Melgaço, composto de terreno de pastagem, com a área de mil e duzentos metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com Alípio José Rodrigues, a sul com Abílio Afonso e a poente com Agostinho Pereira, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 2123, a favor da justificante, com o valor patrimonial tributário de oito euros e quarenta centimos, ao qual atribui o valor de cinquenta euros.

2) Prédio rústico denominado "Bregueiros", sito no lugar e freguesia de Couso, concelho de Melgaço, composto de terreno de pastagem, com a área de mil seiscientos e oitenta metros quadrados, a confrontar a norte com José Domingues, a sul com Alípio José Rodrigues, a nascente com Manuel Joaquim Rodrigues e a poente com Américo Afonso, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 2126, a favor da justificante, com o valor patrimonial tributário de onze euros e setenta e nove centimos, ao qual atribui o valor de cinquenta euros.

Que ignora os artigos da anterior matriz, segundo declara sob sua inteira responsabilidade.

Que estes prédios vieram à sua posse e fruição no ano de mil novecentos e oitenta, em dia e mês que não consegue precisar, à data já viúva, por partilha verbal, que nunca chegou a ser devidamente formalizada, efectuada por óbito de seus pais, Lino Enes, que também usava e era conhecido por Lino Esteves, e mulher, Amélia Domingues, já falecidos, residentes que foram no lugar e freguesia de Couso, concelho de Melgaço.

Que, desde essa data, entrou na posse e fruição dos referidos prédios, neles apascentando o gado, pagando as contribuições fiscais, ostensivamente e à vista de todos, em nome próprio, que reiteradamente tem exercido, até à presente data, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma correspondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aqueles prédios, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela usucapião, que invoca na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que atribui à presente justificação o valor global de cem euros.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Cartório Notarial de Monção, vinte de Janeiro de dois mil e dezasseis.

A Notária Carla Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho.

## CARTÓRIO NOTARIAL DE PONTE DE LIMA

Extrato Notarial de Escritura Pública de "Justificação"

Certifica-se que por Escritura Pública de "Justificação", outorgada neste "Cartório Notarial em Ponte de Lima - Notário Tomás Feijó", sito na Av. António Feijó, nº 66, 1.º-E, Arca e Ponte de Lima, Ponte de Lima, no dia 22/01/2016, exarada no Livro de Notas para Escrituras Diversas Número 22-C, de folhas 98 a 99-verso, perante mim Notário, Tomás Machado Lima de Sousa Rio, compareceram como Outorgantes:

**ANTÓNIO AUGUSTO ALVES E TERESA DE JESUS ESTEVES ALVES**, casados entre si sob o regime da comunhão de adquiridos, ele natural da freguesia de Vila, e ela natural da freguesia de Roussas, ambos do concelho de Melgaço, residentes no Lugar de Adegas, Vila e Roussas, Melgaço; e declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel, omissos na "Conservatória do Registo Predial de Melgaço":

**Prédio Rústico**, composto por lavradio, sito em Adegas, freguesia de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, com a área de 612m2, a confrontar do Norte com António Lemos, do Sul com Teresa de Jesus Esteves Alves, do Nascente com Maria Fernanda Esteves, e do Poente com Herdeiros de Armando Dias Esteves; inscrito na matriz sob o Artigo 1212 (teve origem no Artigo 4756 da extinta freguesia de Roussas).

Que não são detentores de qualquer título formal que legitime o domínio do mencionado imóvel, que veio à sua posse, no estado de casados por compra e venda meramente verbal a Isaura Mendes Esteves, viúva, residente que foi na Av. Manuel Alpedrinha, nº 22, 2.º-D, Amadora; efectuada no ano de mil novecentos e oitenta e cinco, em dia do mês de setembro que já não podem precisar, nunca tendo formalizado o respetivo contrato por Escritura Pública.

Que desde esse ano, ou seja há mais de 20 anos, entraram na posse do mencionado imóvel, e de imediato o ocuparam e passaram a usufruí-lo, sendo que exerceram de imediato e de aí em diante todos os atos de posse, vedando-o, limpando-o, semeando-o, plantando-o, colhendo os respectivos frutos, isto é, gozando de todas as utilidades, direitos, e benefícios por ele proporcionadas; sempre administrando-o sem qualquer interrupção, com o conhecimento de toda a gente, sem oposição de quem quer que seja, e com o ânimo de quem exerce direito próprio, ou seja, exercendo essa mesma posse de forma contínua, pública, pacífica, e de boa-fé.

Que dadas as características de tal posse, invocam a aquisição do imóvel por Usucapião, justificando o seu direito de propriedade, para efeitos de primeira inscrição na "Conservatória do Registo Predial de Melgaço", dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Assim o declararam e outorgaram, e está conforme a Escritura Pública na parte transcrita.

Ponte de Lima e Cartório Notarial, 22/01/2016.

O Notário, Tomás Machado Lima de Sousa Rio



## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 61/02/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICADO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 28 de janeiro de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 95 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 129-E, **ALBERTO CONDE**, NIF 163 606 021 e mulher **FRANCELINA ESTEVES**, NIF 163 606 030, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais da freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Falagueiras, da actual união de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, deste mesmo concelho, titulares, respetivamente, do bilhete de identidade número 3229505 de 25/06/2004, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo e do cartão de cidadão número 03239030 OZY1, válido até 27/03/2019, fizeram as seguintes declarações:

Que são **donos e legítimos possuidores** dos seguintes bens imóveis:

**Um – Prédio urbano**, sito no lugar de Assureira, da união de freguesias de Castro Laboreiro e Águas de Mouro, concelho de Melgaço, composto por casa de morada de dois pavimentos, com a superfície coberta de cento e dezanove metros quadrados, e rossios com a área de dezasseis metros quadrados, a confrontar a norte com caminho de servidão e Alberto Conde, sul e nascente caminho público e poente herdeiros de Umbelina Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 13574, o qual corresponde ao artigo 1757 da freguesia de Castro Laboreiro (extinta), com o valor patrimonial tributário de **7.082,35€**;

**Dois – Prédio rústico**, denominado "Fonte das Maceiras", sito no lugar de Rodeiro, da união de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, composto de terreno de pastagem, com a área de mil cento e cinquenta metros quadrados, a confrontar a norte com Filipe Domingues, sul Alfredo Rodrigues, nascente Filipe Esteves e poente caminho, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 4764, o qual corresponde ao artigo 3296 da freguesia de Castro Laboreiro (extinta), ignorando o artigo da antiga matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **8,05€**;

**Três – Prédio rústico**, denominado "Moinho de Baixo", sito no lugar de Assureira, da união de freguesias de Castro Laboreiro e Águas de Mouro, concelho de Melgaço, composto de terreno se Lameiro e mata de carvalhos, com a área de novecentos e quarenta metros quadrados, a confrontar a norte com Angelina Esteves, sul e poente rio e nascente Ilda Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1 4000, o qual corresponde ao artigo 13296 da freguesia de Castro Laboreiro (extinta), ignorando o artigo da antiga matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **50,43€**; e

**Quatro – Prédio rústico**, denominado "Trás da Casa", sito no lugar de Assureira, da união de freguesias de Castro Laboreiro e Águas de Mouro, concelho de Melgaço, composto de terreno de lameiro, com a área de oitocentos e

noventa metros quadrados, a confrontar a norte com Maria Rodrigues, sul Maria Rosa Conde, nascente José Fernandes e poente rio, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 14017, o qual corresponde ao artigo 13313 da freguesia de Castro Laboreiro (extinta), ignorando o artigo da antiga matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **46,80€**; e

**Cinco – Prédio rústico**, denominado "Monte da Canda", sito no lugar de Adofreire, da união de freguesias de Castro Laboreiro e Águas de Mouro, concelho de Melgaço, composto de terreno de mato, com a área de vinte e um mil cento e cinquenta e dois metros quadrados a confrontar a norte e poente com monte baldio, sul e nascente com Leonel Esteves, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 18275, o qual corresponde ao artigo 17932 da freguesia de Castro Laboreiro (extinta), ignorando o artigo da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **150,00€**.

Que os referidos prédios **não se encontram descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontram-se inscritos na respetiva matriz em nome do justificante marido.

Que os prédios indicados nas verbas, **um, três, quatro e cinco** vieram à posse dos justificantes, em data correta que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e setenta, quando, com os demais interessados procederam à partilha dos bens deixados por óbito do pai do justificante marido, Alfredo Conde, residente que foi no lugar de Falagueiras, da referida freguesia de Castro Laboreiro; que quanto à verba identificada sob o número **dois**, veio à posse dos mesmos em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa, quando, com os demais interessados procederam à partilha dos bens deixados por óbito do pai da justificante mulher, Manuel Joaquim Esteves, residente que foi no lugar de Rodeiro, da mencionada freguesia de Castro Laboreiro.

Que nunca chegaram a formalizar as respectivas escrituras públicas de partilhas.

Que, no entanto, desde essas datas, entraram respetivamente na posse dos referidos prédios, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, habitando e ocupando o primeiro, utilizando na pastorícia do gado o segundo e quarto, cortando a madeira no terceiro e desbravando o mato no quinto, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição em relação a todos.

Que, tendo exercido sobre os indicados prédios uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião** que invocam, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Assim, e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101.º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
Cartório Notarial de Melgaço, 28 de janeiro de 2016.

A Escriturária Superior,  
Maria Duarte Alves Dantas.

# Memórias de África

## Negomano

Continuando a viagem para poente, chegava a Negomano, o lugar mais belo de todo o Batalhão, onde se juntavam os rios Lugenda e Rovuma. Passei neste quartel alguns dias por três vezes. Numa das vezes, houve uma grande cheia, durante a qual parte da população civil teve de abandonar as casas, resguardando-se nas casas dos vizinhos que escaparam à inundação, o que aconteceu também aos bidões de combustível que os soldados tiveram de retirar para lugar seguro. O rio Rovuma do nascente até ao Oceano Índico, pouco a norte de Quionga, é a fronteira de Moçambique com a Tanzânia, enquanto o Lugenda separava Cabo Delgado do Niassa.

Esta Companhia tinha um local digno e abrigado para a celebração da Missa e um quarto com casa de banho privativa para o Capelão. Houve um grande ataque a este quartel, mas os militares, devido à mensagem recebida em Nangade, defenderam-se muito bem, causando muitas baixas ao inimigo, sem sofrer nenhuma. O senhor Tenente-Coronel, Comandante das Operações, foi lá dar-lhes os parabéns.

No regresso, ao entrar no avião, pela última vez naquela localidade, o Capelão, que nunca tinha visto um elefante na sua liberdade, pediu ao piloto para passar na zona dos elefantes, mas apesar de verem as pegadas frescas no capim, não viram nenhum. Continuamos viagem até Mocimboa do Rovuma, onde uma surpresa me esperava.

## Mocimboa do Rovuma

Ao chegar a Mocimboa do Rovuma o senhor Major pediu-me para ficar lá naquele dia, porque fazia muita falta. Que seguiria no avião do dia seguinte, que nunca mais chegou. No dia anterior tinha havido uma emboscada junto à Escola, havendo cinco baixas humanas da Companhia do destacamento, que estavam naquele lugar há mais de 22 meses, sem nunca saírem daquele buraco.

## Os colegas

Estavam todos psicologicamente abatidos, bem como os restantes soldados do Batalhão, apesar de terem lá chegado muito tempo depois daqueles soldados que morreram na emboscada. Depois de ter falado com quase todos, marcou-se a celebração da Missa para a tarde desse dia. A Capela tornou-se pequena para tanta gente, ficando muitos fora da porta, seguindo a celebração com

respeito e emoção, sobretudo quando se lembrou o nome dos colegas falecidos, cujos corpos estavam depositados dentro de urnas de zinco, até serem mandados para a Metrópole.

## Viagem marcada

O Capelão tinha a viagem paga e data marcada para gozar férias na Metrópole. O tempo passava e não vinha correio nem frescos. No quartel, só havia pão, cerveja, atum, cavala, arroz e legumes de conserva. Cada dia que passava parecia um ano. Foram os dias piores de todo o tempo do serviço militar.

## Chegada de três helicópteros

Passados vários dias, chegaram três helicópteros. O Capelão perguntou-lhes qual era o destino. Disseram-lhe que era Mueda e que a viagem era muito perigosa, mas o Capelão aceitou acompanhá-los, porque queria sair daquele buraco.

## Chegada a Mueda

Estava um avião de carga e passageiros prestes a levantar voo com destino a Porto Amélia. Perguntei ao Cabo de serviço, se havia lugar para mim. Identificado, mandou-me subir para o avião o mais depressa possível. Depois de levantar voo, o avião começou a subir em círculos relativamente apertados, porque no dia anterior tinha sido alvejado um Dacota, que aterrou de emergência na pista de um quartel relativamente perto, sem consequência graves. O tempo foi passando e o avião, fazendo imenso barulho, continuava a subir. Os soldados e sargentos que seguiam no avião, começaram quase todos a vomitar. Por fim, só não vomitava o Capelão e o cabo que estava à porta da cabine de Comando.

Passados cerca de trinta minutos, levantei-me e fui até junto do cabo, que continuava à porta da cabine, perguntando-lhe onde estavam. O Comandante de bordo ouviu a conversa e perguntou ao Capelão se estava bem. "Sim", respondi-lhe. O Comandante disse-me que estavam na vertical de Mueda, a 7.500 m. de altitude e que, nesse momento, ia começar a descer, pedindo-me para animar a malta. Perante o que tinha acontecido no dia anterior, escusado será dizer que estava tudo cheio de medo. Como ninguém se apercebeu de nada, comecei a dizer alguns piropos alegres e inofensivos, que foram bem aceites pela maioria dos soldados, enquanto outros os mandavam calar, continuando a vomitar e o Capelão a falar.



## Finalmente a pista de Porto Amélia

"Caros amigos, a pessoa que vinha com mais medo neste avião, era eu". Dou graças a Deus porque estou a acabar uma das piores viagens da minha e vossa vida militar. Deus deu-me força e coragem para ultrapassar o que se passou em Mocimboa do Rovuma e nestas duas viagens de hoje.

Demos graças a Deus que esteve, está e estará sempre connosco. Sejam dignos da Sua graça, presença e protecção, porque só Ele é o nosso grande Amigo, Rei e Senhor.

Terminada a viagem, dirigi-me para a viatura que esperava os Oficiais. Como só vinha eu, pedi ao soldado condutor para me levar para o Seminário de Porto Amélia. Durante a viagem pedi-lhe para me levar à praia às 16 horas e vir buscar-me entre as 17 e 18 horas. O soldado disse-me que ia falar com o comandante, mas quase tinha a certeza que era possível, o que realmente veio a acontecer. E continuando, disse-lhe: "Se te der autorização, procura-me na Messe dos Oficiais".

## Chegada ao Seminário

A porta principal estava fechada, pelo que tive de entrar pela porta do cavalo, o que não era a primeira vez nem a última que isso acontecia, dirigi-me directamente para o refeitório onde encontrei os senhores padres Aníbal, Rodrigues e Amaro a almoçar.

Cumprimentei-os e pedi-lhes para ocupar o quarto do costume, enquanto eles me convidavam para almoçar. Agradei dizendo-lhes que estavam a comer uma comida muito boa, mas não aceitei porque estava cheio de arroz, por ser a comida diária de muitos dias. Disseram-me que podia ocupar o quarto à vontade. Depois de arrumar as coisas no quarto fui almoçar ao "Senhor Morais", junto à Sé, conhecido por "Restaurante Cabeça de Pau".

## Após o almoço

Tudo correu como tinha sido combinado com o soldado. Terminado o banho, estava a vestir-me, quando chegou o senhor Tenente-Coronel Pires Veloso, Comandante de Operações Militares, que me perguntou como estava e como ficaram os rapazes de Mocimboa do Rovuma.

Respondi-lhe: "Meu Tenente-Coronel, eu estou bem, mas o pessoal de Mocimboa do Rovuma, psicologicamente está muito mal".

P.º António Sousa e Silva



**Daniela Afonso**  
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65  
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953  
3590@solicitador.net



## Paderne encena o Drama dos Frades Franciscanos



A cada ano, a 16 de Janeiro, Paderne sai às ruas para participar naquela que já é uma tradição inabalável da Freguesia. Os Marroquinhos, um acontecimento histórico, passado há quase oitocentos anos, vitimou os cinco frades enviados por S. Francisco de Assis para cristianizar o mundo, acabando degolados pelo Rei Miramolim em Marrocos, que procurava demover os missionários da sua religião.

A procissão, que anualmente homenageia os frades pelo seu desaire em 1220, parte da capela de Sante e faz o seu périplo habitual. No Lugar de Pinheiro junta-se aos actos religiosos o andor de S. Francisco de Assis. Já no centro da Freguesia, no lugar de Portela, junto à residência paroquial, o pároco "ata" as crianças, devidamente trajadas a rigor. Daí segue a procissão para a corredoura até chegar ao convento.

Fotos: Rafaela Pires Gonçalves

## Observatório Turístico de Melgaço premeia visitantes que contam a sua experiência

### Turista da Galiza ganha voucher para a Quinta de Remoães

Um turista de Villagarcia de Arousa, Galiza, foi contemplado com um voucher de duas noites na Quinta de Remoães, uma oferta do promotor no âmbito do sorteio que o Observatório Turístico realiza a cada quatro meses para premiar os visitantes que cedem informação sobre a sua visita a Melgaço.



Através de um inquérito disponibilizado aos visitantes, o Observatório Turístico pretende promover, recolher e organizar dados que permitam compilar informação sistematizada acerca da oferta e da procura turística em Melgaço. Nesta tarefa, conta com parceiros estratégicos como a Universidade do Minho, o Instituto Politécnico de Viana do Castelo e as escolas secundárias e profissionais, o que permite criar

valor acrescentado ao projecto e ao tecido empresarial.

Ao longo dos anos, este Observatório realizou junto dos turistas uma série de inquéritos com o propósito de recolher os pontos fortes e os pontos fracos do turismo. Desde 2015 em plataforma digital, este registo permite medir o grau de satisfação dos visitantes, bem como desco-

brir as motivações para a visita ao concelho. Os visitantes são ainda convidados a contar a sua experiência e os que o fizeram ficam habilitados a um sorteio.

O Observatório torna possível informação real, completa e adequada que permite orientar as ações turísticas e institucionais a realizar.

João Martinho



**Peso  
Paderne  
Melgaço**

**Alojamento e Restauração**



Quarto de banho privativo, mini-bar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

**BONS PREÇOS**

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350

geral@hotelboavistamelgaco.com

www.hotelboavistamelgaco.com

## ARCO-ÍRIS

Semi-círculo majestoso  
Diadema imperial  
Coroando o firmamento  
Num momento.

Reverberações de luz,  
Resplandecências  
Abraçando um céu de chuva.  
Nuvem plúmbea  
Te serve de contraste  
Negro é o teu pano de fundo  
Para que tuas cores  
Extasiem nosso olhar

Arco-íris  
Do meu deslumbramento  
Sempre me ocorre o mesmo pensamento  
Quem te roubou a metade que te falta  
E que faria de ti a perfeição?

Já sei!

És tão somente a paleta divina  
Foi Deus que pegou em tuas cores  
E, com todas elas,  
Coloriu o Universo.

Maria Ivone  
Janeiro de 2016

## MUNICÍPIO DE MELGAÇO

**Aviso n.º 878/2016**

Torna -se público pelo presente Aviso, em observância do disposto no artigo 56.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, que estabelece o Regime Jurídico das Autarquias Locais, que ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 50.º da Lei n.º 31/2014 que estabelece as Bases Gerais da Política Pública de Solos, de Ordenamento do Território e de Urbanismo, bem como com as devidas adaptações, nos termos do artigo 127.º do Decreto -Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, que define a revisão do Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial, que a Assembleia Municipal de Melgaço na sua Reunião Ordinária de 18 de dezembro de 2015, deliberou aprovar a revogação o Plano de Pormenor da Zona Industrial de Penso, com a consequente aplicabilidade do Plano Diretor Municipal em vigor. Esta Deliberação é também publicada no portal da Câmara Municipal de Melgaço, em <http://www.cm-melgaco.pt>.

11 de janeiro de 2016  
O Presidente da Câmara,  
Manuel Batista Calçada Pombal.

### Deliberação

Artur José Rodrigues, Presidente da Assembleia Municipal de Melgaço, certifica para os devidos efeitos que este Órgão, na sua reunião ordinária de 18 de dezembro de 2015, deliberou, por unanimidade, revogar o Plano de Pormenor da Zona Industrial de Penso nos termos do artigo 127.º do DL 80/2015 de 14 de maio.

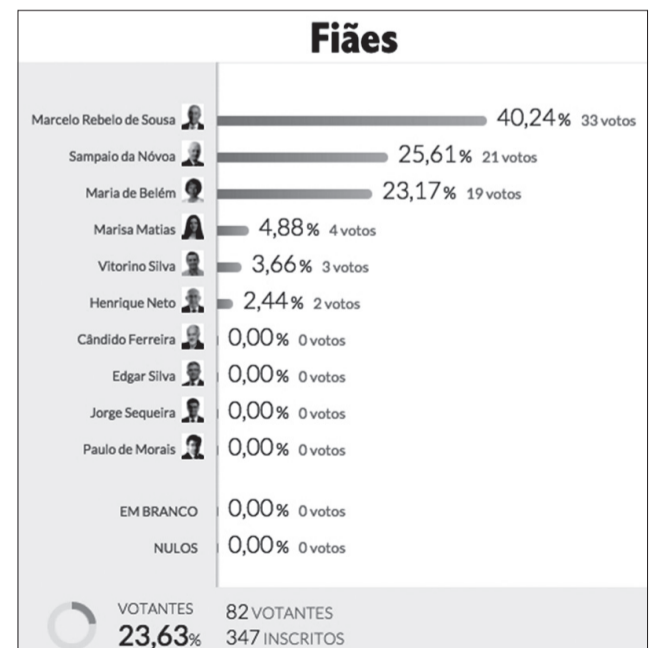
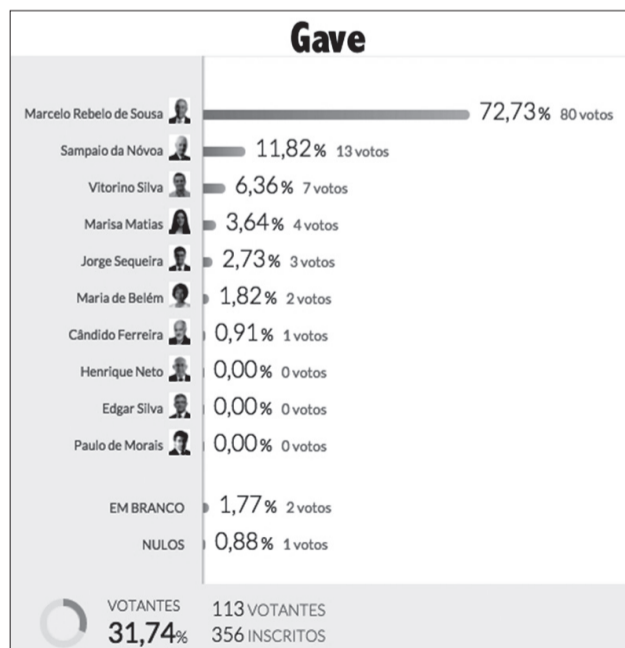
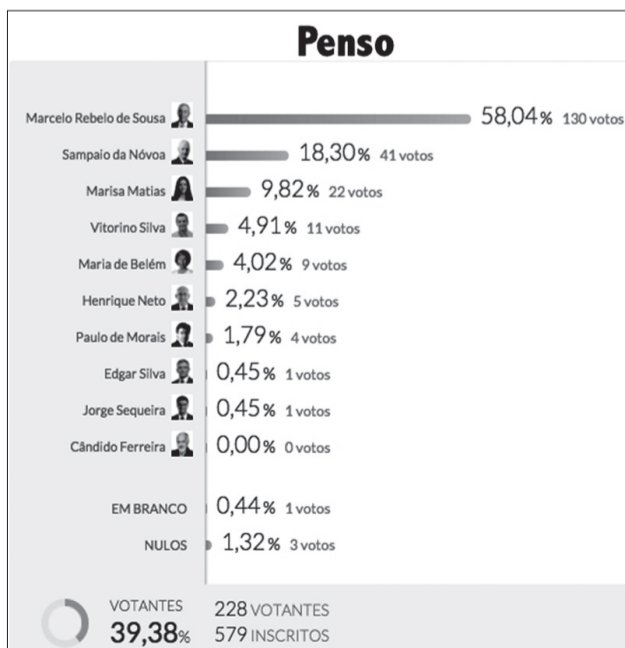
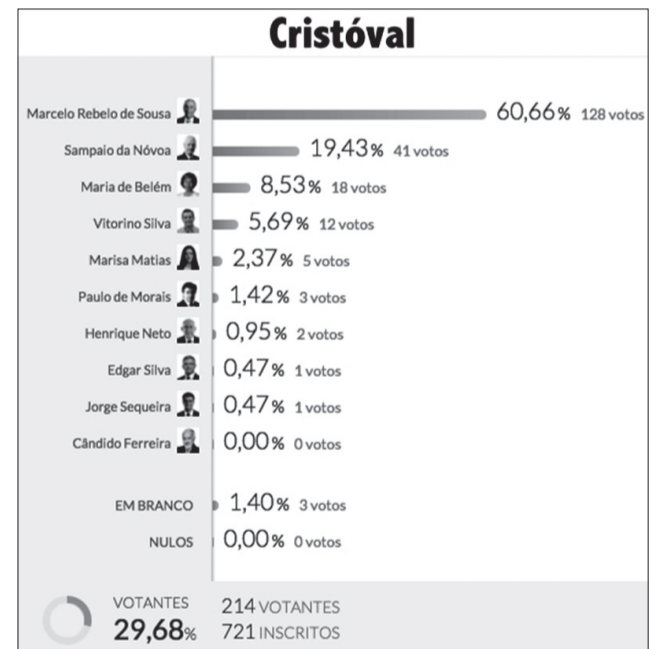
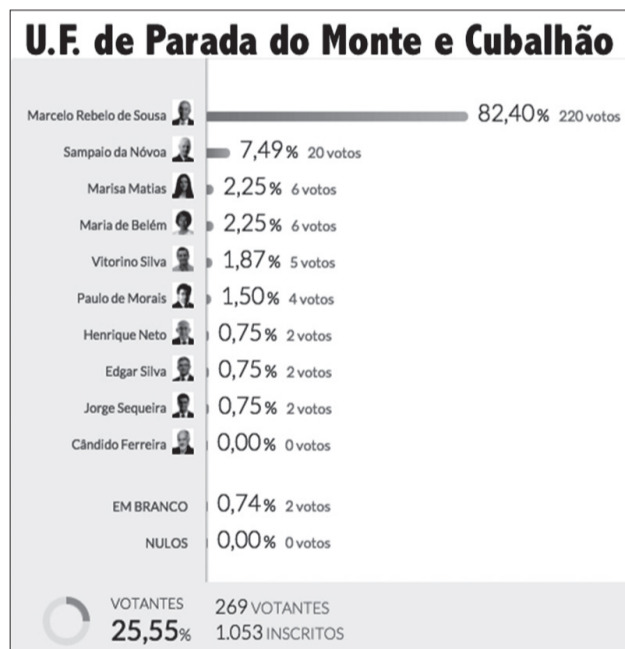
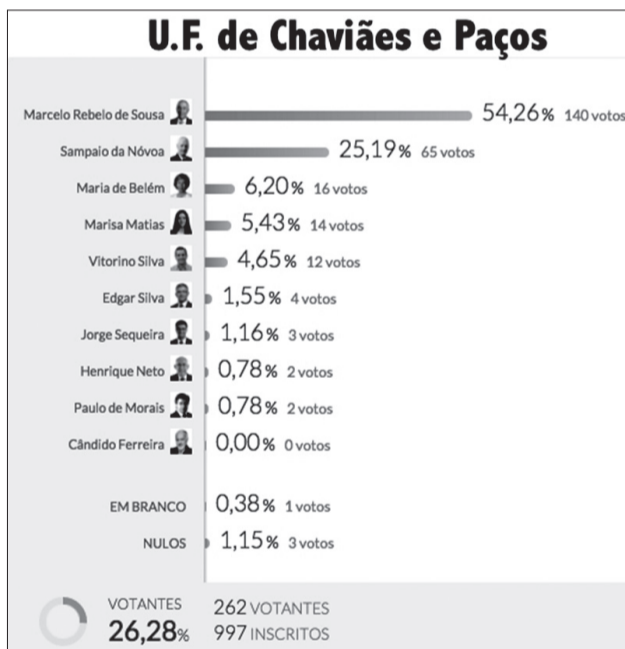
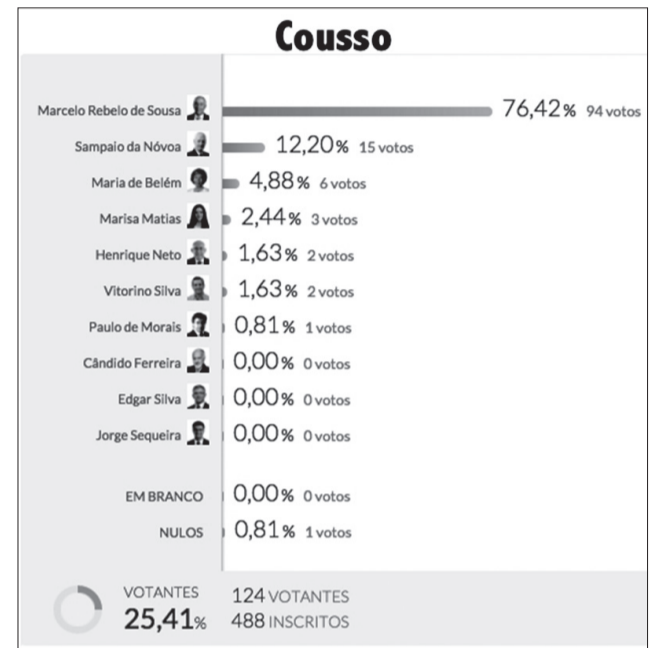
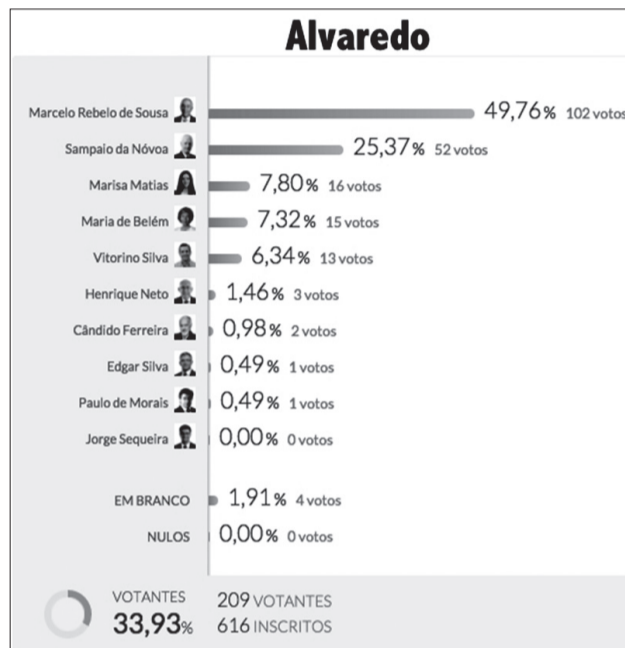
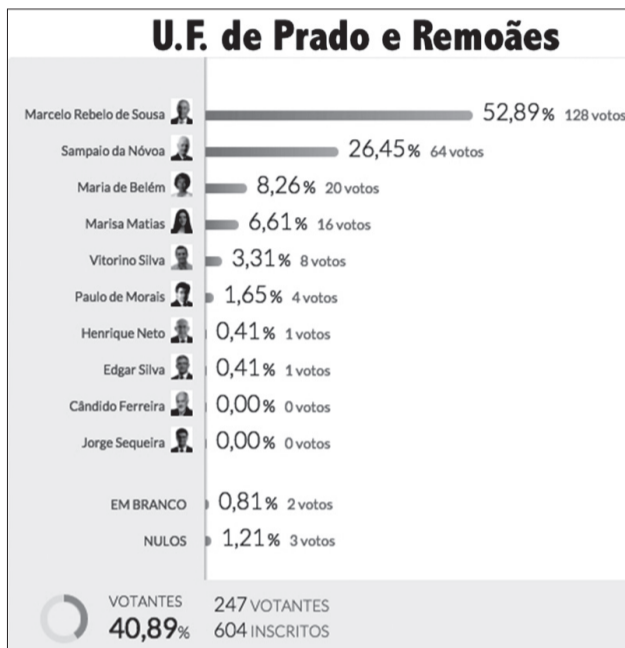
11 de janeiro de 2016  
O Presidente da Assembleia  
Artur José Rodrigues.

609258433

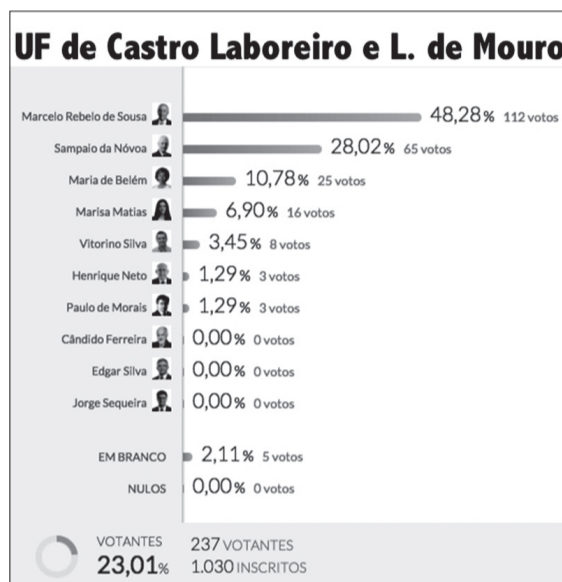
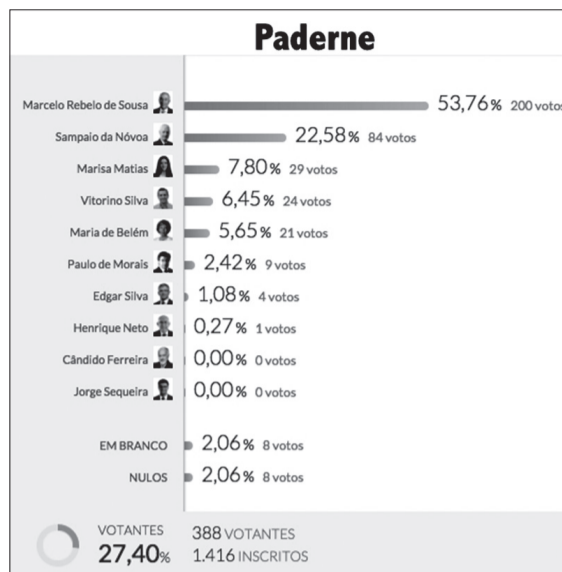
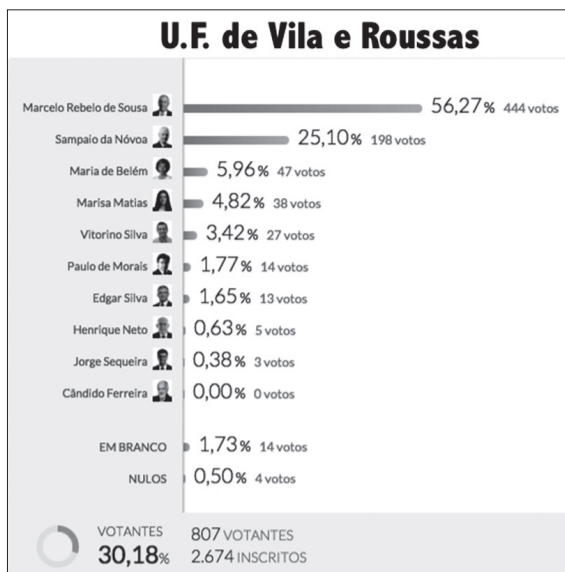


# Melgaço escolheu Marcelo com 1921 votos

## O novo Presidente da República prometeu "justiça social, crescimento económico e estabilidade financeira" no seu primeiro discurso







Mais uma vez, em Melgaço, a abstenção foi rainha na chamada às urnas para a eleição do 20.º Presidente da República, a 24 de Janeiro de 2016.

Dos 11708 inscritos, apenas 3396 participaram no sufrágio, o que representa uma adesão na ordem dos 29% dos eleitores. Ainda assim, Melgaço alinhou com a tendência nacional, escolhendo o professor e ex-comentador televisivo Marcelo Rebelo de Sousa para o cargo de chefe da Nação.

Conquistando mais de cinquenta por cento dos votos em quase todas as freguesias e uniões de freguesias do concelho – excetuando Alvaredo, Fiães e a União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro – a ‘minoría’ participativa de Melgaço deixou

claro que era no candidato de centro-direita que queria depositar uma presidência mais activa.

Sampaio da Nóvoa, que chegou a visitar o distrito e alguns concelhos do Vale do Minho durante a campanha – esteve em Melgaço em Junho de 2015, a propósito de um ciclo de conferências – não chegou além dos 22,2%, com 740 votos, seguido por Maria de Belém, que ficou num terceiro lugar, ainda que a uma distância considerável, com 214 votos conquistados.

No distrito de Viana do Castelo, 63 744 eleitores votaram Marcelo Rebelo de Sousa, menos de metade (25 613) votaram Sampaio da Nóvoa. A segurança dos resultados, que permitiram a Marcelo Rebelo de Sousa atingir o pleno a nível nacional, vencendo em todos

os distritos e assegurar a vitória à primeira volta, dão ao novo Presidente da República a possibilidade de fomentar a estabilidade política que defende. “Um país como o nosso, a sair de uma crise social profunda, não se pode dar ao luxo de desperdiçar energias”, defendia Marcelo no seu discurso de vitória, numa cerimónia que até no cumprimento aos restantes candidatos demonstrou não querer alimentar quaisquer “crispações”, o que também não quer para o país.

Numeros que também contam:  
ABSTENÇÃO: 51,26%  
INSCRITOS: 9.721.768  
NÃO VOTARAM: 4.982.959  
VOTOS NULOS: 43.772  
VOTOS BRANCOS: 58.696.

João Martinho

## 62.º Artigo Alimentar aves

Que comida pode deixar para aves e como manter o alimentador de aves limpo e livre de doenças. Aqui encontra resposta para todas as suas questões.

Alimentar aves nos jardins é uma actividade muito popular no Reino Unido e cada vez mais popular em Portugal. É uma ajuda enorme à subsistência das aves.

Proporcionar alimento suplementar às aves faz com que elas se aproximem mais de si, maravilhando-o com o seu comportamento fascinante e fantásticas cores. Alimentar aves é também uma forma ideal de entusiasmar as crianças pela vida selvagem.

A alimentação extra não pode proporcionar todas as proteínas e vitaminas naturais que as aves jovens e adultas necessitam, portanto, é importante criar e manter o seu jardim de forma a ser uma fonte de alimento natural, através de um bem mantida cobertura vegetal, arbustos e flores.

Se fornecer comida de fonte natural e suplementos alimentares, o seu jardim será visitado durante todo o ano por diversas espécies de aves.

É importante alimentar as aves de forma responsável e com segurança. Seguindo uma lista curta de regras pode desempenhar um papel muito válido na vida das aves em períodos de falta de alimentos naturais, como Invernos de clima severo, chegando as aves à Primavera em condições propícias à reprodução saudável.

### Que alimentos proporcionar

#### Misturas de sementes para aves

Há diferentes misturas para alimentadores (suspensos ou em tabuleiros). As melhores têm milho quebrado, sementes de girassol e grânulos de amendoins.

Sementes pequenas como de milheto (milho miúdo ou painço) atraem principalmente pardais, ferreirinha comum, tentilhão-comum, escrevedeira-dos-caniços e rolas turcas, enquanto o milho quebrado é tomado facilmente por melros. Os verdilhões preferem amendoim e sementes de girassol. Misturas que contêm pedaços ou nozes inteiras são adequados apenas para alimentação de Inverno. Aveia é excelente para muitas aves. Os grãos de trigo e cevada são frequentemente incluídos em misturas de sementes, mas eles são realmente adequados apenas para pombos e faisões, que se alimentam no chão e aumentam rapidamente em número, muitas vezes dissuadindo as espécies mais pequenas.

Evite misturas de sementes que têm ervilhas, feijão, arroz seco ou lentilhas pois, novamente, apenas as grandes espécies podem comer essas sementes secas. Estas sementes são adicionadas a algumas misturas mais baratas e depois vendidas a granel. Qualquer mistura contendo caroços verdes ou rosa também devem ser evitados, pois são biscoito de cão, o que só pode ser comido quando encharcado.

#### Sementes pretas de girassol

São um excelente alimento para todo o ano e em vários pontos de vista ainda melhores do que os amendoins. O seu conteúdo em óleo é elevado (maior do que nas sementes raiadas), pelo que são ainda melhores.

#### Amendoins

São ricos em gordura e populares entre os verdilhões, pardais, trepadeiras, pica-pau-malhado-grande e pintassilgos. Triturados ou ralados atraem pisco e ferreirinhas-comuns, entre outros. Algumas aves podem acumular e guardar amendoins. Amendoins salgados ou torrados não devem ser usados. Os amendoins podem ter elevado nível de uma toxina natural, que pode matar aves, assim, tente adquiri-los num negociante que respeite as regras de armazenagem, para garantir a ausência de aflatoxina.

#### Bolo de aves e alimento em barra

Bolas de gordura e outros barras de alimentos à base de gordura são excelentes alimentos para o Inverno. Se são vendidos em sacos de fibra sintética, deve sempre retirar o saco antes de colocar a bola de gordura para fora - a malha suave pode prender e ferir aves. Pode fazer o seu próprio bolo para aves derramando gordura derretida (sebo ou banha) numa mistura de ingredientes, tais como sementes, nozes, frutas secas, aveia, queijo e bolo (use cerca de um terço de gordura). Misture bem numa tigela e deite num recipiente à escolha. Uma casca de coco vazio, copo de plástico ou mesmo uma pinha (preencher os vazios) fazem um bolo para aves ideal. Alternativamente, pode desenformá-lo e colocar quando sólido numa mesa de alimentador.

Ana Cristina Costa



## Autarquia assina protocolo com os Bombeiros para Cedência de Fotografias ao Arquivo Municipal



Visando a preservação do arquivo fotográfico e histórico, a Câmara Municipal de Melgaço assinou um protocolo com a Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Melgaço para a cedência de fotografias do espólio desta corporação. O compromisso insere-se na iniciativa do Arquivo Municipal, que desde 2010 tem promovido a recolha de património junto dos melgacenses.

A iniciativa da autarquia compreenderá, além dos processos conservação e catalogação, a digitalização e divulgação do material recolhido, "que fará posteriormente parte da realização de exposições, conferências, estudos entre outras iniciativas acerca de monumentos, tradições, festas populares, entre outras temáticas de interesse histórico", indica a autarquia.

A criação de um arquivo cada vez mais completo passa também por todos os melgacenses. "O município lança mais uma vez o desafio aos melgacenses para colaborarem nesta iniciativa, através do empréstimo temporário, mediante acordo, de entrega de fotografias, cartazes e panfletos entre outros documentos".

# Alvarinho: Plantar ou não? Produtores reticentes no momento de apostar

A 13 de Janeiro de 2015, em reunião realizada na Estação Vitivinícola Amândio Galhano, em Arcos de Valdevez, era assinado um acordo polémico e que ainda hoje não é consensual.

No mês em que se completou um ano desde a formação do documento que determina o alargamento da Denominação de Origem (DO) Vinho Verde Alvarinho a toda a região dos Vinhos Verdes, quisemos saber que impacto teve esta alteração na intenção produtiva dos agentes económicos de uma região determinada em tornar-se competitiva no mercado dos vinhos.

A casta alvarinho (ou alvarinha, segundo os documentos mais antigos), ex-libris da sub-região de Monção-Melgaço pelos vinhos monocasta daí resultantes, despertou interesse a alguns dos maiores engarrafadores da região dos Vinhos Verdes, que garantem manter o carácter de excelência dos vinhos, somando-se assim à lista de certificados com DO Vinho Verde Alvarinho, até agora limitada aos concelhos de Monção e Melgaço.

O processo e condições negociadas pelo grupo de trabalho gerou diferentes entendimentos: Justo e "inevitável" para uns, "ruinoso" para outros, os contestatários do acordo prometem trazer o assunto novamente à discussão.

No entanto, a 'libertação' das garantias qualitativas a toda a região parece não ter gerado a corrida às plantações que se poderia prever. Os produtores de fora da sub-região de Monção-Melgaço avançaram com algumas "experiências", mas reticentes em apostar numa casta de volumes de produção ligeiramente inferiores aos registados em castas mais comuns no território como são as Loureiro e Fernão Pires.

## Arcas, Aveleda e Lixa entre os principais influenciadores no momento de escolher o que plantar

Noutro patamar de confiança avançam já alguns dos produtores das quintas mais expressivas a nível regional e nacional, nomeadamente a Quinta da Aveleda,



Quinta das Arcas e Quinta da Lixa, que tem fomentado a reconversão de vinhas através de candidaturas agrupadas de produtores a quem compram uva.

Reunimos, junto dos técnicos das cooperativas agrícolas das principais sub-regiões da Região Demarcada dos Vinhos Verdes, algumas percepções do impacto das plantações de Alvarinho em áreas tradicionalmente vocacionadas para outras castas.

Em Penafiel e Paredes (Sub-Região do Sousa), é atribuída aos principais produtores/engarrafadores a mudança do paradigma vitivinícola local, com um passado ligado aos Loureiro, Trajadura e Arinto. Alvarinho e Fernão Pires são as castas que se seguem no momento de plantar.

A engenheira Helena Meireles tem acompanhado os novos projectos no concelho de Paredes e dá nota de um interesse moderado dos produtores locais, ainda que o programa VITIS, que apoia a reconversão de vinhas, tenha permitido algumas experiências. "Ainda não houve muita gente a optar pela casta Alvarinho. Como não estamos na zona dele não lhes é devidamente compensada e esta produção de um modo geral é mais baixa que noutras castas", nota.

Ainda assim, o rumor e o valor acima da média praticado por quilo na sub-região de Monção e Melgaço terá despertado a vontade comercial dos produtores. "Quem está a fazer plantação está na expectativa que seja valorizado como na região dele", diz Helena Meireles, confessando que, até há

pouco tempo, esta "era uma casta que nem passava pela cabeça".

No entanto, e apesar de algum interesse dos produtores de uva da sub-região do Sousa, os produtores de Monção e Melgaço não deverão ter razões para temer afronta destes a curto prazo, já que as áreas estão a ser investidas em Fernão Pires, uma casta consideravelmente mais produtiva. A variedade, com um passado mais ligado às regiões centro e sul do país, tem subido no mapa vitivinícola e firma-se agora, essencialmente devido ao interesse e consequente estímulo que a Quinta da Aveleda colocou nesta casta entre as mais plantadas no Vale do Sousa.

## Produtores/engarrafadores querem Alvarinho, viticultores preferem Fernão Pires

Na sub-região de Basto, as novas plantações de Alvarinho são alegadamente mais expressivas, mas ainda em desigualdade com outras mais rentáveis em volume de produção. Os novos projectos não ultrapassarão os 30 hectares na sua totalidade, considera o engenheiro Freitas Costa, da Adega Cooperativa de Celorico de Basto.

"Graças ao programa VITIS e principalmente devido à abertura que virá a haver para a designação Vinho Verde Alvarinho fora

*Continua na pág. 27*



Crónicas atípicas, romanceadas em que é feito o retrato de uma sociedade dentro da sociedade.

ENCOMENDAS PARA: [borgesana371@gmail.com](mailto:borgesana371@gmail.com)



Continua da pág. 26

de Monção e Melgaço, os produtores tem optado por plantar áreas maiores de Alvarinho. Principalmente os de maior dimensão, que são produtores/engarrafadores, têm incrementado mais a casta alvarinho", realça o técnico.

Para quem vende a uva à adega, a aposta continua a ser nas mais produtivas, deixando a aventura do Alvarinho para quem já tem nome e mercado. "Regra geral, as castas são outras, não o Alvarinho, agora, é evidente que com a possibilidade, tem mais atractivo", reitera.

## Um travão "legal" na produção: Portugal só pode crescer 2400 hectares por ano

Na sub-região de Monção e Melgaço, as entidades contestatárias já não olham para a suposta ameaça da produção de Alvarinho da restante região demarcada dos Vinhos Verdes com o mesmo alarmismo, mas prometem manter os mecanismos legais de defesa contra o alargamento da DO Vinho Verde Alvarinho.

O presidente da Associação de Produtores de Alvarinho (APA), Miguel Queimado, indica que o volume de plantações registado em 2015 seguiu a tendência de anos anteriores, sem que os factores proporcionados pelo programa VITIS e o alargamento da DO Alvarinho tenham motivado uma corrida aos viveiros.

O fim do regime de direitos à plantação, tendo passado, desde 1 de Janeiro de 2016, para um sistema de autorizações, representará uma oportunidade para novos produtores que se submetam a concurso mas os níveis de plantação sofrerão, à luz do que estipularão as novas regras, algum abrandamento.

Este novo sistema de quotas não transmissíveis, já que não será possível vender, como acontecia com os direitos, vem estipular níveis de crescimento ao sector do vinho. Portugal estará por isso limitado a um crescimento anual de 1%, o que representará cerca de 2400 hectares neste período.

Sujeitos às novas normas que obrigam os viticultores a candidatar-se, em concurso a nível nacional, para aceder à licença de plantação e as limitações nos apoios (via ProDeR - Programa de Desenvolvimento Rural), "que nunca irão ultrapassar os 40%", o presidente da APA prevê que estes factores sejam um "travão" natural à instalação de novas plantações e não haja "inundação" da casta.

O autarca de Melgaço, Manoel Batista, diz aguardar ainda um es-

tudo "sério" sobre o impacto do alargamento, mas nota que, em período de transição, a sub-região "aguçou o engenho" e tem vindo a ganhar qualidade e notoriedade nos mercados nacional e internacional devido à "capacidade criativa" dos produtores.

"Ainda ninguém tem números do impacto que a medida teve ou poderá ter na sub-região. Esse foi um dos nossos grandes argumentos, precisávamos que alguém fizesse um estudo sério", sublinha o autarca.

"Neste momento, até porque estamos na fase de transição legislativa, não me parece que se sintam impactos", observa o autarca, congratulando os esforços dos produtores e entidades envolvidas numa campanha promocional dos vinhos da sub-região de Monção e Melgaço que tem dado resultado. "A sub-região tem conseguido aumentar volumes de venda e a sua notoriedade no território nacional e nos mercados externos. Os produtores têm sido capazes de melhorar a qualidade dos seus produtos e tem sido capazes de produzir com qualidade", salienta

Ao aperfeiçoamento de técnicas e estratégias de quem vende, o edil enumera também a aposta de ambos os municípios da sub-região, um investimento que Melgaço continuará a fazer a par da luta para que se reverta o acordo assinado há pouco mais de um ano. "O município, conjuntamente com a adega "Quintas de Melgaço", continuará a lutar no sentido de forçar a continuidade da situação que tínhamos, que era a produção exclusiva", esclarece.

## Exclusividade: Recomendação do PSD foi ajuda ou presente envenenado?

A questão não passará, é certo, pela Assembleia da República, um palco onde a questão da exclusividade foi defendida e atacada... pelos mesmos, garante o autarca.

"A [votação da recomendação

da manutenção da exclusividade na] Assembleia foi um momento provocado pelo PSD do distrito [de Viana do Castelo], alertado pela Adega Cooperativa de Monção. E foi a Adega de Monção que espoletou junto dos deputados do PSD do distrito a questão do alargamento para que esta fosse levada ao parlamento, secundada depois por todos os grupos parlamentares, que permitiu a votação de uma recomendação de não alargamento ao Governo. Por muito irónico que pareça, foi precisamente esse grupo parlamentar e esse Governo que depois veio a aprovar a alteração da legislação. E num curto espaço de tempo, no espaço de seis meses. É uma coisa difícil de entender", atira.

Perante a mudança de entendimento em tão reduzido espaço de tempo, o autarca diz desconfiar das intenções "benévolas" que à altura o PSD distrital teria para com a sub-região. "Aquilo que se lê à partida é que a intenção era benévola, mas não sei se alguém tinha outras intenções quando levou a questão a esta discussão".

O que teme a sub-região de Monção-Melgaço? Um mercado que no futuro terá mais opções, obrigando a ajustar preços, ou a perda de padrões qualitativos dos alvarinhos produzidos na região dos Vinhos Verdes? "O que é mais temível é aquilo que está no acordo que foi celebrado há um ano. As forças vivas da sub-região serem capazes de darem um tiro no pé, ao fecharem a venda da nossa uva da forma como fecharam neste acordo. As plantações feitas fora poderão ser relevantes e trazer uva e vinho de valor mais baixo do que o praticado na sub-região, mas aí a qualidade será capaz de distinguir e fazer a diferença. Não é por acaso que as grandes empresas acautelaram, no negócio ruinoso que foi celebrado, continuar a comprar uva no nosso território. Não foi pelos nossos olhos bonitos, é porque a nossa uva é diferente. Não temos a temer na confrontação da qualidade, temos a temer é no negócios que foram feitos", aponta Manoel Batista.

João Martinho

# História do Angelino

## >> CAPÍTULO III

Amadurecido com tanto sofrimento o Angelino passou a reflectir sobre a vida e sobre a carga que ele representava para a família. Percebia a enorme dificuldade do pai que lutava com enorme embaraço financeiro. Pagava desta vez, seis escudos por dia pelo internamento, sem ter rendimento para tal. Em virtude de tanta dificuldade voltou para casa sem terminar o tratamento. Não caminhava e por tal ficou mais dois anos de cama. Um dia, não lembra a data, um jovem, filho do sr. Américo Cerejeira, habitante do lugar, formou-se padre e a missa nova ia acontecer no domingo, na igreja da freguesia de Espargo, às nove horas da manhã. Quase todos os moradores da freguesia foram convidados para a missa e para a festa que se seguiria, menos a família do Angelino. Não se tratou de falta de consideração, simplesmente para lhes poupar despesas pois era público e notório as dificuldades que aquela família passava com a doença do rapaz. Era uso quase sagrado, que para uma solenidade daquelas, cada convidado devia ofertar um presente. Na festa estava um outro padre ordenado há pouco tempo que viera prestigiar o novo colega. Alguém contou a este padre, o sofrimento do Angelino e as enormes dificuldades da família. Foi este padre que fez o sermão durante a missa nova e na prelecção fez um apelo comovente a todos os fiéis para que, com todo o fervor e devoção, pedissem em oração a Deus Pai Criador, saúde para o único jovem do lugar que não podia estar presente naquele momento. Todos sabiam de quem se tratava e contritos fizeram a oração.

Oh! DEUS BENDITO, O MILAGRE ACONTECEU! Naquele preciso momento o Angelino levantou-se da cama, ficou em pé e conseguiu caminhar com dificuldade até à janela do quarto onde viu o vai e vem das pessoas que iam e vinham da igreja. Mais um pouco de esforço, cambaleando, foi até à cozinha onde a mãe fazia o almoço. Ao ver o filho em pé, caminhando, a alegria da D. Palmira foi tanta, que desmaiou. Foi o Angelino que, com grande dificuldade, ajudou a mãe a levantar-se. Quando ela se refez, o filho beijou-a ternamente, dizendo-lhe: "Mãe, eu tenho de ir à igreja!" Amparado pela mãe e pela irmã foram à igreja. O Angelino ajoelhou-se perto do altar de Nossa Senhora e, contrito, agradeceu fervorosamente, a graça recebida. No esforço de se ajoelhar uma veia da perna rebentou e sangrou sem ele dar por isso, tão absorvido que estava na oração. Foram as outras pessoas que lhe chamaram a atenção. Em poucos minutos a hemorragia cessou. A partir daquele momento, passou a caminhar sem precisar de muletas e sem sentir dores. Ficara curado!

Desde então passou a levar uma vida normal igual aos outros rapazes do seu tempo. Consciente da vida que queria levar achou que devia trabalhar. Tomou conhecimento que a Fábrica Suil precisava de empregado para bater o ponto da manteiga, que era feito com as mãos. Candidatou-se e foi aceite.

CONTINUA

Manuel Felix Igrejas

## SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

## MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO

TELEM. 969 065 676



# Depois das redes sociais, proposta ganha forma Grupo de empreendedores quer criar uma Associação Empresarial em Melgaço

Depois de alguns meses de avaliações, inquéritos e auscultação do tecido empresarial local, o grupo de Empreendedores de Melgaço propõe-se sair das redes sociais para a rua e o projecto é arrojado: Criar uma associação de empresários/comerciantes do concelho. Sem pretender romper laços ou “ferir susceptibilidades”, o grupo de fundadores quer juntar a comunidade de empresários locais em torno deste projecto, criado com sentido crítico do contexto empresarial melgacense.

Para percebermos alguns contornos desta estratégia, que será apresentada à comunidade melgacense durante o Mês de Fevereiro, colocamos algumas questões a Frederico de Sousa, co-fundador de Empreendedores de Melgaço.

**A Voz de Melgaço (AVM) - Há quanto tempo se formou este grupo de empreendedores? São quantos e de que sectores de negócio?**

**Frederico de Sousa (FS) -** A página de Facebook de Empreendedores de Melgaço está a funcionar desde Março do ano passado e foi o resultado de inúmeras conversas entre diferentes pessoas desde o Natal de 2014, preocupadas com o desenvolvimento económico de Melgaço e a predominância de um pessimismo na população, motivado em parte pela perda da exclusividade do Alvarinho que terá um impacto muito negativo na economia local.

Aí, decidimos criar a página cujo objectivo sempre foi motivar, criar a reflexão e o debate, tentar mostrar que há muitas formas de fazer as coisas e que o ponto de partida seria sempre a união de esforços, pois que entre todos, mediante o dialogo construtivo, podemos construir um futuro diferente. Pouco a pouco o projecto foi evoluindo: começámos a prestar atenção aos problemas dos empresários e aprendemos a ouvi-los. Nesta altura, posso afirmar que o número de melgacenses envolvidos supera em muito as melhores expectativas, existem diferentes grupos de trabalho e estão representados todos os sectores económicos.

**AVM - O que motivou este grupo de empreendedores a avançar para a intenção de formar de uma Associação Empresarial?**

**FS -** O objectivo de Empreendedores de Melgaço nunca foi for-

mar uma associação empresarial, apenas queríamos motivar os melgacenses para que o fizessem, uma iniciativa privada e independente. Mas, como referi anteriormente, de forma natural começámos a ouvir e a prestar atenção aos empresários.

Em Julho, detectámos muitas queixas sobre a Gestão das Termas do Melgaço, o que afectava todo o tecido empresarial do concelho e em especial o do Peso. Era uma situação complicada porque a Cura Aquae – Termas de Melgaço E.M é uma empresa municipal e não queríamos criar uma polémica. No entanto, decidimos realizar um pequeno estudo de mercado em colaboração com o projecto Nonconformist, pertencente ao Departamento de Economia da Universidade de Évora, já que casualmente um melgacense era um dos seus co-fundadores. O resultado obtido dava a razão a todas as queixas e em nenhum momento sentimos que existisse nenhuma associação empresarial preocupada com o tema. Foi aí que decidimos que tínhamos de dar um passo em frente e aumentar as metas. A 3 de Agosto publicámos as nossas conclusões e de forma pública anunciámos a intenção de criação uma associação empresarial em Melgaço. Desde esse momento começámos a estudar que tipo de associações existem em Portugal assim como em outros países, ver os modelos organizacionais, enfim, cinco meses de trabalho com muitos profissionais, catedráticos, investigadores, associações assim como continuamos a prestar atenção aos pequenos empresários e jovens de Melgaço.

**AVM - Que avaliação fazem do trabalho da Associação Comercial para os Concelhos de Monção e Melgaço (ACICMM) nos últimos anos?**

**FS -** É complicado avaliar resultados quando não se conhecem as metas, mas é de sentido comum que, se chegámos a este ponto é porque em Melgaço o desempenho foi bastante fraco.

**AVM - Mas é possível criar uma associação de empresários em Melgaço, existindo já um organismo criado para o mesmo efeito? Não seria preferível uma participação mais activa dos empresários melgacenses nos órgãos directivos da ACICMM?**

**FS -** Numa economia de livre mercado, a concorrência fortalece

as empresas. O mesmo princípio pode ser aplicado ao associativismo empresarial. Será bom para todos que existam diferentes visões, o grande beneficiado será sempre o empresário, podendo escolher que projecto é mais eficaz para alcançar as suas metas. As associações empresariais, tal como as empresas, têm que motivar os seus membros. Não duvido que a ACICMM prefira uma participação mais activa por parte dos empresários melgacenses, mas ter que se deslocar a Monção para resolver questões é pouco prático do ponto de vista logístico. De todas as formas, o modelo de associação que iremos apresentar já no próximo mês é uma evolução do conceito que associações tradicionais como à ACICMM apresentam, adaptada a realidade pós-Troika. A sociedade portuguesa mudou, assim como a espanhola, e tendo em conta que as exportações portuguesas de bens e serviços em 2015 aos nossos vizinhos galegos representaram 951 milhões de euros, (dados da AICEP), há que se adaptar rapidamente aos novos desafios e oportunidades que a localização de Melgaço proporciona.

Um modelo mais eficaz que aposta na formação que incentiva os valores e a ética empresarial, transparência, na organização de eventos financiados por mecenato empresarial, uma forte componente de comércio internacional, a inclusão do conceito de “empREENDEDOR”, não só na vertente empresarial como também num prisma de economia solidária, mediante a criação de um Banco de Tempo e um Banco de Ideias, numa aposta inequívoca no desenvolvimento sustentável da economia em Melgaço.

**AVM - A criar-se uma associação de empresários melgacenses, recusando o papel da associação inter-concelhia, que consequências terá para a relação comercial/empresarial de Monção e Melgaço, dada a susceptibilidade de ser entendido como um voltar de costas entre os dois concelhos vizinhos?**

**FS -** É lógico que se possam ferir algumas susceptibilidades, especialmente se nos próximos meses a ACICMM não representar uma parte importante dos empresários melgacenses. Além disso, tal abriria um debate sobre a pertinência da existência de uma associação inter-concelhia. Talvez

o sentido comum se traduza no fim da inter-concelhia, passando a existir Associação Comercial e Industrial apenas do Concelho de Monção.

Contudo, isto não é um voltar de costas a Monção. Apenas as relações comerciais/empresariais terão um cariz mais profissional e adaptado à nova realidade que vivemos. Pertencemos à Euro-região da Galiza-Norte de Portugal e o Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP) entre a União Europeia e o Estados Unidos é um grande desafio para todos. O relacionamento com Monção, assim como com outros municípios próximos, é vital para todos, mas os termos de relacionamento têm que ser equitativos.

**AVM - Melgaço tem expressão comercial para manter, com dinâmica e sustentabilidade, uma associação comercial, ou terá de olhar para o território e criar laços com outros concelhos?**

**FS -** O sector comercial é de facto um dos sectores importantes que Melgaço tem, mas existem outros. Falar de sustentabilidade numa associação, nos termos em que faz a pergunta, entendo que seja do um ponto de vista económico e nesse sentido teremos que desenhar estratégias coerentes com as nossas limitações.

Quanto a dinâmica, para que tenha uma ideia, pretendemos trazer Zaryn Dentzel, fundador e presidente da Tuenti [uma empresa de tecnologia] para o primeiro Networking de empreendedorismo em Melgaço. O grupo Empreendedores de Melgaço está a tratar disso há alguns meses, tem alguma dificuldade, mas não económica, apenas de agenda e logística do convidado. Este evento será periódico e vai trazer gente muito importante ligada às novas tecnologias, de forma a criar uma cultura empreendedora entre os jovens melgacenses, mas também atrair visitantes (empreendedores e empresários) nacionais e internacionais a Melgaço, que por sua vez ativarão de forma indirecta a economia local. No fundo, é a definição de empreendedorismo, resolver um problema ou situação complicada, que predomina nesta iniciativa. Criar sinergias com outros concelhos ou instituições é o normal de qualquer associação empresarial, independentemente do número de associados que presente.



**A Voz de Melgaço - Segundo um inquérito lançado há dias na página Facebook dos “Empreendedores de Melgaço”, está prevista para Fevereiro uma reunião de empresários e população local. O que será proposto para discussão, neste encontro?**

**FS -** Haverá uma apresentação onde serão expostos os resultados dos inquéritos assim como outros estudos que realizámos ao longo dos últimos meses. Será proposto o modelo de associação que os diferentes grupos de trabalho desenvolvemos, proposta estatutária e de regulamento interno, modelo de gestão, objetivos, metas e a estratégia de implementação, entre outras questões. Tudo é susceptível de ser discutido e pretendemos que os empreendedores e empresários melgacenses o façam, com o propósito de chegar a um consenso.

**AVM - Esta é uma iniciativa exclusivamente de empresários e comerciantes de Melgaço, ou há a participação de outros órgãos e pessoas?**

**FS -** A independência do projecto é um factor chave, é uma iniciativa privada de melgacenses para melgacenses, empreendedores e empresários, residentes e não residentes. Todos os que estão a trabalhar para que esta iniciativa seja bem-sucedida usam todos os recursos ao seu alcance e fazem-no de forma altruísta, pois o projecto cativa e fomenta a participação de todos os que pretende representar.

Tem existido ajuda de projectos como o da Nonconformist, da Universidade de Évora, assim como de alguns estudantes do Instituto Politécnico de Tomar, investigadores da Universidade de Aveiro, inclusive docentes de Universidades espanholas mas tudo devido a solicitação de ajuda de Empreendedores de Melgaço para coisas concretas. Num futuro próximo, esperamos que estes contactos se traduzam em protocolos de colaboração para desenvolver projectos de I+D em Melgaço no âmbito económico e empresarial.



# 35 horas: Subvenções e Fantasias

Sempre que uma empresa vai à falência, não há princípio de confiança que proteja os seus credores, ou, pelo menos, parte deles. Grosso modo, hierarquizam-se os credores e usam-se os activos que sobram da empresa para lhes pagar, na medida do possível, seguindo a hierarquia definida.

Os portugueses têm tido umas intensivas sobre este processo com os vários bancos e empresas que foram à falência nos últimos anos. No caso de um banco que entra em insolvência, no topo da hierarquia estão os depósitos bancários de baixo valor, depois depósitos bancários de elevado valor, depois detentores de dívida sénior e por aí fora. E, claro, muita gente fica com os seus investimentos a arder, especialmente os que estão na base na pirâmide hierárquica. Por muito doloroso que seja, a verdade é que não há alternativa. Não havendo dinheiro, não há. Não é possível inventá-lo.

O que escrevi acima está previsto para empresas e, com contornos diferentes, para particulares. Mas não está previsto para o Estado. Pelo contrário, a lei presume que o Estado é sempre um bom pagador. Por exemplo, dívidas do Estado não podem fiscalmente ser incluídas nas rubricas de cobrança duvidosa. Ou seja, para efeitos fiscais as empresas são proibidas de constituir provisões (as famosas imparidades) para a possibilidade de o Estado não lhes pagar. Infelizmente, como sabemos agora, a realidade é ilegal e até inconstitucional.

Pensei nisto por causa de dois assuntos que vieram à baila nas últimas semanas. Um deles foi a redução para 35 horas do horário de trabalho dos funcionários públicos. O outro foi a declaração de inconstitucionalidade que se refere às subvenções vitalícias a que algumas centenas de políticos tinham direito, deixaram (parcial ou totalmente) de ter e voltaram a ter.

Bem sei que, do ponto de vista jurídico, os problemas são diferentes, até porque o aumento do horário de trabalho foi declarado conforme à Constituição, mas a verdade é que o argumento político é muito semelhante em ambos os casos: havia um contrato, que definia um conjunto de obrigações do Estado, e não é razoável o Estado alterá-lo unilateralmente. Evidentemente que o argumento faz sentido e evidentemente que não se devem rasgar contratos passados. Mas...

O Estado português foi à falência em 2011. Negar isto é negar a realidade. Pensar, argumentar e decidir sem ter isto em conta é como pensar, argumentar e decidir num mundo de fantasia. Esta falência não foi oficializada porque, legalmente, isso não existe. Muito provavelmente há algum princípio constitucional — talvez um princípio da continuidade do Estado no tempo — que o impede. Mas, deixando o mundo da fantasia constitucional de lado, é fácil perceber o que isto implica.

Se o Estado português foi à falência então era impossível cumprir todos os seus compromissos. Como perguntou Vítor Gaspar: não há dinheiro; qual destas três palavras não entendeu? Claro que não houve dinheiro para tudo, mas houve dinheiro para algumas coisas. Ou seja, houve uma escolha política. E essa escolha deveria corresponder a uma hierarquia bem definida, tal como se faz com os credores das empresas que vão à falência.

Numa hierarquia de prioridades, é muito pouco razoável garantir rendimentos que são, na verdade, privilégios (quase) injustificáveis. Claramente, algumas das rendas das PPP caem nesta categoria e muito mais devia ter sido feito nesta frente. Há outros exemplos, como o subsistema de saúde dos funcionários públicos, que era difícil de justificar. Fez todo o sentido aumentar os descontos para a ADSE (bem como acabar com alguns outros subsistemas) de forma a tornar todo o subsistema lucrativo, o que, na prática, se traduziu numa redução dos salários.

Aqui chegados, eu diria que o regime das 35 horas semanais

entra nesta última categoria. Não há justificação plausível para que a norma seja de 35 horas semanais no sector público e de 40 horas no privado. De todos os cortes e ajustamentos que foram necessários fazer — que, por exemplo, incluíram uma redução muito substancial dos apoios dados a famílias no desemprego e/ou na pobreza —, este não é particularmente gravoso. Bem pelo contrário, foi a correcção de uma desigualdade injusta. Repô-la é iníquo.

Com a reposição das subvenções vitalícias, com retroactivos, deixamos o reino da fantasia para entrar no reino do absurdo. Falamos de direitos que foram adquiridos até 2009, ou seja, até dois anos antes de ser declarada falência do Estado. Falamos de direitos criados pelos seus directos beneficiários, os deputados. É um caso típico de captura do interesse público por parte de interesses privados. O facto de esses interesses serem de nossos representantes num órgão de soberania, a Assembleia da República, apenas torna tudo mais aviltante. Que 30 deputados tenham feito ao Tribunal Constitucional um pedido de fiscalização sucessiva da lei que determinou o fim desse privilégio é ainda imoral porque muitos deles fizeram o pedido em proveito próprio, fazendo uso de uma prerrogativa que está vedada ao cidadão comum. Como me dizia um amigo, no mínimo, deviam aprovar uma lei que desse aos cidadãos o mesmo privilégio. Por exemplo, desde que se reunisse 5000 assinaturas, os cidadãos poderiam fazer um pedido de fiscalização sucessiva directamente ao Tribunal Constitucional, que teria de se pronunciar sobre a matéria em causa.

Com a humilhação que sofreu no Domingo passado, é impossível não ter alguma pena de Maria de Belém. Mas espero que a nossa classe política tenha percebido que o país está farto de privilégios indevidos. Já que têm dificuldades éticas, digamos assim, em acabar com eles, ao menos que o façam por mesquinhos motivos eleitorais.

Luís Aguiar-Conraria  
in "Observador digital"  
28 janeiro de 2016

## PASSATEMPOS

### PALAVRAS CRUZADAS

1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

**Horizontais:** 1. Pesquisa, cingir; 2. Feito viva voz, silêncio; 3. Assim, clamor, óxido cálcio; 4. Pregar, face; 5. Espécie de albufeira, viração; 6. Progredir, preposição, polvilho; 7. Espécie, andorinha, suceder; 10. Art.º Definido (pl.), ermo; 11. Galgo pequeno, peixe água doce.

**Verticais:** 1. Azevinha campestre, de plumagem cinzenta, no tempo; 2. Sulcar, abundância, nota musical; 3. Devastar; 4. Símbolo químico alumínio, sorrir; 8. Antes Cristo, entre nós; 9. Tomar o taco; 10. Voar, caridoso, jurisdição episcopal; 11. Utensílio doméstico para ralar, grande resplendor.

### SOPA DE LETRAS

Tenta enumerar em qualquer direcção, "SERRAS DE PORTUGAL"

Q	W	E	R	T	Y	R	O	C	A
C	Z	X	C	O	U	I	O	P	A
A	C	V	B	R	A	S	D	G	G
B	A	O	L	U	M	A	R	A	C
R	L	O	S	M	S	D	H	G	J
E	E	S	C	E	R	C	A	L	Y
I	R	S	S	T	D	H	L	C	B
R	A	A	E	N	S	X	V	V	N
A	M	X	R	O	O	J	A	O	S
N	A	C	G	M	Z	X	O	J	K

### CHARADAS

**Combinadas**  
 \_\_\_ + CO = Haste flexível  
 \_\_\_ + CO = Árido  
 \_\_\_ + CO = Bagatela  
 \_\_\_ + CO = Bactéria forma arredondada  
 Conceito: Símbolo químico

**Saltitantes**  
 1 2 3 4 = Cidade eterna  
 4 3 2 1 = Esmero  
 1 4 3 2 = Magote  
 3 2 1 4 = Delonga  
 4 1 3 2 = Urdo  
 3 4 1 2 = Planta medicinal

**Quadrado**  


 = Mortificar  
 = Mordaça  
 = Castilho  
 = Quadra da proa  
 = Arrulhar

### PROBLEMA

Substituir os traços por letras de forma a encontrar nomes de "SERRAS DE PORTUGAL"

_____ T _____	C _____
_____ E _____	___ A _____
___ R _____	___ L _____
___ E _____	___ C _____
___ S _____	___ U _____
_____ A _____	_____ T _____
_____ D _____	_____ A _____
_____ E _____	

Colaboração: Alcídio Silva Figueiredo

**PROBLEMA**  
 Crisântemo - Hortênsia - Freixo - Rosa - Lírio  
 Gladiolo - Camélia  
 Cravo - Papoila - Tulipa - Jacinto - Violeta - Begônia

**CHARADAS**  
 Combinadas: AR + SE + NI + CO = ARSÉNICO  
 Saltitantes: ROMA - AMOR - RAMO - MORA - ARMO - MARO  
 Quadrado: MATAR - AÇOMA - TAFUL - AMURA - ROLAR

1	C	A	T	A		A				
2	O	R	A	L		V	O			
3	T	A	L		Z	O				
4	O	R	A	R		C	A	R	A	
5	V	R	I	A		R	I	A		D
6	I	R	A		D	E				P
7	A	I	V	A		O				R
8										O
9	S		O		M	E	L	G	A	S
10	O	S								S
11	B	I	G	L	E					L

### SOLUÇÕES



# Visita ao Irão

## Agosto de 2015

# Yazd, cidade do deserto



Yazd - Torre do Silêncio



Depósito de gelo, em Abarkuh



Yazd - torres de ventilação

Retomámos o autocarro para continuar a viagem rumo a Yazd, cidade do deserto, capital de província, com o mesmo nome, ao centro do Irão. Durante o percurso dominou o «imperador deserto», que se impôs como paisagem à impressão enriquecedora das ruínas das Cidades Imperiais dos Aqueménidas e Sassânidas, até Yazd.

Até Yazd tivemos três visitas: depósito do gelo; cipreste gigante; e Mesquita Jameh.

A primeira, na povoação de Abarkuh, a 150 km a sudoeste de Yazd, junto do deserto salgado, lembra o antigo depósito do gelo, um «frigorífico colectivo», com 6 m de profundidade, escalonado, da era Qajar. Externamente é visível pela sua cobertura de forma cónica. O gelo, recolhido das montanhas, entrava por uma pequena abertura, no cimo, ficando em camadas. Quando o depósito estava cheio, fechavam-no hermeticamente, mantendo, assim, o gelo armazenado e conservado durante tempos.

A sudoeste da mesma povoação, fomos ao encontro do afamado cipreste de Abarkuh, gigante, com 4 mil anos de existência, de medidas respeitadas: 35 m de altura e 4,5m de diâmetro!

Aqui o espaço verdejante convidou-nos a lanchar. Encetámos a fruta da cesta colectiva, que o guia Mayid se lembrou de encher com a recolha de alguns riais (moeda iraniana) de todos nós, não faltando nela as uvas de Xiraz que, aliás, há muito esperávamos. A fruta só aparece ao pequeno-almoço nos hotéis.

A Mesquita Jameh é uma construção dos séculos X e XI, de cor ocre do deserto, passando despercebida, no entanto, foi a sua simplicidade, que se gravou

*Continua na pág. 31*



Yazd - Templo do Fogo zoroastriano



Yazd - local de oração do Imã na mesquita, com o tapete e a pedra



Yazd - andor



Yazd - doces tradicionais



O pico da água



Mesquita Jameh de Abarkuh, em barro



Yazd - porta antiga com os típicos batentes



Yazd - pormenor da Mesquita Masjed-e Jameh



Yazd - vista do Amir Chakhmagh



Célebre cipreste de Abarkuh



*Continuação da pág. 30*

na nossa retina, mal a avistámos. É constituída por um pátio interno com arcadas, uma sala de orações, abobadada. O minarete é de barro, assim como todo o conjunto.

Depois, chegou a hora do repasto. Enquanto nós, sentados à mesa, comíamos, os homens iranianos faziam-no, descalços e reclinados, num patamar elevado do solo, como os Romanos. Estes estrados são à volta da sala.

A viagem continuava de autocarro, a paisagem passava, o deserto desvendava, aqui, tufos de plantas rijas, acolá, imensos rebanhos de ovelhas e de cabras. São dos nómadas (cerca de dois milhões e meio de rebanhos em todo o Irão). Nos meses de Abril a Novembro povoam o deserto, durante o Inverno, acrescentam cor nova aos vales do sul de Xiraz.

A dada altura a paisagem mudou. Montes elevadíssimos, esmagadores, encristavam-se, como o «pico da águia», a sugerir a ave de rapina.

Ao cair da noite, entrávamos em Yazd, de seguida, no hotel, e lá ficámos. Percorremos 442 km!

No dia seguinte, novo impulso. Os nossos olhos, paulatinamente, iam devassando Yazd na sua simplicidade do deserto. Linda pela cor barrenta dos edifícios, pelas suas coberturas redondas de argila; pelas imensas torres de ventilação, junto das casas; pelos bazares; pelas vielas sinuosas. Depois, pela revelação dos seus monumentos zoroástricos: Torres do Silêncio (cemitério) e Templo do Fogo; por fim, pela beleza das duas Mesquitas: Jameh ou principal, ou do culto à sexta-feira, e conjunto monumental de Amir Chakhmagh.

Pelas 8.30 h, quando o sol já escaldava, dirigimo-nos para as Torres do Silêncio ou cemitério zoroástrico, nos arredores de Yazd, à saída para a cidade de Kermán. O grupo dividiu-se em dois para fazer a subida, mas a maior parte ficou a ver-nos. A custo, lá chegámos ao Silêncio dos silêncios! São duas colinas, separadas, as quais diferem somente no tamanho. No cume há um recinto ou torre circular, onde, a céu aberto, colocavam os cadáveres que as aves de rapina devoravam. Os ossos, mais tarde, eram lançados num poço aberto, existente no interior das torres, com cal viva. Fora das torres, há várias construções de adobe, onde se celebravam as cerimónias prévias à «inunção». Esta prática, porém, não foi somente usada pelos Zoroastrianos, mas também pelos Tibetanos e indígenas norte-americanos, entre

outros. No século XX, por razões de saúde pública, foi proibida. Está tudo em ruínas.

Já na Cidade, fechámos o trajecto da cultura zoroástrica com a visita ao edifício mais importante dos seus seguidores: Templo do Fogo, construído em 1934 a expensas de zoroastrianos, descendentes dos antigos Persas, em Bombaim, na Índia. O edifício, moderno, tem um pequeno lago no pátio exterior; dentro, num altar, guarda-se o fogo sagrado, que dizem arder, sem interrupção, desde o século V. Esta chama foi trasladada duas vezes, estando em Yazd desde 1474. Em 1935, transferiu-se para este novo edifício.

A fachada principal apresenta o símbolo zoroastriano, visto nos baixos-relevos de Persépolis, pelo facto dos reis aqueménidas e sassânidas praticarem esta religião. Consta de uma pessoa, de perfil, o guardião do espírito, Fravahar. A sua cabeça simboliza a experiência e ciência; a mão direita, levantada, aponta o caminho de Deus; a esquerda segura um anel, que simboliza o todo, a unidade. O círculo maior representa a eternidade e a reflexão das pessoas sobre as suas acções. Esta figura situa-se no meio de uma espécie de asas abertas: as da frente simbolizam os bons pensamentos, boas palavras e acções; as da retaguarda, o oposto. Há ainda duas pontas de corda de cada lado: o Bem e o Mal, respectivamente, à frente e atrás.

Seguimos a pé para a Mesquita Masjed-e Jameh (séc. XII e XIV), a norte de um dos bazares. A fachada principal é grandiosa, elevadíssima. Dizem ser a mais alta e elegante do Irão, bem como os seus dois minaretes; a cúpula, de planta octogonal, ergue-se do conjunto, harmoniosamente. Dentro, arrumadas, numas prateleiras, estão umas pequenas pedras para os crentes apoiarem a testa, durante as orações.

Prosseguimos para o conjunto monumental de Amir Chakhmagh, do século XV, constituído por duas partes: uma, porta do bazar Amir Chakhmagh, outra, uma pequena Mesquita. O interessante deste conjunto prende-se com a sua majestosa portada, semelhante à de uma mesquita. Dela se estendem lateralmente dois corpos em dois níveis, em forma de arcos ogivais; a parte central eleva-se em três corpos flanqueados por dois lindíssimos minaretes do século XVIII. Os azulejos de cores mais suaves, a sobressair a cor castanha, dão um toque elegante ao monumento.

O recinto guarda a estrutura de um «andor» de grandes di-

mensões. Sai nos períodos de solenidades.

A realidade ultrapassou as previsões da imaginação a cada passo: bazar; ruelas, becos estreitos e sinuosos; torres de ventilação.

Os bazares são bastantes, à volta dos aglomerados, para compras do dia a dia e para outras mais circunstanciais como vestuário, artigos de ouro, prata, tapeçarias, um rol de artesanato.

As ruelas, as «sabbats», são muito estreitas, e unem-se por arcos, os quais as arejam, e dão sombra. Não se ouve falar, apenas se vêem circular, tapadas, rostos mudos, aqui um, acolá outro.

Presos às surpresas, vimos que, algumas casas destes becos, têm nas portas dois batentes desiguais: uns usados pelos homens, outros, pelas mulheres. Isto porque em tempos mais antigos, nalgumas casas, as mulheres e os homens não se agregavam. Assim sendo, o som do batente identificava a visita masculina ou feminina.

Mas a marca da Cidade reside nas suas torres de ventilação ou «badgirs», partes do antigo sistema de ar condicionado ecológico, espalhadas pelos bairros. Estas estruturas de argila, palha e gesso compõem-se de quatro partes: o corpo da torre, suporte aéreo, alas flexíveis e telhado coberto. O seu funcionamento consiste em captar, e reter a brisa pelas muitas entradas de ar que possuem, levando-a até ao fundo da casa, onde existe uma espécie de piscina com água fria, levada por vários canais que percorrem todo o subsolo. O ar passa pela água, e refresca a casa.

A água da Cidade é armazenada em cisternas cilíndricas subterrâneas, alimentadas por canais. Sobre elas há uma cúpula muito arredondada, donde se extrai a água. Cada depósito costuma ter duas ou quatro torres de ventilação.

O almoço foi num emblemático estabelecimento de Yazd, outrora local dos banhos antigos do bazar Khan. As diferentes piscinas foram convertidas em casas de chá. A sala onde almoçámos ficava abaixo de uma delas. Interessante foi a sobremesa: constou dos tais doces tradicionais com nozes, pistácios e outros muito aromáticos. Fomos vê-los comprar à pastelaria, para a cesta comum. Aproveitámos também para apreciar a melhor casa do género em Yazd.

No fim do almoço, dirigimo-nos para o autocarro que nos levou a Isfahan.

*Texto: Maria Nadele C. Lopes*

*Fotos: Ester Taveira*

# GAZETILHA

## Tricas & Dicas

### A caminho de Belém:

Criou expectativas e deu troco!...  
Alertou consciências e deu soco!...  
Bateu palmas sem soar a oco!...  
Confraternizou sorrisos e deu mofo!...  
Mergulhou vaidades e deu torto!...  
Gritou canga e deu horto!...  
Rosnou fanfarronice e deu coco!...  
Trouxe espanhóis e deu mofa!...  
Lutou divórcio e deu coça!...  
“Hiperativou” candidatura e deu moosa!...  
– Então?!...  
Ala que se faz tarde!...  
De Espanha?!... Nem bom vento... nem bom casamento!...  
Do Estrangeiro?!... Muito riso... pouco siso!...  
Do Berço?!... No melhor pano... cai a nódoa!...  
Da interioridade?!... Na adversidade... é que se prova a amizade!...  
Da fanfarronice?!... Bem mal ceia... quem come de mão alheia!...  
Do proletariado?!... Mais vale um “toma”... do que dois “te darei”!...  
Do activista?!... A justiça...começa em casa!...  
Do académico?!... Da discussão... nasce a luz!...  
Do oportunista?!... Quem muito abarca... pouco abraça!...  
De Belém?!... Assim como vive o rei... vivem os vassallos!...  
– Esta é a hora da verdade!

*Álvaro Carvalho*

## A Caminho da Terra Santa – XVIII

### Descobrimo o 5º Evangelho

### 15 a 25 de Setembro de 1968

## De Nazaré a Haifa

Do Monte Tabor, abrupto e de calcário duro, seguimos para Nazaré, e que desde 1948 pertenceu ao Estado de Israel, o qual agrupou ali os Árabes logo de início.

Nesta cidade já se não vêem os trajes árabes.

As mulheres vestem à Ocidental e com graciosidade.

Nazaré foi o lar de Jesus, que viveu aí até ao início da vida pública.

A muitos fará espanto ao ler o sagrado Evangelho e referir-se à ida da Virgem e de S. José a Belém, ou ao Templo, em Jerusalém, dada a distância que separa Nazaré das duas cidade referidas.

O Guia deve ter surpreendido essa pergunta no nosso olhar, e respondeu-nos sem que lhe tivéssemos feito.

– Hoje fazemos o percurso de Jerusalém a Nazaré em três horas; no tempo de Jesus, gastavam-se três dias.

Nazaré aparece-nos na encosta de um monte por entre um arvoredado escuro que contrasta

com o casario branco da cidade.

Vemos casas novas por toda a parte.

Colocada em anfiteatro, agrada aos olhos, até pela frescura que se adivinha existir.

Tem muitas igrejas e conventos, e nós dirigimo-nos à Fonte da Virgem.

Situada numa praça airosa, a gente aproxima-se para beber.

À mente de todos, e ao coração, vem a lembrança daquela fonte onde a Virgem se abastecia para os cuidados domésticos.

E os nossos olhos regalam-se através das imagens criadoras daqueles artistas que apresentam Maria Santíssima a lavar as roupas do Seu Menino...

Nazaré foi o local da Anunciação e da vida oculta de Jesus.

Esta mesma cidade guarda ainda a memória da visita de S. Luís em 1252, pois que aqui os Cruzados travaram os derradeiros combates, e aqui morreram numerosos cavaleiros dos Templários.

*Continua na pág. 32*



# A Caminho da Terra Santa – XVIII

## Descobrimo o 5º Evangelho - 15 a 25 de Setembro de 1968

# De Nazaré a Haifa



Continuação da pág. 31

Da Fonte da Virgem seguimos para a gruta da Anunciação, tendo antes visitado a igreja construída sobre ela, e que é recente.

A casa da Virgem é uma gruta talhada na rocha.

Descemos para a ver, e rezamos.

Entretanto o padre Vieira, de Sesimbra, celebrou a santa missa.

Ao meio da tarde, rumamos para Haifa, aonde iríamos pernoitar.

O dia fora intenso em visitas e duro pelo calor que fazia. Por isso o vir pernoitar a Haifa era desejável e agradável.

De Nazaré a Haifa tomámos contacto com Israel agrícola e industrial.

Campos de cultura, laranjais numerosos, colónias agrícolas, e indústria, tudo nos aparece de um e outro lado da estrada: moderna, bem alcatroada, e otimamente cuidada.

Dirigimo-nos para a zona costeira, que é a região mais densamente povoada de Israel, a qual vai desde o norte de Haifa até ao sul de Telavive.

Os laranjais oferecem um espectáculo muito agradável: campos rectangulares com laranjeiras bem alinhada de baixo porte, e

resguardadas dos ventos em toda a volta por ciprestes.

É sexta, o dia em que viajamos de Nazaré para Haifa.

A cidade está deserta, porque a sexta é o dia de descanso dos árabes.

É já noite quando subimos a encosta, que domina a cidade e o porto, cujo espectáculo é surpreendente de luz.

A encosta está coberta de pinheiros, e as vivendas emergem airosas e bem construídas por toda a parte, a espreitar S. João de Acre ao longe por entre a ramagem das árvores.

Descemos do autocarro para entrarmos no hotel: moderno e cosmopolita.

Na recepção surpreendemos um empregado que fala correctamente o português. Esteve no Brasil.

Haifa, verificá-lo-íamos mais tarde, não nos dá a impressão de uma cidade asiática.

Se nos esquecéssemos do nome da cidade e do local, diríamos que estávamos em qualquer cidade italiana ou francesa do Mediterrâneo.

A temperatura é agradável. Apesar de tudo, há em todos os quartos ar condicionado.

Todos os quartos têm casa de banho.

Não são amplos: aproveitaram bem as dimensões, tornaram-nos funcionais, e são cheios de conforto e de intimidade.

Soou a hora de jantar.

As mesas – e são numerosas numa ampla e luminosa sala de jantar – estão bem arranjadas.

Aqui e acolá um judeu, que conhecemos pelo “solidéu” que levam na cabeça

Alguns recolhem-se em oração antes de se sentarem, bebem um golo de vinho que já está no copo, compartilham-no com a mulher, e iniciam a refeição.

O nosso grupo tomou posições para o jantar, com o desejo manifesto, mais de descansar do que de comer.

Os monges franciscanos do Monte Tabor tinham servido um almoço frugal, mas saboroso e à italiana.

Não faltava o vinho, a cerveja, os sumos, à escolha da carteira de cada um.

Foram simpáticos e generosos.



Basílica de Nazaré



Lago de Tiberíades e Monte das Bem Aventuras ou Sermão da Montanha



Nazaré hoje, quase cinquenta anos depois

O percurso feito fora longo, as visitas, ainda que em menor número do que nos dias anteriores, foram pesadas e batidas de sol escaldante, apetecia, portanto, descansar.

Frente à sala de estar do hotel havia uma esplanada com mesas, cadeiras e cadeiras de baloiçar.

Estávamos a aproveitar a fresca da noite, quando se nos dirige um casal em espanhol, a perguntar-nos se éramos portugueses.

Ao receber a afirmativa, demorou-se connosco, a contar-nos a sua vida: era uma casal alemão, que fizera fortuna na Argentina,

onde vivia, e andava a dar um passeio pelo mundo.

Ficara delirante com o Lago de Tiberíades.

Espicçou-nos a curiosidade desta visita que faríamos no dia seguinte.

24 de Outubro de 1968  
in “Diário do Minho”